



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Escola Superior de Desenho Industrial

# MARIAS

**PROJETO EDITORIAL**

**SUELLEN DE OLIVEIRA ARRUDA**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Escola Superior de Desenho Industrial

# MARIAS

**PROJETO EDITORIAL**

**SUELLEN DE OLIVEIRA ARRUDA**

Trabalho de Conclusão de Curso

Orientadora: Barbara Szaniecki

Rio de Janeiro | Agosto de 2021

## **Resumo**

Marias: projeto editorial apresenta como objetivo ressaltar a importância da visibilidade da literatura preta lésbica no circuito literário. O projeto questiona a atual representatividade de mulheres múltiplas que vivenciem suas sexualidades fora do padrão pré-estabelecido pela sociedade. O livro seleciona quatro autoras, duas estrangeiras e duas nacionais no qual suas produções textuais exaltam o afeto entre mulheres.

O conteúdo é formado por trechos de ensaios, contos, crônicas e poemas dessas escritoras, além de experimentações cartográficas e aplicação de ilustrações das autoras para compor o editorial. O projeto foi desenvolvido por Suellen de Oliveira como projeto de conclusão na Escola Superior de Desenho Industrial, sob a orientação da professora Barbara Szaniecki.

**Palavras chave:** representatividade preta lésbica; literatura; design editorial; ilustração; cartografias.

## **Agradecimentos**

Possivelmente existem muitas maneiras de começar os agradecimentos e sendo uma pessoa bem clichê dado ao momento gostaria de agradecer primeiramente ao governo do PT e ao sistema de cotas nas universidades públicas. E graças as políticas de cotas, os quais muitos serão os primeiros a se formarem no ensino superior de suas famílias e até redes de afetos, tenho esperanças que possamos continuar nessa trajetória e luta por nossa permanência e existência nesses ambientes.

A ESDI é um espaço que possibilita muitas vivências aos seus alunos, professores e todos os funcionários os quais permitem nossa permanência na instituição. Ironicamente talvez nunca consiga expressar em palavras os sentimentos gerados durante essa etapa da minha vida. A faculdade foi um dos primeiros ambientes o qual me senti verdadeiramente livre para ser quem gostaria de ser, sem muitos dos julgamentos que infelizmente ainda enfrentamos na sociedade. Durante esses seis anos tive muitas alegrias, tristezas, brigas, afetos, enfrentamentos e questionamentos sobre diversas situações, porém fico extremamente feliz por tudo que

construí não apenas como estudante de design e profissional da área como também o crescimento pelo meu crescimento pessoal.

Com isso, gostaria de agradecer a todas as amizades feitas durante essa etapa. Obrigada a todos que apoiaram de maneira indireta e direta para que minha permanência na faculdade fosse possível, não apenas no desenvolvimento desse projeto de conclusão. Agradeço aos professores os quais seguem na luta para um ensino de qualidade, em especial gostaria de agradecer a minha orientadora Barbara Szaniecki por toda a paciência, dedicação e humanidade na transmissão do seu conhecimento, não apenas nos meses de orientação mais também em todos os anos os quais tivemos a oportunidade de trocar experiência na sala de aula, seja presencial ou virtual. Obrigada por organizar meu “caos”, durante essa jornada de conclusão de curso em um momento delicado para todos nós, devido a pandemia, obrigada por valorizar minhas vivências e todo apoio.

Gostaria de agradecer a turma 53, por todos esses anos juntos, aos momentos que tivemos de felicidades, surtos e reclamações. Também em especial, quero agradecer ao grupo das Beths, por cada momento que tivemos juntos, sorrisos,

palhaçadas, companheirismos e particularmente por terem me aceitado do meu jeito reclamação e negativa na maior parte do tempo. Sou imensamente grata a construção da nossa amizade, vocês são uma das minhas maiores redes de apoio desde o início, sempre estive numa realidade onde meus laços sanguíneos nem sempre se “mostravam” como único norteador do conceito de família. Por isso, agradeço por vocês serem a minha família durante todos esses anos e espero a continuidade desse afeto.

Hillary de Oliveira, sabemos que você é muito modesta, mas gostaria de te agradecer por compartilhar seu conhecimento e ter ajudado absurdamente no desenvolvimento desse projeto, literalmente você foi a primeira pessoa que falei antes de entrar na esdi (quando ainda estava na dúvida de qual faculdade ir), obrigada por ser gentil e ter me respondido a uma desconhecida da rede social, fico muito feliz pela nossa amizade e mais uma vez obrigada. Ao meu amigo Marcelino de Oliveira, obrigada pela imensa ajuda com a papelada e burocracia uerjina, basicamente nem sabia onde era o campus da ESDI e você ainda me acompanhou também até o momento da matrícula, obrigada por não desistir.

# SUMÁRIO

## 1. INTRODUÇÃO | 09

- 1.1. Qual o papel da literatura?
- 1.2. Por que falar da mulher preta lésbica?
- 1.3. Objetivos
- 1.4. Questões de pesquisa

## 2. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA | 15

- 2.1. Gêneros literários e a literatura lesbiana
  - 2.1.1. Em quais gêneros e/ou subgêneros literários a lesbianidade se encaixa?
  - 2.1.2. Como classificar a literatura lesbiana?
- 2.1. Tema e autoras
  - 2.1.1. Artigos
- 2.3. Referências estéticas
- 2.4. Referências cartográficas

## 3. METODOLOGIA CARTOGRÁFICA | 45

## 4. PRIMEIRAS EXPERIMENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS E DEFINIÇÃO DA PROPOSTA | 51

- 4.1. Primeiras experimentações cartográficas
  - 4.1.1. Cartografias gerais
  - 4.1.2. Cartografias específicas
- 4.2. Definição da proposta Inicial

## 5. ESTUDO DE CASOS | 66

- 5.1. Editora Ubu
- 5.2. Editora Bazar do Tempo
- 5.3. Editora A Bolha
- 5.4. Considerações sobre o estudo de caso

## **6. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO EDITORIAL**

| 73

6.1. As divisões do livro

## **7. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO GRÁFICO | 77**

7.1. Primeiras experimentações

7.1.2. Primeiras experimentações

das ilustrações

7.1.3. Aplicações das primeiras ilustrações

nos spreads

7.1.4. Segunda etapa das experimentações

7.1.5. Uso de detalhes ilustrativos

7.1.6. Desenvolvimento da capa

## **8. PALETA DE CORES | 115**

8.1. O uso de cores nas ilustrações

8.2. Materiais usados no processo de coloração

8.3. Cores no projeto gráfico

8.4. Cor aplicada nas páginas

## **9. TIPOGRAFIA | 121**

9.1. Post – it

## **10. CARTOGRAFIAS NO EDITORIAL | 131**

## **11. GRID | 140**

11.1. Formato da publicação

## **12. FINALIZAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO | 142**

## **13. CONCLUSÃO | 144**

## **14. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ANEXOS**

|148

## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1. Qual o papel da literatura?**

A literatura tem a capacidade de construir, ressignificar e evidenciar as realidades dos indivíduos. Esta apresenta um papel importante na representação das ações e relações humanas, o que pode contribuir no processo de apagamento social de grupos minorizados ou também possibilitar a reconstrução de vivências desses sujeitos marginalizados por uma sociedade patriarcal, racista e heteronormativa. Por isso, é de grande importância a construção e identificação de novas narrativas literárias de grupos historicamente excluídos do poder.

A escrita feminina apresenta um contínuo histórico de apagamento social e é constantemente excluída das produções literárias, contribuindo para essa invisibilidade que são recorrentes nas mídias tradicionais (imprensa) e contemporâneas (meios digitais). O sistema político vigente produziu narrativas embasadas no sexismo e racismo em que esses indivíduos na maioria das vezes não são autores da sua própria história por isso o desenvolvimento do cânone literário brasileiro é uma extensão do discurso dominante

presente na sociedade.

Quando penso em literatura sempre retorno as minhas lembranças da primeira infância principalmente o meu processo de alfabetização, algumas dessas situações foram essenciais para direcionar meu interesse e consumo do universo literário, a primeira delas foi a dificuldade que apresentei nesse período até os oito anos, pois como ainda não tinha sido plenamente alfabetizada apesar de ter iniciado a vida escolar cedo. Enfrentava dificuldades de entender as letras e o ritmo de leitura e por muito tempo o estigma de ser “burra” permaneceu na minha vivência.

O cenário modificou – se quando minha dificuldade com o ensino foi apresentada a uma nova instituição e professora, a qual teve a paciência e experiência para recomençar a alfabetização compreendendo minhas limitações. Após esse período aprendi a ler e escrever, porém devido ao trauma ainda não tinha desenvolvido o gosto pela leitura. Além disso o escasso acesso aos livros e outras formas de ler também foram fatores importantes nesse distanciamento, entretanto foi no início da adolescência que entrei em o contato com o universo dos mangás, mudando drasticamente a minha realidade.

A partir dessa experiência desenvolvi, não apenas o gosto pelo subgênero dos quadrinhos japoneses, mas também o interesse por outras produções literárias.

### **1.2. Por que falar da mulher preta lésbica?**

A partir desse contexto particular, é na fase adulta que começo a desenvolver o interesse por uma literatura mais representativa. A busca pela identificação de vivências e experiências, direcionou a maneira que consumiria produções textuais. O interesse em textos marginais deu – se pelo questionamento de onde estariam os autores pretos e não - brancos? Como é consolidado a formação do cânone literário brasileiro? Por que outras etnias são constantemente excluídas? Ou passam por um processo de embranquecimento como ocorreu com Machado de Assis. Além disso, o constante questionamento da falta de representatividade feminina e principalmente das mulheres de cor, narrando suas próprias histórias.

A literatura também pode ser utilizada como instrumento de apagamento e desumanização dos indivíduos. Escrever e oralizar sobre mulheres pretas lésbicas é um ato de resistência e ressignificação das concepções estabelecidas

por um olhar masculino, sexista e branco os quais reforçam as relações de poder existente na sociedade. Com isso, as narrativas literárias lésbicas das mulheres de cor sofrem com o triplo de invisibilidade, pois refletem na produção literária a hegemonia existente na comunidade contribuindo para essa invisibilidade. A constante exclusão de corpos não - brancos fora do contexto heteronormativo ressalta a necessidade de humanizar esses sujeitos a partir do afeto, reestruturando a representação dessas vivências.

Essas dinâmicas de poder influenciam o consumo e transmissão desse conteúdo que encontram dificuldades desde o acesso aos livros, a traduções de diversos gêneros literários para o português, além disso existe pouco interesse concreto das editoras brasileiras (no caso o meio impresso) na propagação dessas narrativas. Segundo a pesquisa “A Personagem do Romance Brasileiro Contemporâneo”, desenvolvida pela Dalcastagne (2005), mais de 70% da produção literária brasileira ainda é produzida por homens brancos.

### **1.3. Objetivos**

#### **Objetivos gerais**

O objetivo do desenvolvimento dessa

pesquisa é investigar e relacionar as questões socioeconômicas que influenciam a produção e difusão da literatura lésbica com um direcionamento racial, buscando protagonistas pretas e não - brancas. Questionar os padrões culturais no meio literário brasileiro e porque a literatura pode ser utilizada como um “veículo” de resistência desses indivíduos marginalizados. Além de estudar textos e autoras que discorrem sobre a lesbianidade, feminismo e racialidade, não apenas em âmbito nacional, mas também de outras nacionalidades e etnias, possibilitando novas perspectivas de “ser mulher e lésbica”, analisando maneiras de promover a visualidade dessas narrativas e autoras.

### **Objetivos específicos**

- Identificar e estudar a produção textual lésbica que abordem questões raciais;
- Pesquisar os gêneros literários, autoras e obras;
- Tradução feminista como um processo de descolonial e subversivo;
- Pesquisar a atuação das editoras independentes no processo de difusão desse gênero na contemporaneidade;
- Produzir cartografias a partir dessas pesquisas;
- Realizar um Projeto Editorial que dê

visibilidade a tais questões.

#### **1.4. Questões de pesquisa**

- Quais são os fatores sociais que influenciam o meio literário?

- Como trazer essas visualidades de modo **humanizado**?

- Como o projeto de design pode dar **“visibilidade”** para essa produção textual?

**“visibilidade”**: aqui o termo é utilizado no contexto de ampliar o acesso ao conteúdo das autoras, tornando as obras acessíveis para o público. A intenção não é capitalizar a produção textual das escritoras como best-sellers, mas democratiza – las.

**“humanizar os indivíduos”**: um dos objetivos da pesquisa é questionar a desumanização recorrente na literatura dos corpos não – brancos fora dos padrões impostos pela heterossexualidade compulsória. As representações de mulheres lésbicas e não – brancas na cultura popular são sistematicamente estereotipadas ou enquadradas dentro de padrões heteros. Com isso, se constrói uma idealização desses sujeitos não apenas no meio literário, mas também em séries, filmes, novelas entre outras.

## **2. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA**

A metodologia proposta é iniciar pesquisas teóricas sobre o tema utilizando como base livros, artigos, ensaios os quais abordem questões de gênero, lesbianidade negra, textos marginais, sexualidade, feminismo, etnias e identidades interseccionais. Para além do histórico geral da literatura lésbica, outro objetivo é catalogar autoras, que participam da comunidade lésbica preta e /ou não - branca, formulando possíveis métodos na ampliação e participação do público na expansão desse projeto. Por meio, desse catalogo será possível criar um “espaço” colaborativo que dialogue também com as “comunidades” (leitores e escritores) que já existem dentro do universo virtual e apresentam propostas similares na propagação democrática desse gênero literário.

### **2.1. Gêneros literários e a literatura lesbiana**

Existem diversas possibilidades de classificação dos gêneros literários, apesar de serem fixados pela tradição, existe a flexibilidade para o desenvolvimento de novos subgrupos. A divisão clássica da Antiguidade divide-se em três grupos: narrativo, lírico e o dramático. A narrativa

literária, geralmente é composta por textos em prosa, mas também podem apresentar-se em forma de poemas como epopeias. Esta apresenta características básicas na sua estruturação: intriga, ação principal, ação secundária e narrador, além disso os personagens sofrem influência do tempo e espaço na construção dessa modalidade. O texto lírico é uma das produções textuais mais tradicionais utilizadas pela linguagem humana, os quais buscam a musicalidade da palavra por meio de versos. Uma das principais características do gênero dramático é a composição de textos escritos para serem encenados como em peças de teatro, roteiros e a teledramaturgia (imagem 1).

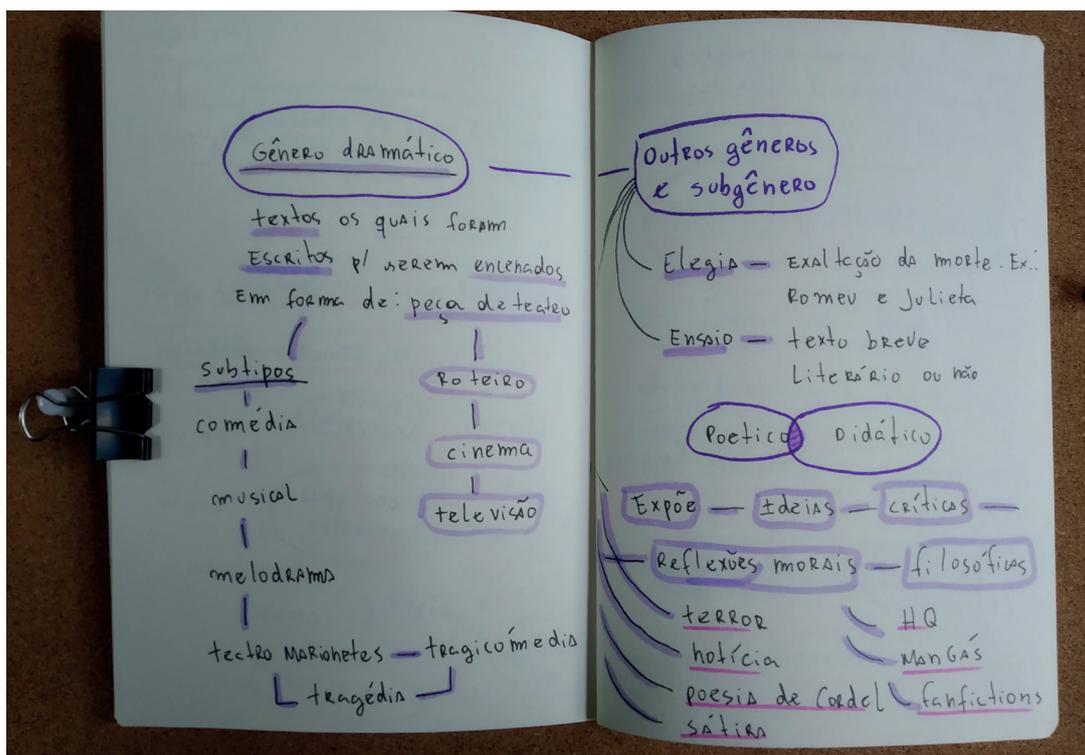


Imagem 1: anotações pessoais do processo metodológicos.

### **2.1.1. Em quais gêneros e/ou subgêneros literários a lesbianidade se encaixa?**

Não busco por meio desse estudo categorizar ou trazer uma definição definitiva da literatura lésbica, a intenção da pesquisa é buscar novas maneiras de acessar, compreender esse universo literário, além de trazer visibilidade e representatividade para um grupo historicamente excluído da mídia tradicional. A temática sáfica não é exatamente uma novidade nas produções verbais e não verbais os quais estão presentes nas linguagens humanas. A representação do afeto entre duas mulheres pode ser encontrada em escritos da Antiguidade, entretanto devido a questões de direcionamento e análises históricas dos gêneros literário, irei mencionar a poeta Safo, que viveu no século 6 a.C, na Ilha Grega de Lesbos, como marco inicial(histórico) da escrita lesbiana. A origem do termo “sáfica” é originária desse período onde foi utilizada para nomear “alguém de lesbos”, porém a palavra “lésbica” passou por um processo de resignificação na sociedade contemporânea, sendo utilizada na nomeação de mulheres homossexuais que se relacionam afetivamente e sexualmente com outras mulheres (imagens 2,3,4,5 e 6).

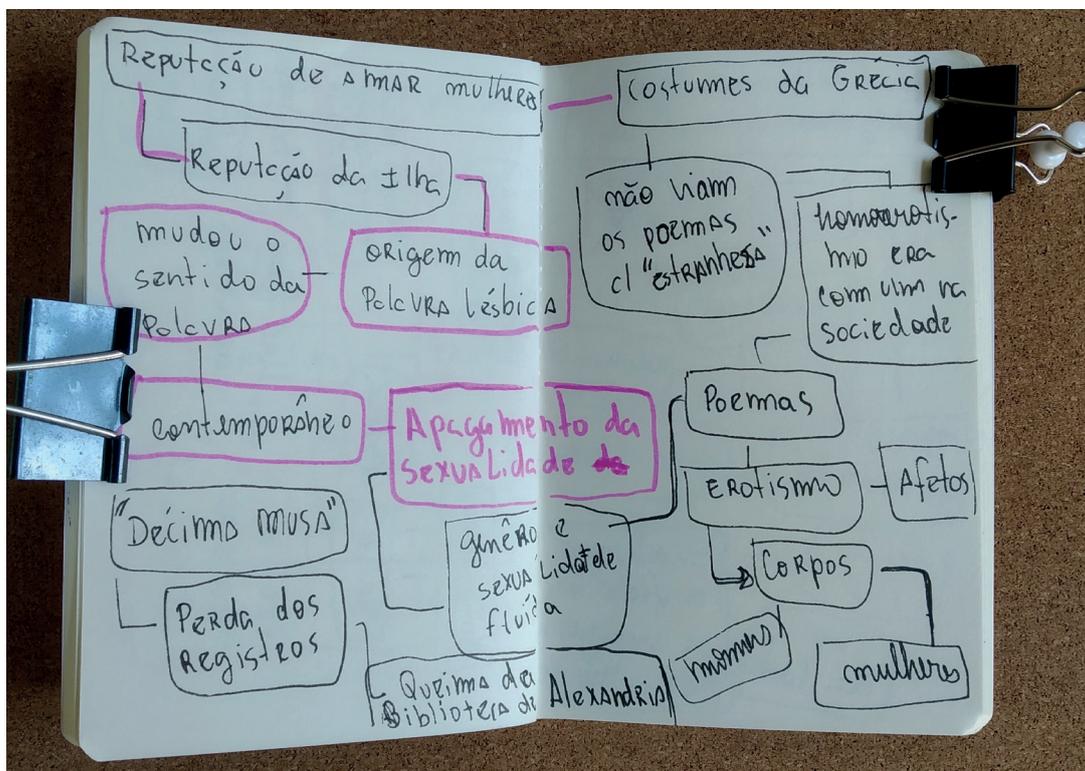


Imagem 2: anotações de fatos históricos da literatura lesbiana.

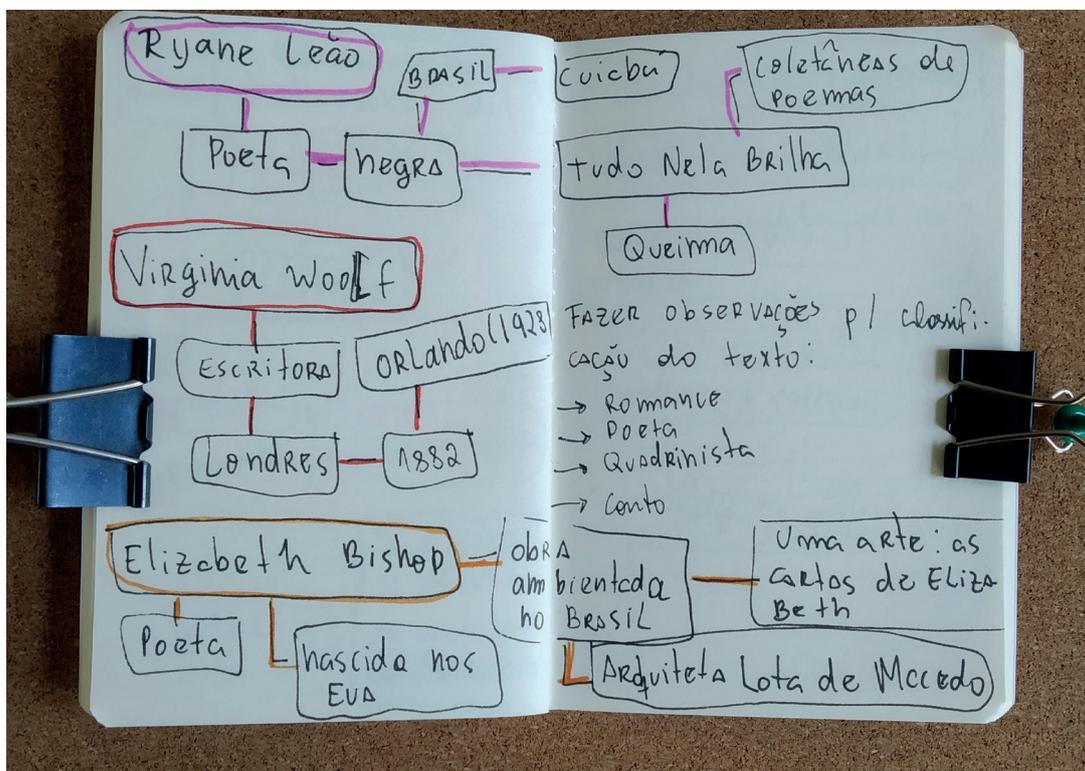


Imagem 3: autoras e possíveis maneiras de catalogar os gêneros mais usados pelas escritoras.

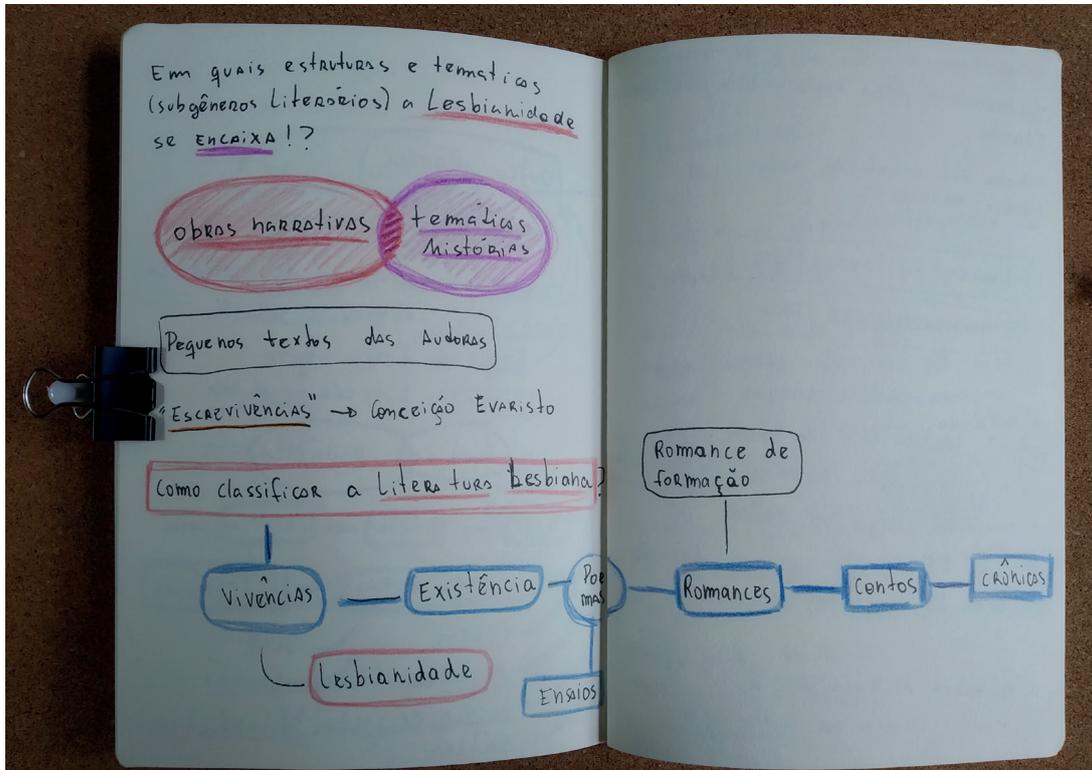


Imagem 4: interseções entre as produções textuais.

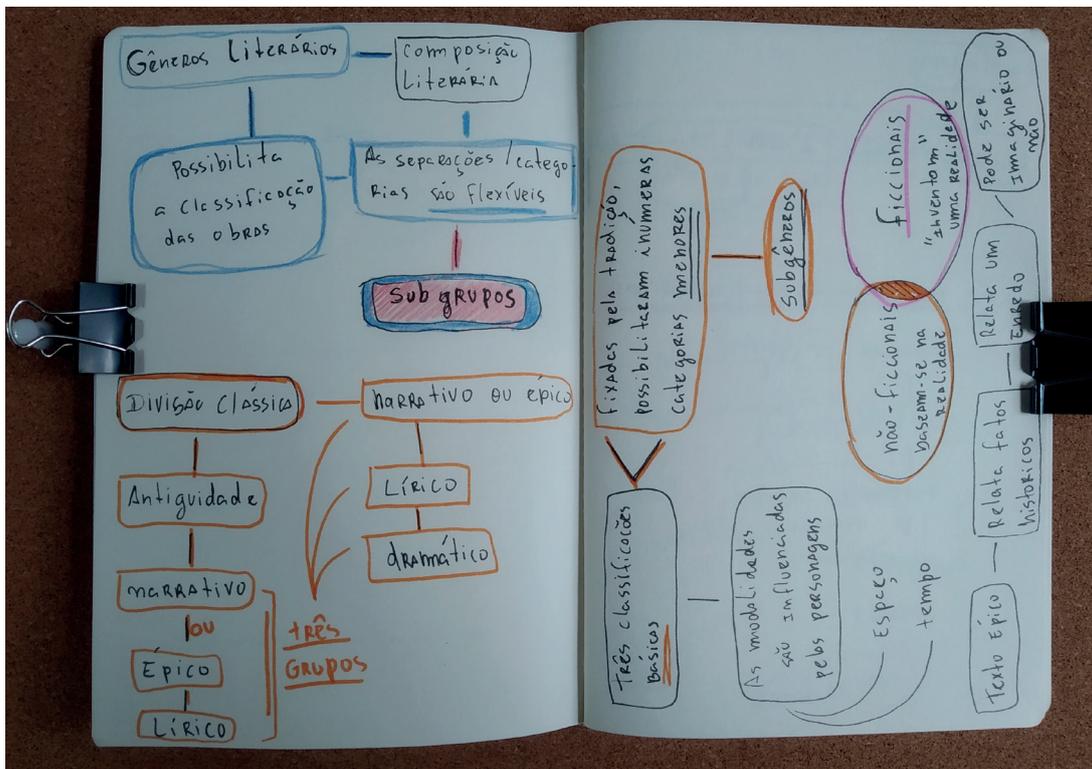


Imagem 5: anotações da pesquisa dos gêneros literários.

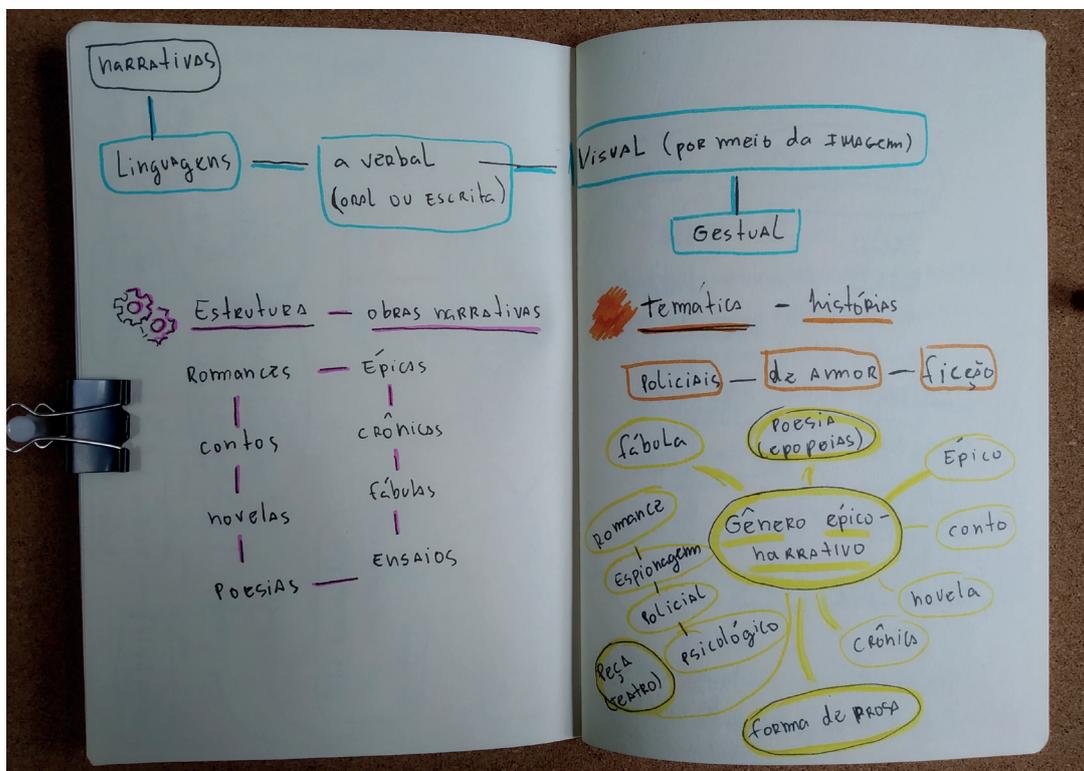


Imagem 6: novas formas de visualizar os gêneros.

Durante as análises dessas narrativas que também podem ser consideradas um subgênero literário, é possível inicialmente direcionar o mapeamento dos eixos temáticos e autoras da seguinte maneira: narrativas escritas por mulheres e/ou sobre representatividade sáfica, escritoras lésbicas assumidas as quais produziam textos sobre a lesbianidade e escritoras que não são lésbicas autodeclaradas, porém produziram ou produzem representação para a comunidade. Tais, autoras podem estar vivas e escrevendo ativamente, enquanto outras são assumidas, mas já faleceram, além disso existe a possibilidade de especulação para aquelas que

apresentam textos explorando essas temáticas, contudo não eram “assumidas socialmente” pois os termos utilizados por mim e outros pesquisadores são infelizmente provenientes da escrita colonizadora.

### **2.1.2. Como classificar a literatura lesbiana?**

Ao iniciar o processo de categorizar essas narrativas iniciou –se um questionamento de como “classificar” uma literatura que é constantemente apagada dos processos históricos. Quando penso inicialmente sobre representatividade lésbica na literatura brasileira, retorno a cena de “O Cortiço” de 1980 do autor Aluísio de Azevedo, livro que fui ler durante meu primeiro ano do ensino médio. Contudo, por muitos anos, tive quase nenhum acesso a textos escritos por mulheres sobre a vivência e experiências de ser uma criança, adolescente, adulta ou idosa lésbica e/ou não - branca. Vivendo em uma realidade sem acesso a livros os quais falassem sobre sexualidade com pouco ou nenhum acesso à internet durante minha infância e boa parte da adolescência, meu contato escasso era com produções estereotipadas da mídia tradicional(novelas) e algumas séries em que os personagens LGBTQI+ morrem de

modo trágico ou punitivo por causa da sua sexualidade ao decorrer da trama.

E a partir do acesso à internet que inicio o consumo de textos protagonizados por mulheres lésbicas. Blogs, grupos de redes sociais e outras comunidades online possibilitaram a leitura desses gêneros literários como contos, crônicas, poemas, romances e outras formas de expressões em que as narrativas eram desenvolvidas por mulheres plurais. O interesse não ficou apenas para com produções independentes das mídias digitais, essa forma de “democratização” do conteúdo, possibilitou a busca por títulos de textos impressos os quais sofreram com o apagamento social, devido ao julgamento daqueles que estão no sistema hegemônico de poder e possuem forte influência na transmissão e compartilhamento desses escritos (imagem 7).

O acesso à internet possibilitou a busca por edições impressas o qual narrassem essa vivência. Comecei a consumir livros impressos de autoria feminina e sáfica, tanto de produções nacionais quanto internacionais isso possibilitou diversos “achados” e novas reflexões de como esse conteúdo é feito e divulgado ou apagado da mídia tradicional. Quais são os gêneros literários mais utilizados pelas autoras para que

essa escrita chegue ao leitor? Prosa? Poemas?  
 E principalmente quais as principais etnias  
 são representadas nessas narrativas, tanto das  
 autoras como personagens?

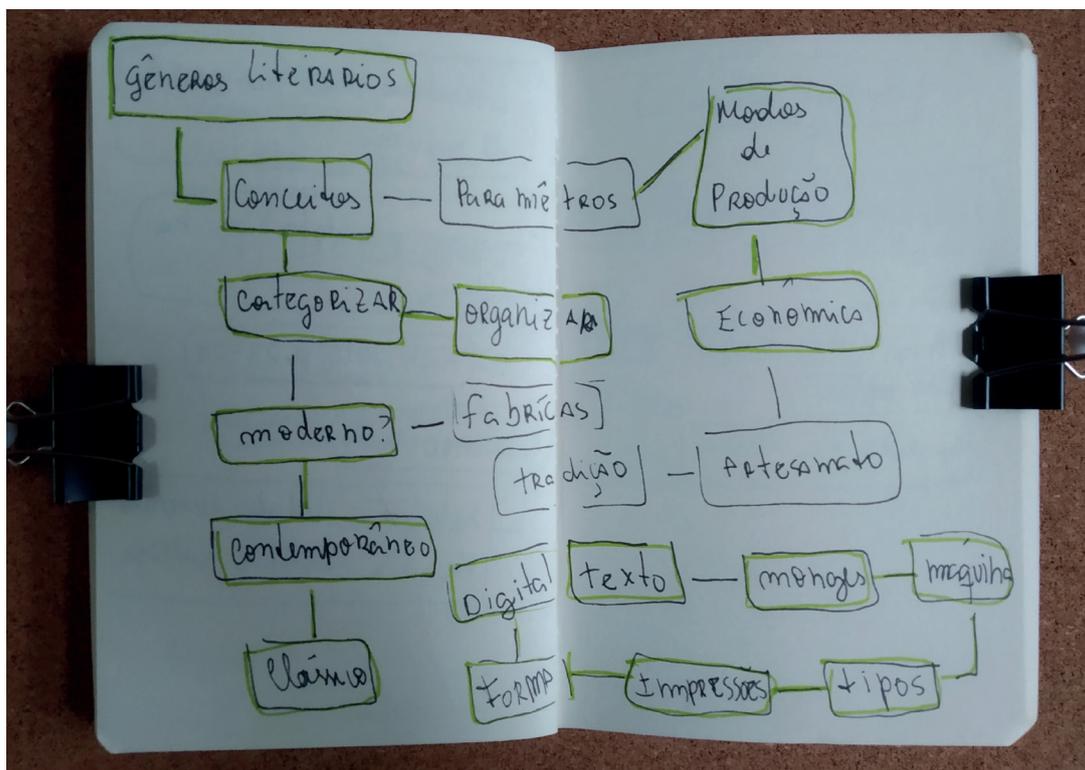


Imagem 7: modos de classificação e difusão dos textos.

## 2.1. Tema e autoras

Esse fichamento tem como objetivo estudar e analisar autoras e narrativas os quais serão utilizadas como base teórica para o desenvolvimento dessa pesquisa e elaboração do projeto gráfico final. As escritoras foram selecionadas devido a fatores históricos do compartilhamento das suas experiências

peçoais, além da relevância para o movimento feminista preto ou lésbico e a luta pelos direitos civis da população LGBTQI+.

Em seguida, teremos fotos das minhas anotações peçoais, utilizando de processos analógicos (escrita manual e cadernos) durante a leitura dos livros, artigos e estudos paralelos sobre tema e autoras sáficas ou relevantes para o tema proposto, construindo uma espécie de “cadernos de memórias do caos” dos conteúdos absorvidos ao decorrer dessas leituras. O que iniciou – se como uma maneira de afastamento de celulares e computadores, permitiu a idealização de um método de pesquisa, a cartografia que auxiliasse no mapeamento da literatura lésbica protagonizada por mulheres pretas ou não - brancas.

### **Audre Lorde (1934 – 1992)**

Filha de pais caribenhos, nasceu nos Estados Unidos das Américas em 18 de fevereiro de 1934 e faleceu em 17 de novembro de 1992, após 14 anos na luta contra o câncer de mama. Se autodenominava uma mãe, escritora, poetisa, lésbica, ativista do movimento negro, além disso é referência das lutas feministas e direitos civis da população LGBTQI+ Audre Lorde, também foi

educadora participava ativamente da militância utilizando das palavras como sua maior forma de expressão e luta. Tem diversos poemas publicados, um romance e ensaios os quais ao longo do desenvolvimento da pesquisa também serão utilizados como base teórica. A autora deixou como legado uma vasta produção textual e apesar do reconhecimento em diversos países da importância das suas obras no Brasil, a escritora teve seus textos difundidos por meio da internet e da prática da tradução feminista subversiva durante muitos anos.

A primeira edição publicada por uma editora no Brasil foi em 2019, “Irmã Outsider: ensaios e conferências”, pela editora Autêntica e tradução de Stephanie Borges, além disso em 2020/2021 um grupo de editoras independentes (Ubu, Bazar do Tempo Relicário e Elefante), uniram-se para o lançamento de mais quatro livros da autora com textos inéditos.

Em um de seus ensaios a autora afirmava, “Poesia não é luxo” é tem sido uma das principais formas de comunicação dos indivíduos da classe operária e mulheres/feministas de cor, pois devido à escassez do acesso aos materiais e as diferenças existentes nas demandas para produzir um texto em prosa, o que gerava um

afastamento dos indivíduos participantes dos grupos minorizados do compartilhamento de suas vivências na literatura. Audre Lorde, não acreditava em “hierarquias de opressão” pois em todos ambiente a qual estava inserida sofria preconceito por ser negra, mulher e lésbica.

Além disso, ressignificou os usos do erótico pelo feminino na sua poesia, apresentando possibilidades de vivenciar o erotismo como formas de empoderamento da mulher preta lésbica. Ela teorizava sobre o silenciamento epistêmico e literário que inviabiliza as lésbicas no geral e principalmente lésbicas negras, em seus ensaios promove um diálogo entre a comunidade os quais sofrem opressões, relatando como o sistema político utiliza de discursos de ódio e segregação entre os oprimidos. Argumentava que as diferenças deveriam ser ouvidas entre os indivíduos. Os diálogos entre “irmãos e irmãs” deve ser o principal mecanismo de luta contra o sistema de opressão.

***Feministas ou mulheres de cor:*** termo é mais utilizado em contextos hispanohablantes e anglófonos, surgindo com a segunda onda do movimento feminista, o qual denunciava o racismo existente no feminismo majoritário. Com isso, o termo refere – se a mulheres de

multiplicidade étnica e racial de origem caribenha, latinas, nipo ou sino descendentes, judaicas, muçulmanas entre outras (imagens 8 e 9).

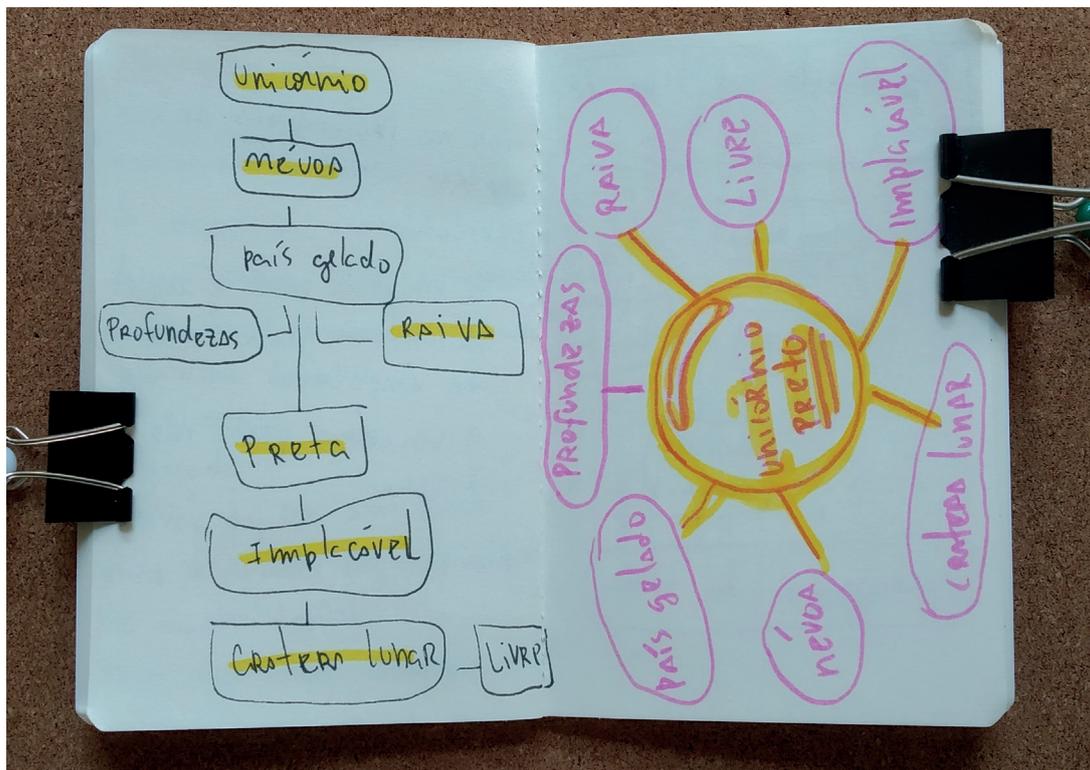


Imagem 8: modos de representar o poema “Unicórnio Preto”.

### **Comunidade LGBTQI+:**

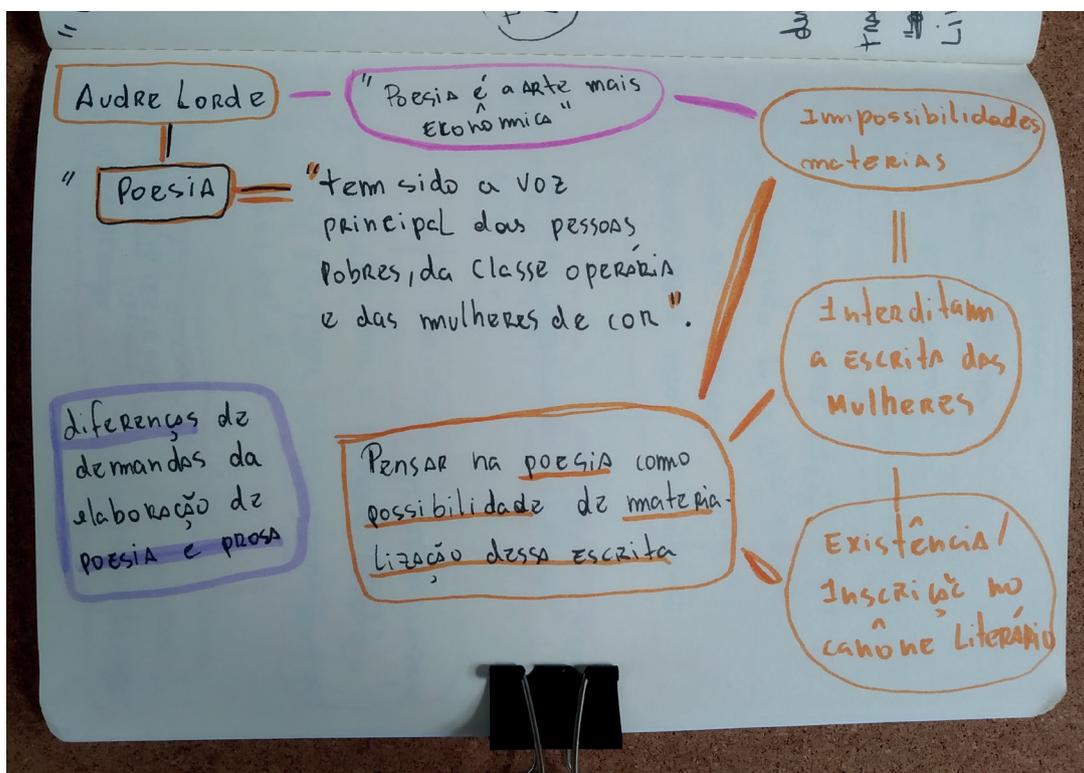


Imagem 9: anotações sobre a definição do termo “mulheres de cor”.

### Cheryl Clarke (1947 -)

Nasceu nos Estados Unidos da América em 16 de maio de 1947 é poeta, educadora, teórica, ativista do movimento lésbico negro e também dos direitos civis da população negra e LGBTQI+. Utiliza da poesia para expressar, teorizar e compartilhar sua vivência como mulher negra e lésbica em uma sociedade racista, patriarcal e lesbofóbica. A escritora utiliza do erótico feminino, a sexualidade e o amor para questionar a invisibilidade da negritude lesbiana. Segundo Clarke, a sociedade menos preza a produção teórica textual negra, criticando assiduamente

a cultura prosa – orientada nos âmbitos acadêmicos, lutando por uma linguagem mais representativa como alternativa ao silenciamento constante dos grupos marginalizados.

Segunda a escritora, a poesia possibilita experiências, existência dos corpos e corações os quais foram espalhadas durante a diáspora negra do continente americano. Elabora uma narrativa poética e teórica profundamente crítica ao racismo, heteronormatividade, os próprios movimentos feministas, movimento negro e lésbico o qual está inserida. Afirmava, que “o sexo lésbico é em si mesmo poesia”, a escritora faz uso da “energia do erótico” e questiona como podemos utiliza – lá como prática de subversão política, desenvolvendo uma estética e perspectiva sáfica em seus escritos.

Ela destaca o caráter ambíguo da prática poética em que esta pode ser consagrada ou considerada uma produção meramente estética, menosprezando e desconsiderada como um meio de geração de conhecimento. Tanto Clarke e Lorde defendem a palavra compartilhada, veem a poesia como “uma forma de adentrar em diálogo político com minhas / meus pares”. Além disso, Cheryl Clarke, reafirma a importância da prática de tradução feminista da poesia lésbica

de cor visando a ampliação o alcance dessas vozes dissonantes.

### **Conceição Evaristo (1946-)**

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 29 de novembro de 1946. Migrou para a cidade do Rio de Janeiro na década de 1970 e graduada em Letras pela UFRJ, Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, além de Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, trabalhou na rede pública de ensino na capital fluminense é escritora, lançou diversos contos, coletâneas de poemas, crônicas e deu origem ao termo “escrevivências”.

Durante o processo de pesquisa analisei os textos produzidos pela autora de duas maneiras distintas, a partir da leitura e análise do livro “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” uma coletânea de contos em que destaquei as histórias correlacionadas ao tema abordado como lesbianidade e vivências de corpos pretos e não brancos. A segunda maneira de experimentar a produção textual da autora foi assistir depoimentos disponíveis nas redes sociais (YouTube). Os contos destacados durante o processo de leitura foram: Isaltina Campo Belo,

Mary Benedita, Saura Benevides Amarantino e Regina Anastácia. Todas as histórias destacadas narram experiências correlacionadas com temáticas da vivência lésbica (Isaltina Campo Belo) e/ou experiências de ser mulher, preta ou mestiça na sociedade brasileira.

O termo “escrevivências” utilizado pela Conceição Evaristo vem da necessidade de explicitar um processo criativo que retrata “cenas do cotidiano” os quais interessam a autora durante a construção da sua narrativa. Segundo a Conceição, escrevivências “é uma narrativa descendente da subalternidade”, onde ela busca construir personagens, a partir de experiências, observações do particular e coletivo afirmando que sua literatura nasce da oralidade e da vontade de registrar a vida.

O livro “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” é uma antologia construída por meio da catalise do “processo de dores”, narrar histórias de mulheres pretas e mestiças os quais vivenciaram suas dores, porém saíram dessa tormenta, essa coletânea de narrativas surgiu da necessidade do questionamento: “mulheres negras não vivenciam a felicidade?”. Com isso, a autora entende a literatura como uma forma de escape da realidade.

### **Lívia Ferreira (1995-)**

Lívia Ferreira, mas conhecida com o @afrocaminhão é uma escritora de 26 anos que nasceu em Divinópolis– Minas Gerais. A autora ressalta a importância de colocar mulheres negras e lésbicas em narrativas com finais felizes, além de construir personagens que não performam a heteronormatividade. Ela utiliza principalmente da internet como meio de divulgação da sua produção textual: twitter, instagram, wattapad, e – books, também lançou alguns títulos impressos por duas editoras independentes, Se Liga Editorial e Viés. O livro “No Olhar do Invisível” foi seu primeiro romance disponibilizado na Amazon e – books. O romance apresenta uma narrativa suave e envolvente do amor entre duas mulheres pretas as quais não estão inseridas no contexto heteronormativo. Uma das protagonistas não performa a feminilidade, reafirmando a necessidade de personagens inseridos em realidades factíveis e demonstrando afeto na literatura. Além disso, a escritora reafirma o gosto por histórias consideradas “água com açúcar” e clichês românticos para exaltar a importância de escrever narrativas com finais felizes que fogem da “regra” de finais trágicos

para mulheres lésbicas pretas.

Com isso, a autora constrói narrativas em que essas mulheres pretas podem vivenciar suas sexualidades fora do contexto opressor pré-estabelecido na literatura. É durante meu processo de pesquisa para o desenvolvimento da base teórica, entrei em contato com algumas autoras as quais já acompanhava o trabalho antes mesmo do início desse projeto. A Livia foi a única autora que teve disponibilidade para participar da entrevista. Seu trabalho é importantíssimo na construção de uma nova representatividade na comunidade. Ela não apenas coloca mulheres pretas lésbicas como protagonistas, mas também nós damos a oportunidade de ter a experiência de ler clichês românticos em um contexto onde tais personagens são constantemente negligenciados e colocados numa posição de inferioridade pela sociedade.

### **2.1.1. Artigos**

Durante essa etapa do fichamento estudei e analisei alguns artigos que abordassem os eixos temáticos pesquisados para o desenvolvimento da pesquisa. Por questões de praticidade inicialmente comentarei apenas sobre dois artigos.

O primeiro artigo analisado foi **“Afeto e (Des)Humanização: da literatura negra lésbica como instrumento de luta”** por **Agatha Leticia Eugênio da Luz, Juliana Damasceno de Miranda e Aiana Hana Sarges Silva**. A leitura desse texto foi essencial para iniciar uma construção de parâmetros de pesquisa do objeto de estudo. As autoras exemplificam de maneira objetiva a necessidade e urgência do desenvolvimento de uma literatura representativa, além de retornar a discussão de como as produções literárias reforçam os estereótipos em relação ao corpo da mulher preta lésbica, porém elas também ressaltam a importância da literatura no processo de “cura” e a visibilização do afeto entre esses indivíduos.

O texto reforça o apagamento das narrativas de grupos marginalizados e as consequências desse silenciamento. Apresentando dados sobre a escrita feminina em âmbito gerais, mas também especificando a realidade da literatura brasileira quando pesquisamos sobre a representatividade de mulheres pretas lésbicas na literatura nacional e os efeitos da animalização do corpo preta nessas histórias.

O segundo artigo analisado foi **“Sinais de luta, sinais de triunfo: Traduzindo a poesia de**

**negra lésbica de Cheryl Clarke” por Tatiana Nascimento dos Santos e Denise Botello**

(imagem cartográfica). Esta produção textual apresenta o processo de tradução de alguns poemas poetisa Cheryl Clarke, exaltando a importância da prática da tradução teórica feminista como instrumento de luta e descolonial do movimento feminista negro (imagens 10,11 e 12).

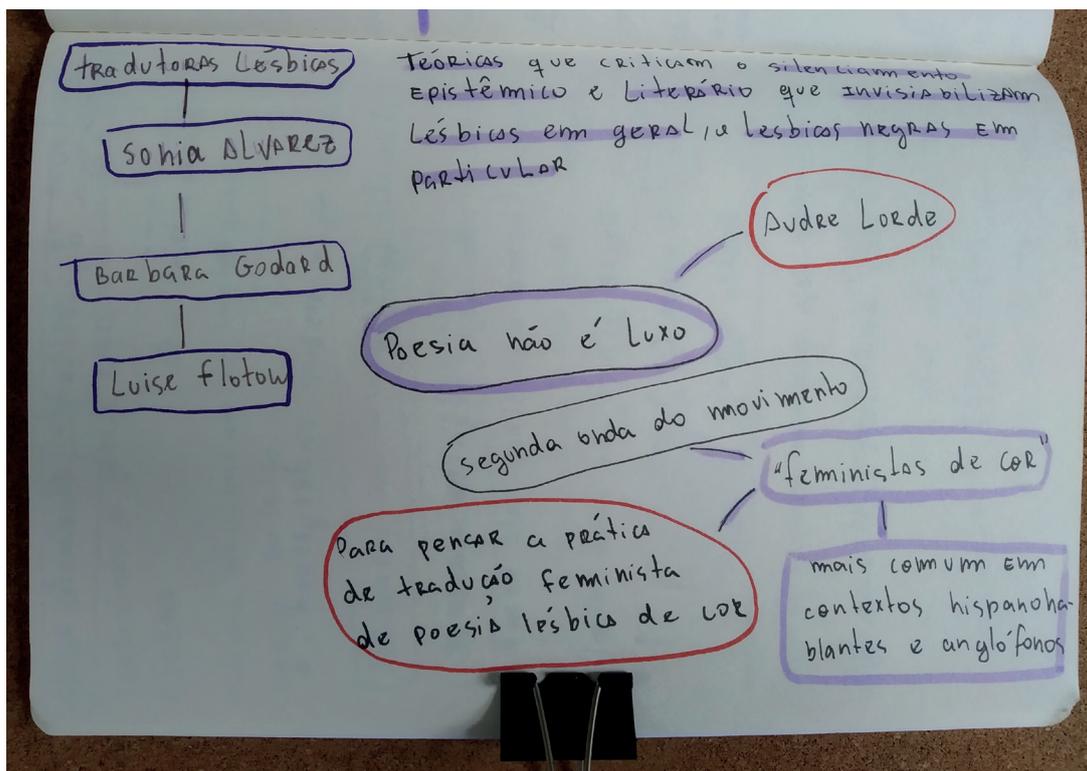


Imagem 10: anotações durante o processo de leitura do segundo artigo.

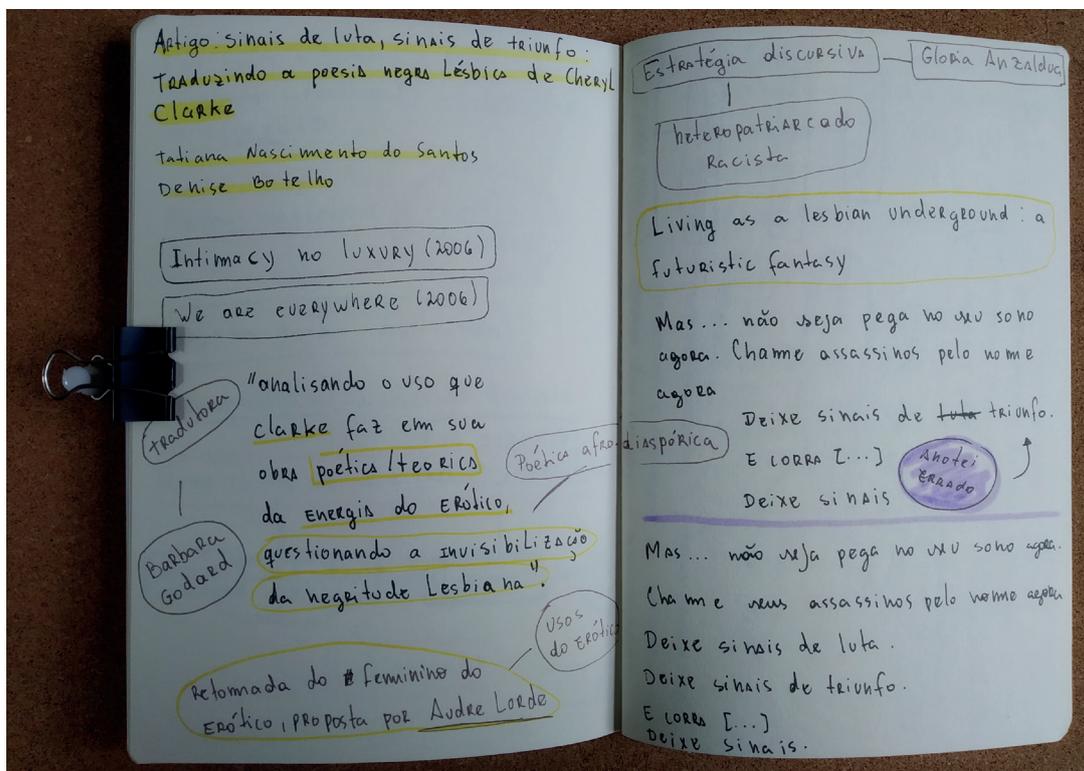


Imagem 11: anotações durante o processo de leitura do segundo artigo.

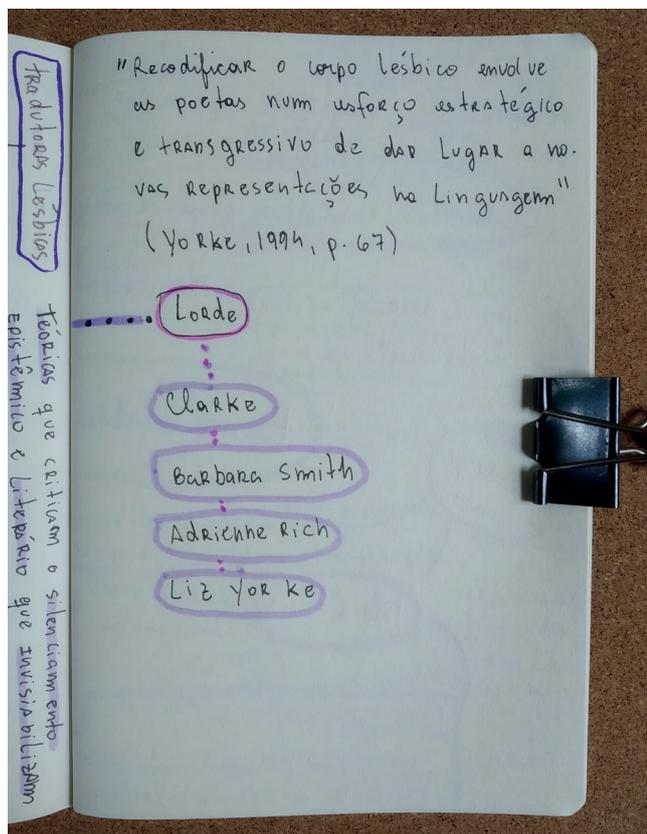


Imagem 12: continuação.

Durante a leitura do artigo mantive meu processo de metodológico de pesquisa do conteúdo. Destacando as frases, autoras, palavras e passagens do texto os quais considero mais importante, utilizando das cores como auxiliares dessa metodologia. Além disso, também desenvolvi experimentações cartográficas a partir dessas anotações e reescrevendo os poemas originais e traduzidos pelas autoras do artigo de modo analógico (imagens 13 e 14).

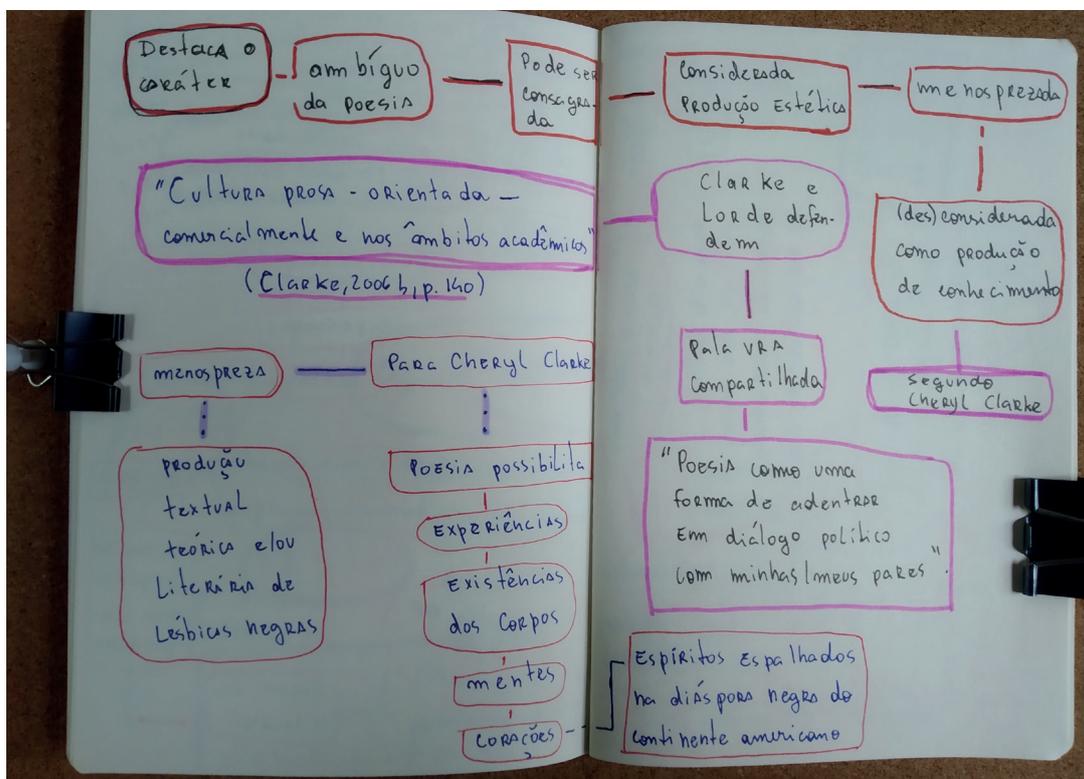


Imagem 13: anotações sobre a poetisa Cheryl Clarke.

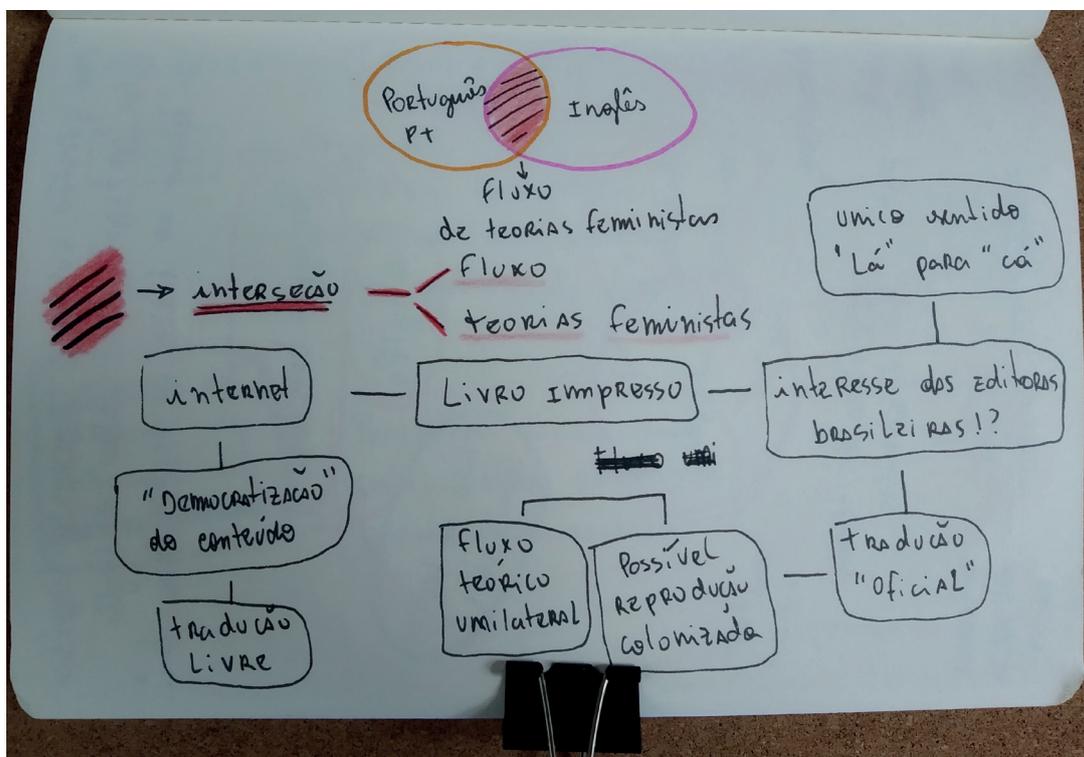


Imagem 14: análise do histórico de tradução das teorias feministas para a língua portuguesa.

Experimentações cartográficas destacando as principais características da produção textual da poetisa e ativista Cheryl Clarke. O texto ressalta a importância da tradução realizada pelo movimento feminino na transmissão deste conteúdo, tal prática também apresenta apoio de autoras citadas durante a pesquisa.

### 2.3. Referências estéticas

Ao decorrer do desenvolvimento desta pesquisa estou buscando maneiras de promover a visibilidade de uma produção textual que apresenta um histórico de apagamento e

invisibilização do seu conteúdo. Por isso, no início da procurei por referências visuais existentes dentro do universo sáfico, não apenas o meio literário, mas também de outras áreas: artes plásticas, fotografias e produções do áudio-visual (filmes, documentários e séries), entre outros.

Entretanto, ao decorrer da análise outras bases visuais foram apresentadas possibilitando a construção de novos meios e perspectivas de promover a visualidade da literatura lésbica protagonizada por mulheres pretas e não - brancas. As primeiras experimentações apresentam uma relação a partir da minha experiência com as ilustrações, a segunda são as cartografias e as visualização de dados a partir de uma visão humanista dos dados, que permitem o desenvolvimento de visualidades por meio de métodos analógicos.

### **Adaptações cinematográficas**

Filme “Rafiki” de 2018 é protagonizado por mulheres pretas apresenta uma narrativa sobre lesbianidade fora do eixo eurocêntrico e estadunidense. Foi produzido no Quênia, direção e roteiro desenvolvidos por mulheres são características de destaque nessa produção áudio visual, devido a hegemonia masculina

nesses setores. Além disso, o filme retrata de maneira não estereotipada as questões étnicas, culturais e políticas do país. A obra apresenta um conjunto de paletas de cores vibrantes e direção de fotografia marcante (imagem 15).

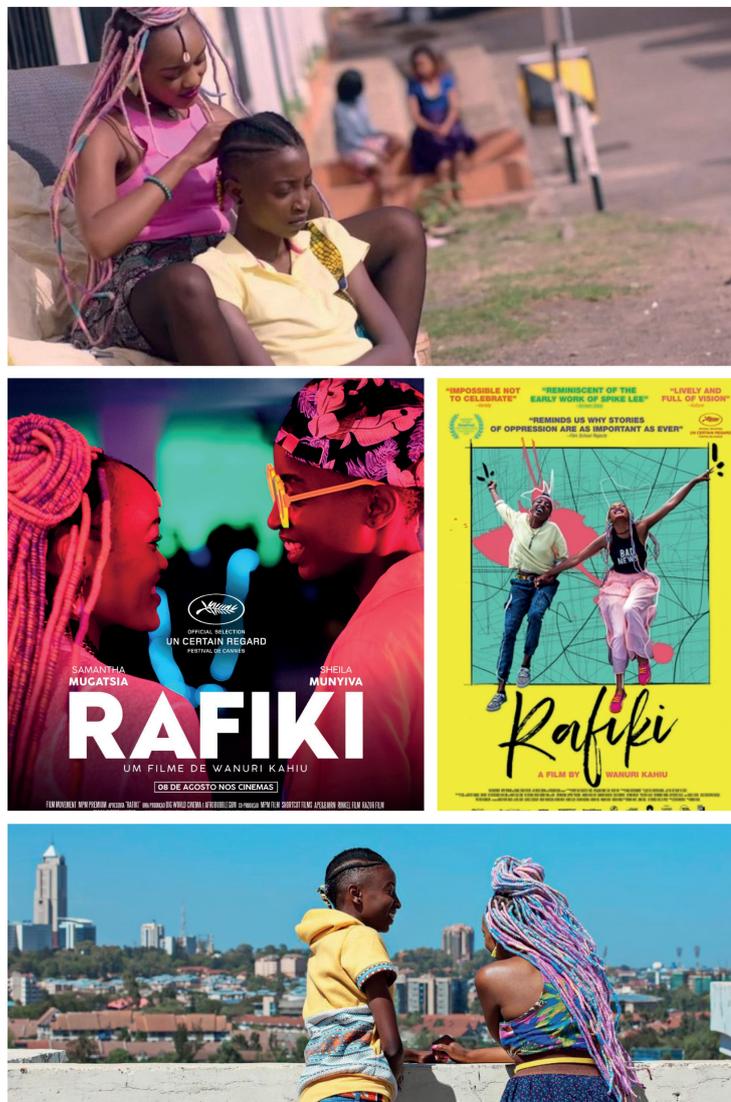


Imagem 15: imagens do filme “Rafiki” de 2018.

## **Livro “A Cor Púrpura” e adaptação cinematográfica**

O romance escrito em 1982 pela romancista Alice Walker uma autora afro – estadunidense, apresenta uma narrativa descritiva por meio de cartas da protagonista para sua irmã. A escritora aborda questões de discriminação racial, assédio moral, patriarcado, sexualidade e violência doméstica. A narrativa aborda a lesbianidade e bissexualidade das protagonistas como aspecto positivo da história, o qual quebra a expectativa pré-estabelecidas dentro do universo literário sobre a população LGBTQI+ (imagem 16).

A escritora também aborda questões sobre a diáspora negra nos EUA, o que retorna as discussões sobre o sentimento de pertencimento dos indivíduos, além de narrar as consequências do processo de desumanização dos corpos não - brancos e o estereotipo de submissão da mulher preta.

A adaptação cinematográfica do livro ocorreu em 1985, a direção é realizada por Steven Spielberg, mas com roteiro da própria autora. O filme foi protagonizado por consagradas Whoopi Goldberg, Danny Glover e Oprah Winfrey.

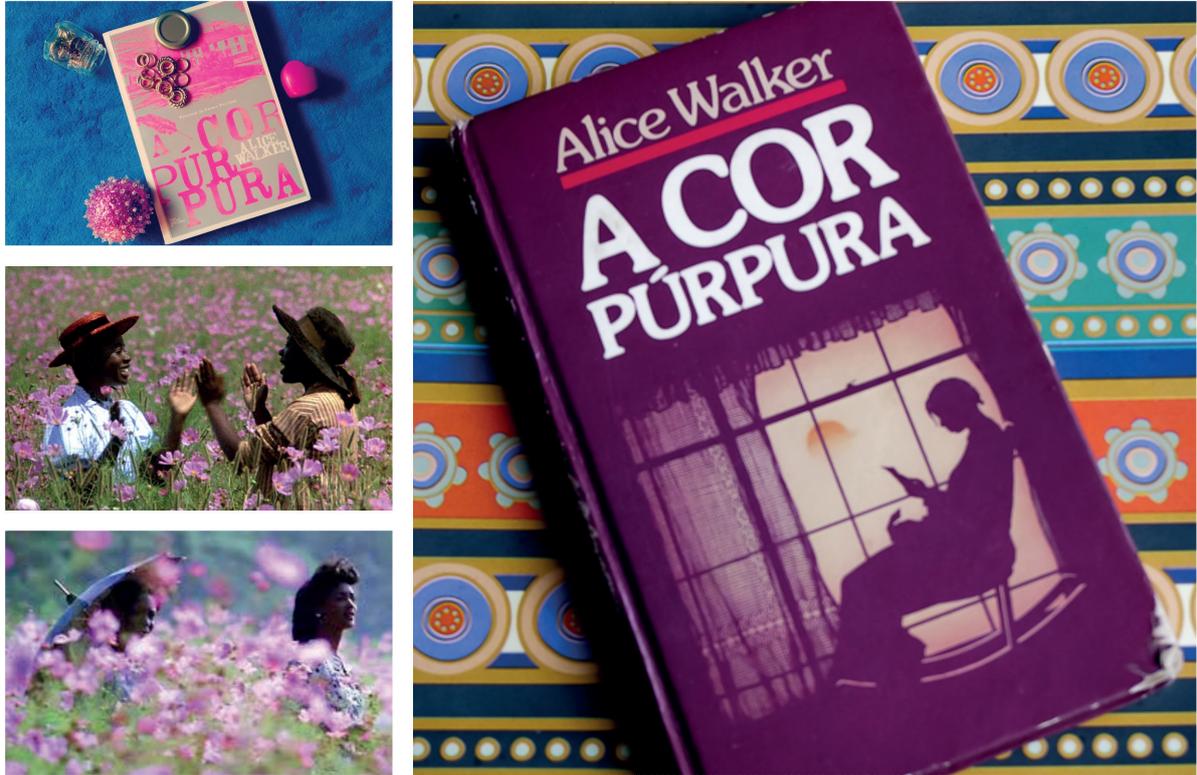


Imagem 16: fotos das edições do livro e adaptação cinematográfica.

### **Artistas visuais**

#### **Zanele Muholi (1972)**

Artista visual e ativista sul-africana, criou um registro visual por meio das fotografias de lésbicas pretas do seu país. Apresenta como característica marcante a subversão da heteronormatividade na África do Sul, segundo Zanele “O mais importante é assegurar que teremos um arquivo vivo de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais da África do Sul de hoje, porque muitas vezes somos esquecidos”. Em 2006, iniciou seu projeto Faces and Phases,

que consiste em uma série de retratos ousados e poderosos de lésbicas, utilizando de fundos simples ou padronizados na composição (imagem 17).



Imagem 17: fotografias do ensaio Faces and Phases.

Movimento que surgiu durante os anos 1960, nos Estados Unidos, apresenta uma união entre elementos da ficção científica, universo high – tech e a ancestralidade africana do passado, presente e futuro. Além disso, a estética apresenta princípios de empoderamento com os traços étnicos dos indivíduos, o qual subverte os padrões de beleza impostos pela sociedade eurocêntrica na comunidade preta.

## Lya Nazura

No Brasil, a artista plástica Lya Nazura de 22 anos é uma das representantes do Afrofuturismo. Utilizando de diversas técnicas tradicionais e digitais para ressaltar o protagonismo e participação da população preta na cultura popular brasileira. Ela também se inspira em elementos da cultura japonesa para compor suas obras (imagens 18 e 19).



Imagem 18: prints feitos das redes sociais da artista visual Lya Nazura.



Imagem 19: segundo print.

### 3. METODOLOGIA CARTOGRÁFICA

#### O que é cartografia?

O método da produção cartográfica foi um dos principais mecanismos da hegemonia dominante na dominação de territórios. Porém o método cartográfico o qual me baseio para construir essa rede de informações durante a pesquisa é inspirada na metodologia pautada na apropriação da técnica de mapeamento já existente, contudo aplicada como um meio de “mapeamento coletivo”, abordando a colaboração direta ou indireta na construção do conteúdo que será divulgado.

Ao decorrer dessa pesquisa teórica sobre a literatura lesbiana fui desenvolvendo uma metodologia para as minhas anotações. Esse processo analógico de anotar palavras, conceitos principais, poemas e frases das autoras as quais estou estudando possibilitou o contato mesmo que indireto com o método das cartografias e design de informação aplicado de modo analógico é humanizado no sentido em que os dados são apresentados de forma menos mecanizada e repetitiva. Este método auxiliou-me no processo de organização do conteúdo ao longo da pesquisa por isso o escolhi como um meio para desenvolver o projeto gráfico desta análise.

### **Referência cartográfica**

#### **Iconoclasistas**

Os iconoclasistas é uma dupla formada por Julia Risler e Pablo Ares, como um laboratório de comunicação social apresentando como objetivo construir dispositivos de pesquisa colaborativa por meio de produções gráficas e intervenções urbanas, a partir dos recursos cartográficos de mapeamento coletivos que estimulam o pensamento crítico quanto as questões sociais (imagens 20 e 21).

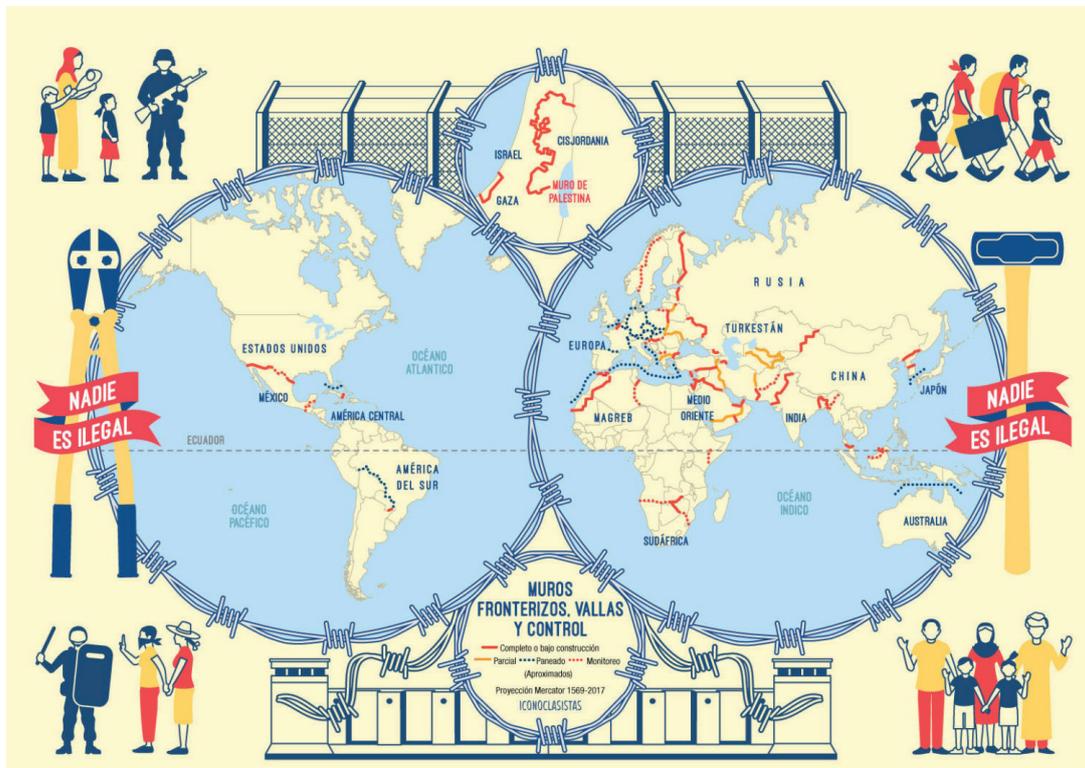


Imagem 20: Cartografia, “Nadie es ilegal” (2020).

# EL ARBOLAZO

## UNA GENEALOGÍA DE LAS REVUELTAS POPULARES EN LA ARGENTINA

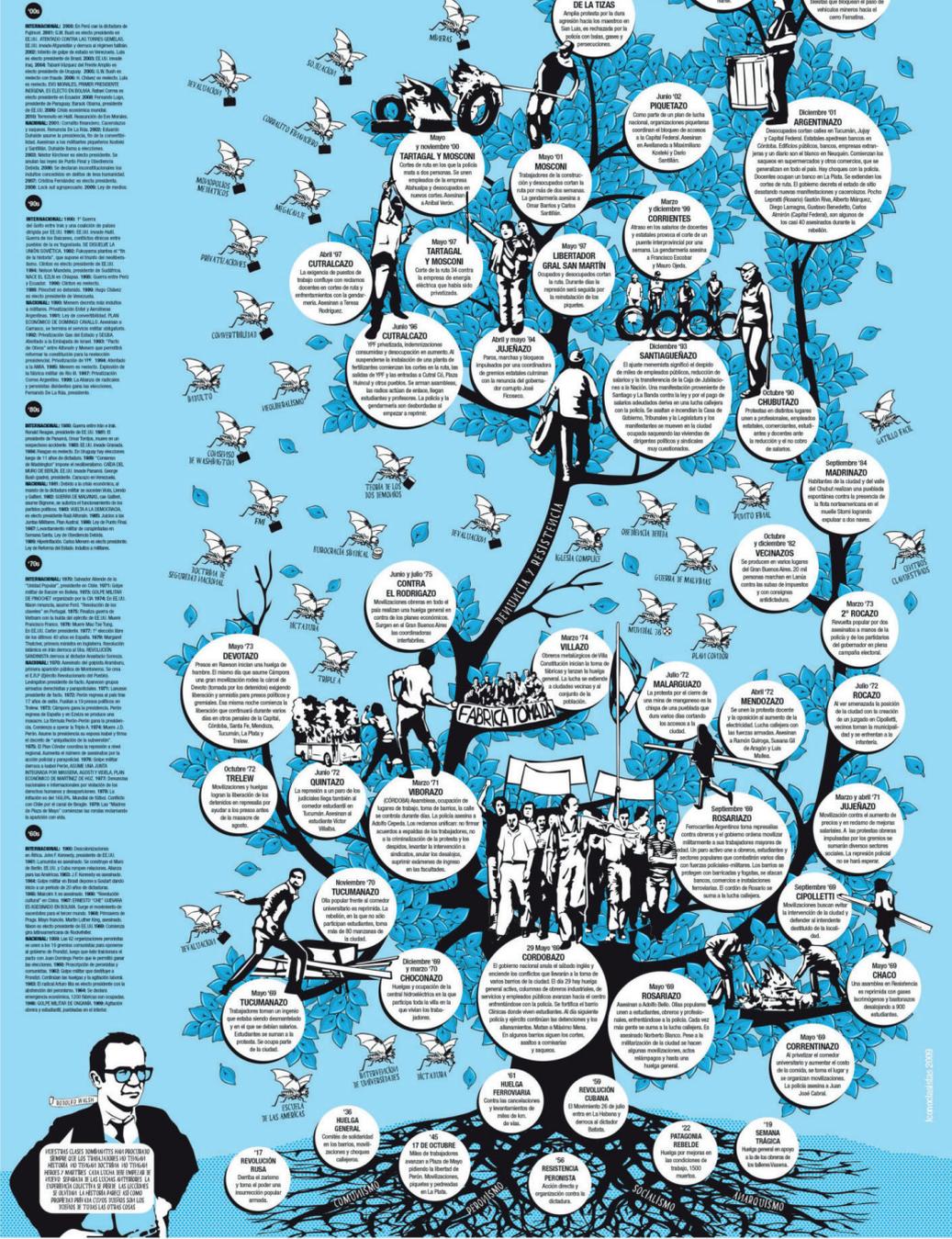


Imagen 21: cartografía, “Genealogía a 40 años del Cordobazo” (2009).

## **Referência de design de informação**

### **Giorgia Lupi**

A designer Giorgia Lupi, mora em Nova York é designer de informação, além de defender o conceito de humanismo de dados. Um dos pilares da sua pesquisa e a utilização de meios analógicos para difundir essa visualização mais humanista dos dados. Ela acredita que “desenhar com dados” é um modo de “remover” a tecnologia do problema antes de devolver – lo ao projeto final o qual utiliza das ferramentas digitais existentes. Essa abordagem possibilita o desenvolvimento de novas formas de pensar e permite, a personalização de designs específicos dos problemas (imagens 22 e 23).

Publicado originalmente em PrintMag .

# DATA HUMANISM

~~SMALL~~ ~~b~~/~~g~~ data  
data ~~band~~with ~~QUALITY~~  
~~IMPERFECT~~ ~~infallible~~ data  
~~SUBJECTIVE~~ ~~impartial~~ data  
~~INSPIRING~~ ~~descriptive~~ data  
~~SERENDIPITOUS~~ ~~predictive~~ data

data ~~conventions~~ ~~POSSIBILITIES~~  
data to simplify complexity / ~~DEPICT~~  
data processing ~~DRAWING~~  
data ~~driven~~ ~~design~~  
data ~~is numbers~~ ~~PEOPLE~~  
data will make us more efficient ~~HUMAN.~~

SPEND save time with data

@giorgialupi

Humanismo de dados - um manifesto visual

Imagem 22: print do artigo “Manifesto do Humanismo de Dados”.

The image displays a collection of hand-drawn diagrams and printed infographics. On the left, there are three hand-drawn diagrams under the heading "HOW TO READ IT?". The first diagram, titled "PAINTER'S NAME", shows a funnel with "Center" at the top and "Impact on population" at the bottom, with a note "do not paint 2" and "org. Garçon/Guide". The second diagram, titled "HOW TO READ IT?", shows a funnel with "size = n. of pages dedicated to the topic" and "size = n. of page visits on wikipedia", with a note "if you have send + visitors" and "Line type = professions". The third diagram, titled "HOW TO READ IT?", shows a funnel with "interest in topic" and "number of pages", with a note "interest in topic" and "number of pages". On the right, there are several printed infographics from "Ottomani Mapper" with titles such as "Parte chiuse alla ricerca", "Lisbona è uguale a Honolulu", "Scrittori in prigione. Non per i libri", "Scrittori, buona la prima. E poi?", "Verdi non può stare senza W", "I cento geni immortali del linguaggio", "Montalbano non", "Quanti (non) laureati al Nobel", "I tempi del pittori", "Non è un mestiere per vecchi", and "Da Giotto a Klee, l'arte è luce".

Imagem 23: publicações da designer Giorgia Lupi.

## **4. PRIMEIRAS EXPERIMENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS E DEFINIÇÃO DA PROPOSTA**

As primeiras experimentações com a cartográficas surgiram a partir da observação das minhas anotações pessoais durante o processo de assimilação do conteúdo. Por consumir diversos conteúdos diariamente, surgiu a necessidade de sempre anotar de modo analógico meu processo de leitura devido a necessidade de “fugir” da tecnologia, construindo uma “espécie” de diário. Além disso, esse método de reescrever possibilita a absorção de maneira mais fácil do conteúdo e organizar o caos mental das informações.

### **4.1. Primeiras experimentações cartográficas**

#### **4.1.1. Cartografias gerais**

Nas primeiras experimentações o objetivo era catalogar os conteúdos que apresentassem relação direta ou indireta com a literatura lesbiana. Apenas separei os temas por nichos: livros impressos e e-books, artigos, artes, filmes, autoras. Durante esse processo também defini outros critérios de classificação: os títulos de livros e artigos mencionados foram lidos, as produções áudio – visuais possuem ao menos uma protagonista negra lésbica e/ou bissexual. Após as primeiras definições reformulei o

posicionamento desses nichos por cores, além de aplicar legendas nas cartografias com a finalidade de melhorar a visualidade dos textos. Essa reorganização resultou em 5 cores:

- 1. Rosa:** livros de gêneros literários diversos;
- 2. Vermelho:** escritoras;
- 3. Laranja:** filmes
- 4. Preto:** artigos e textos;
- 5. Azul:** artistas visuais e/ou grupos lésbicas.

Essa metodologia possibilitou separações mais orgânicas dos gêneros literários, autoras que participam do meio impresso ou digital é buscar novas formas de apresentar e catalogar para outros indivíduos os quais podem consumir ou não, tais produções textuais (imagens 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 e 31).

# Cartografia do Caos

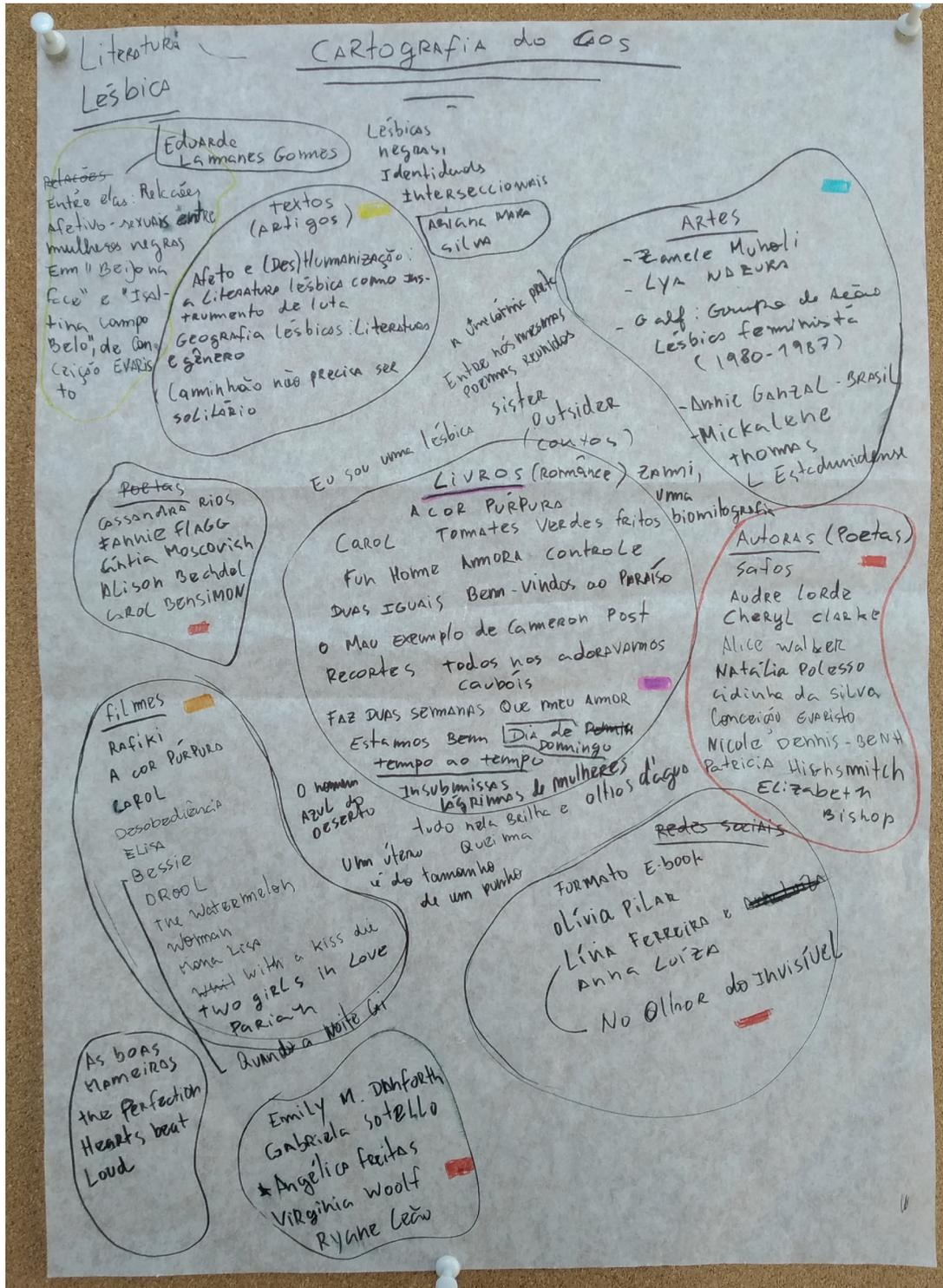


Imagem 24: primeiro experimento cartográfico no formato A3.

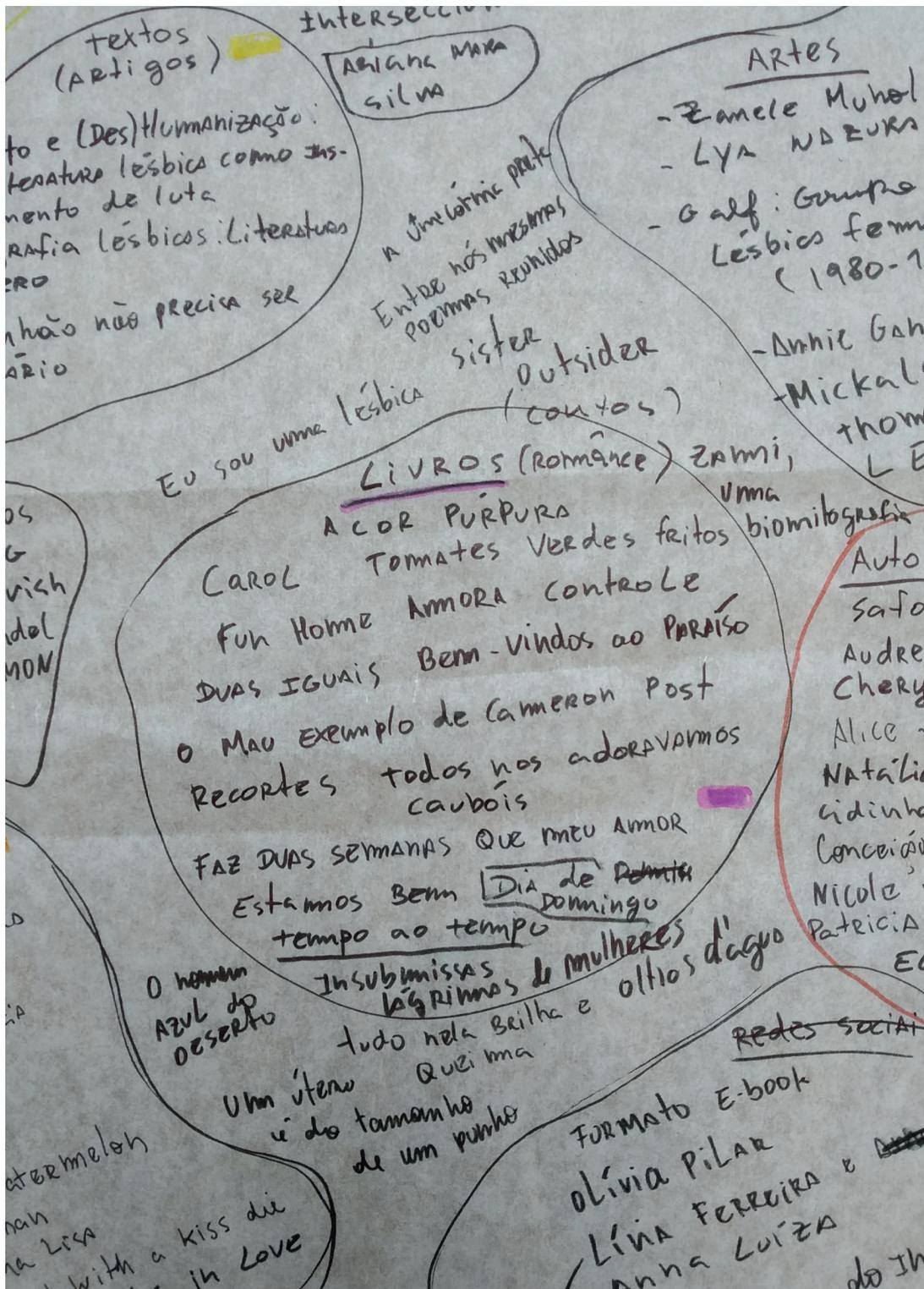


Imagem 25: zoom cartográfico.

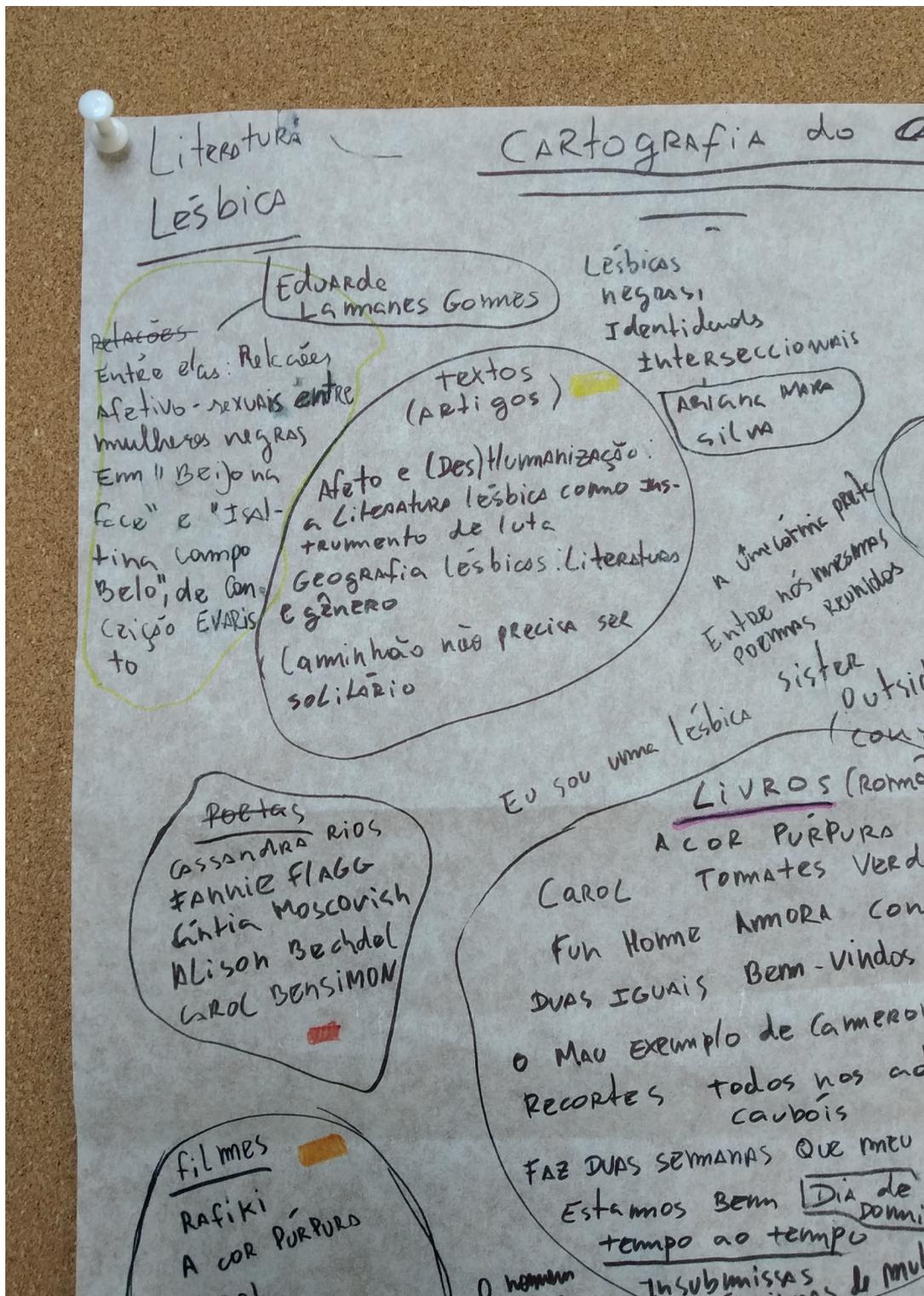


Imagem 26: lado esquerdo da cartografia.

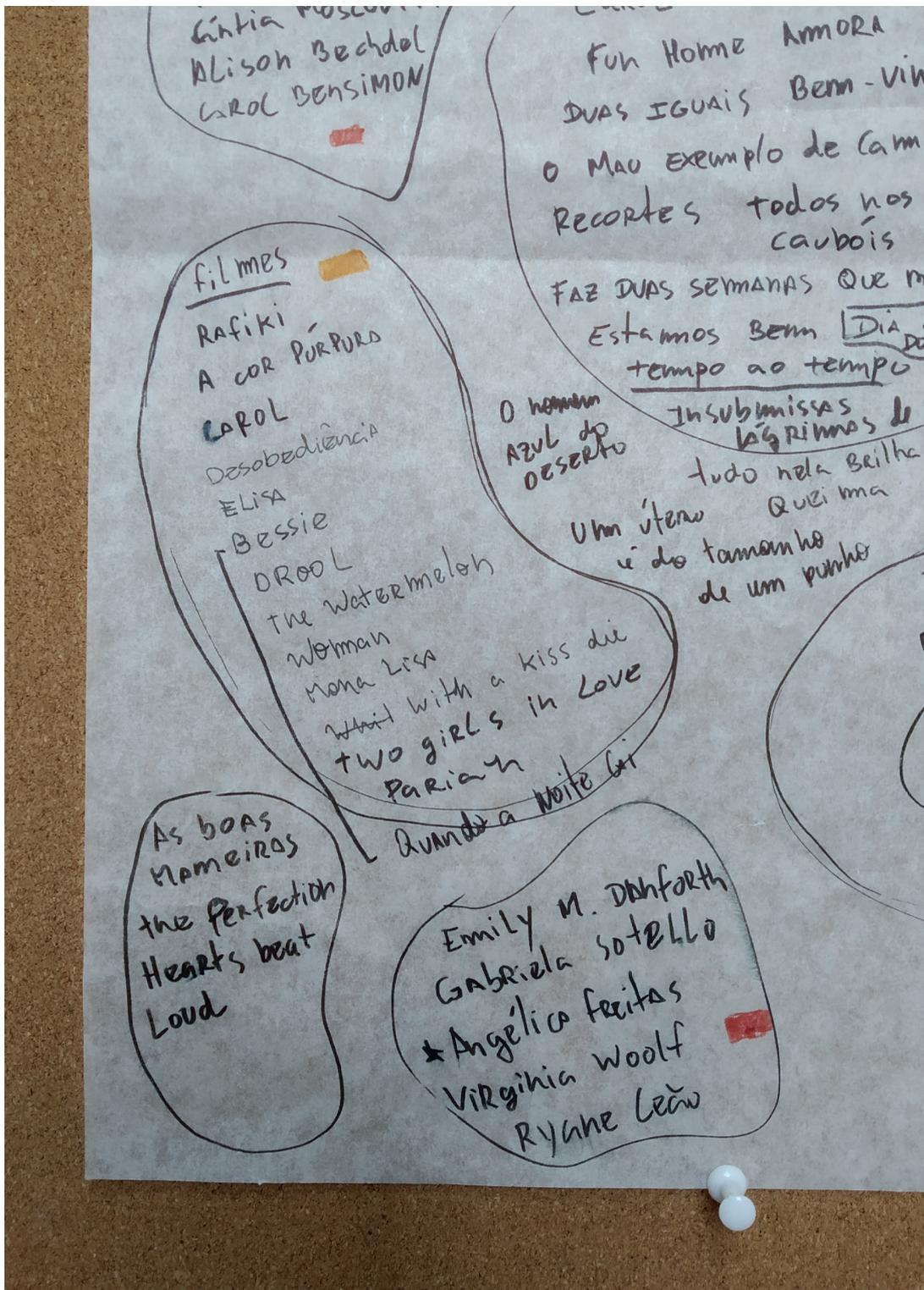


Imagem 27: lado esquerdo inferior.

LIVROS  
 A COR PURPURA  
 CAROL TOMATES VERDES FEITOS  
 Fun Home AMORA Controle  
 DUAS IGUAIS Bem-vindos ao PARAÍSO  
 Mau exemplo de Cameron Post  
 Recortes todos nos adorávamos  
 Caubóis  
 FAZ DUAS SEMANAS QUE MEU AMOR  
 Estamos Bem Dia de Domingo  
 tempo ao tempo  
 Insubmissas lágrimas de mulheres  
 tudo nela brilha e olhos d'água  
 Um ítem Quêzima  
 e do tamanho de um punho  
 Formatos E-book  
 OLÍVIA PILAR  
 LÍVIA FERREIRA & ~~ANNA LUÍZA~~  
 ANNA LUÍZA  
 No Olhar do Invisível  
 M. DANFORTH  
 nela sottello  
 lica feitas  
 inia woolf  
 RYANE LEÃO

Uma biografia  
 Autoras (Poetas)  
 Sapos  
 Audre Lorde  
 Cheryl Clarke  
 Alice Walker  
 NATÁLIA POLESSO  
 Gidinha da Silva  
 Conceição Evaristo  
 Nicole Dennis-Bent  
 Patrícia Highsmith  
 Elizabeth Bishop

Redes Sociais  
 Olívia Pilar  
 Lívia Ferreira & Anna Luíza  
 No Olhar do Invisível

Imagem 28: lado direito inferior.

## Reorganização do caos

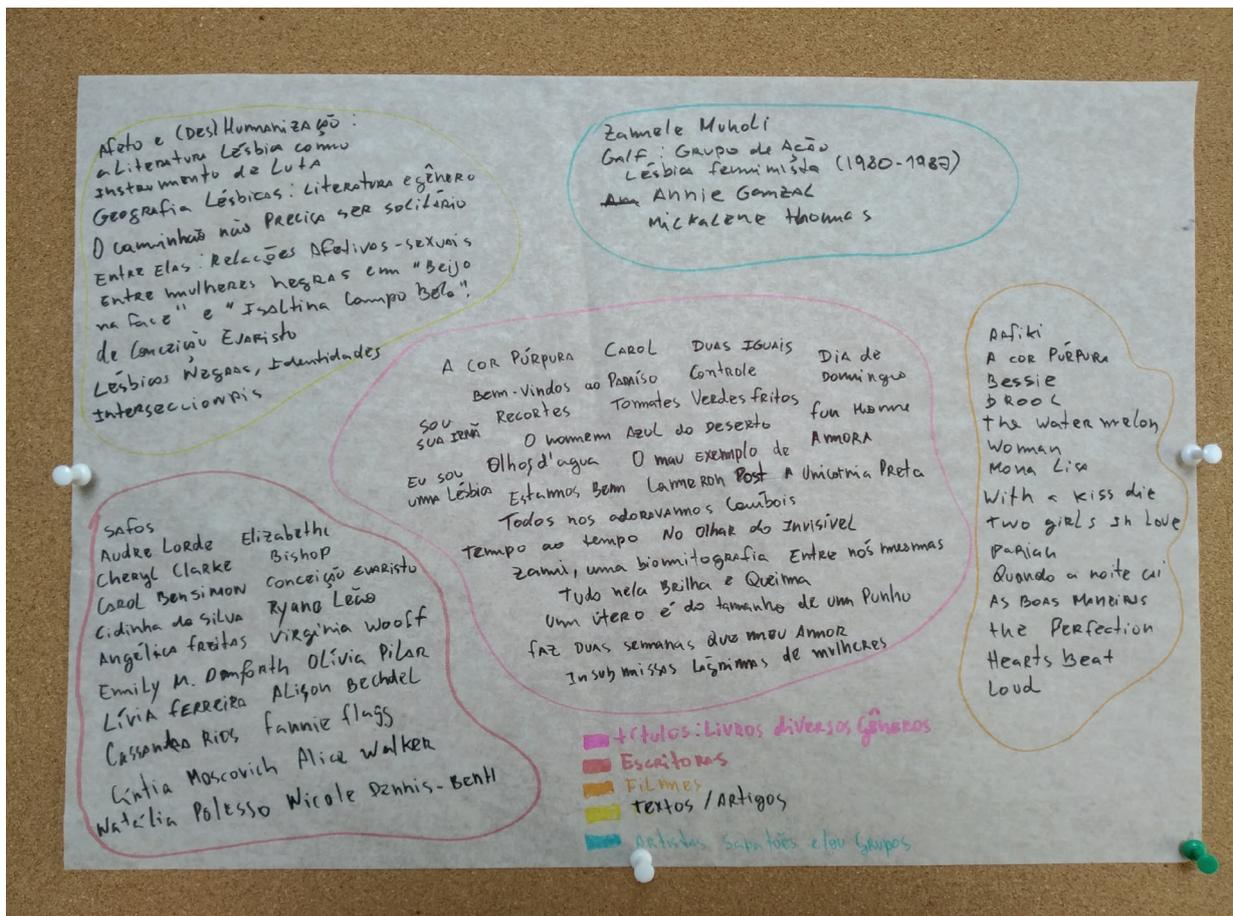


Imagem 29: segunda cartografia.

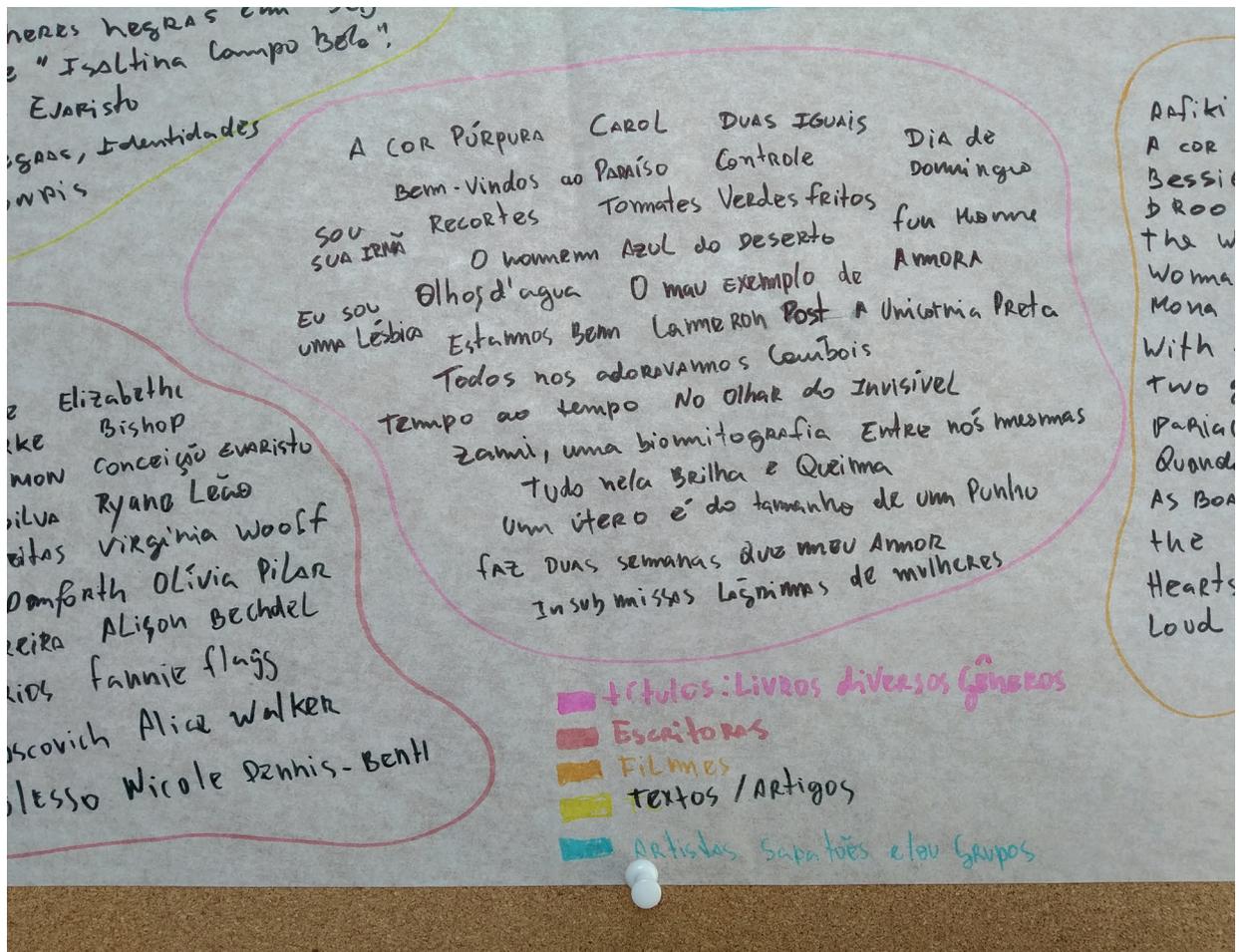


Imagem 30: segunda cartografia com aplicação de cores e legenda.

## Interseções da literatura lesbiana

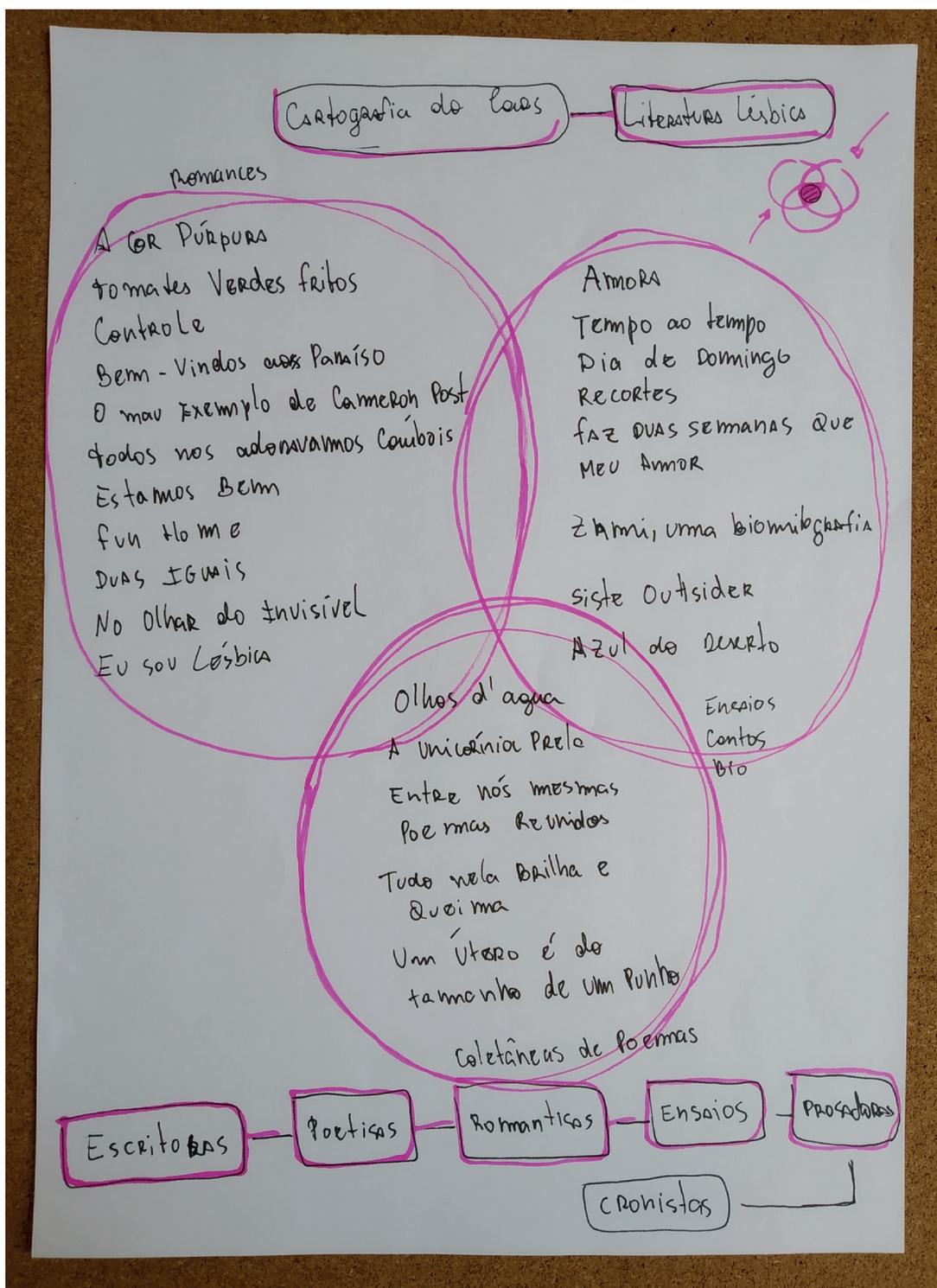


Imagem 31: última cartografia geral: relacionada pelo gênero literário e autoras.

#### **4.1.2. Cartografias específicas**

Nesta etapa da metodologia analise duas escritoras, Audre Lorde e Cheryl Clarke, o objetivo é encontrar parâmetros semelhantes entre as autoras. Levei em consideração, experiência de vida, participação na luta de direitos civis da comunidade negra e LGBTQI+, além de buscar similaridades na produção textual e modos de compartilhamento das suas narrativas.

Nos primeiros rascunhos alinhei quais seriam os pontos similares das duas autoras: as duas são poetisas, participam da militância negra e lésbica, nasceram nos EUA, vivências enquanto mulheres negras estadunidenses lésbicas, criticam o sistema da prosa – orientada disseminada nas academias e a invisibilização da produção textual lésbica. Outra questão de análise é como os escritos delas chegam para não alfabetizados da língua inglesa, a maioria dos ensaios e poemas chegam ao Brasil, por meio da tradução livre que é realizada entre a comunidade feminista.

As próprias autoras defendem que a poesia é uma das formas de compartilhamento de vivências entre as mulheres de cor e a

importância da tradução feminista de cor, pois é um ato de subversão aos moldes hegemônicos de poder. Em 2020, algumas editoras independentes iniciaram a tradução e publicação de forma impressa e digital (e-book) da escritora Audre Lorde. Os textos da Cheryl Clarke ainda são compartilhados de forma independente, principalmente com o advento das redes sociais e novas possibilidades de tradução livre na internet.

Na segunda etapa de experimentações dessa metodologia continuei utilizando cores (rosa, roxo e vermelho) para melhorar a visualização das autoras. Depois desenvolvi, uma cartografia centrada na frase “poesia não é luxo” da Audre, destacando frases e pensamentos importantes.

As últimas experimentações cartográficas são da autora Conceição Evaristo. Escritora que deu origem ao termo “escrevivências” na literatura brasileira, analisei o livro “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” onde a autora apresenta uma narrativa do processo de “cura” das personagens os quais todas as protagonistas são negras. Durante a análise do livro, destaquei o conto “Isaltina Campo Belo”, pois trata – se de uma vivência lesbiana na sociedade brasileira.

Utilizei as cores amarela e verde para organizar o meu processo caótico de anotação durante a análise dos textos e vida da escritora. Além disso, também fiz reescrevi passagens de falas da própria autora, assistindo entrevistas pela plataforma do Youtube em que a escritora, relata o seu processo de criação textual e escrevivências.

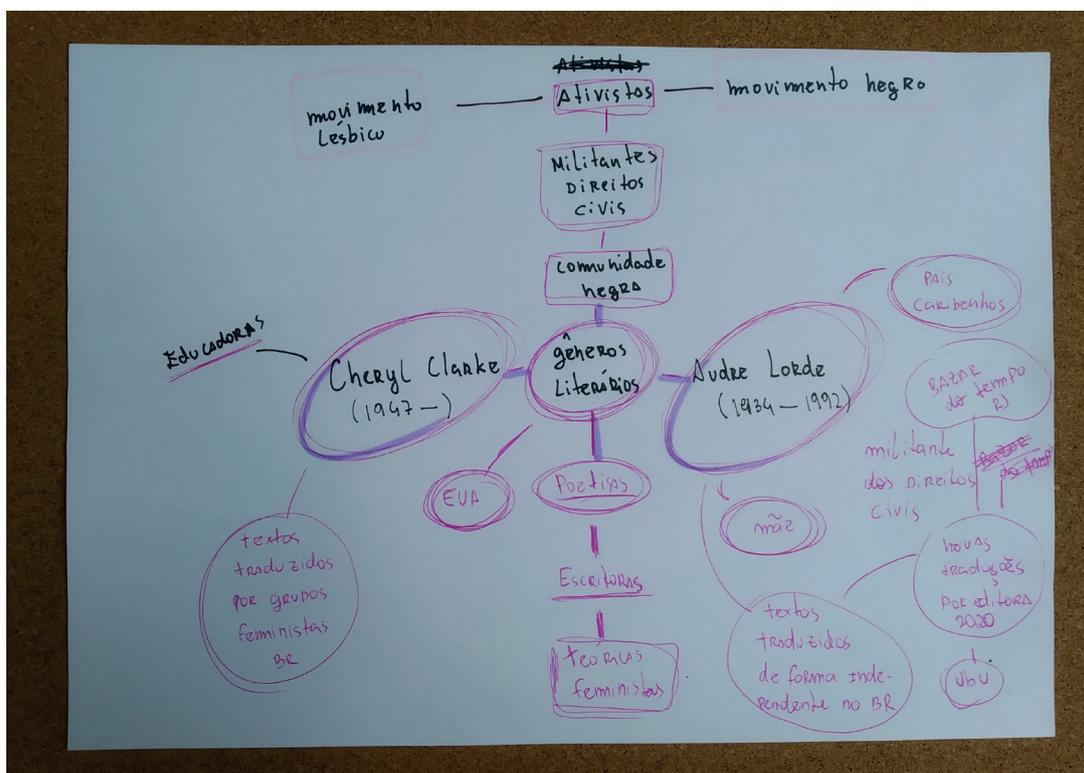


Imagem 32: cartografias específicas das escritoras Audre Lorde e Cheryl Clarke.

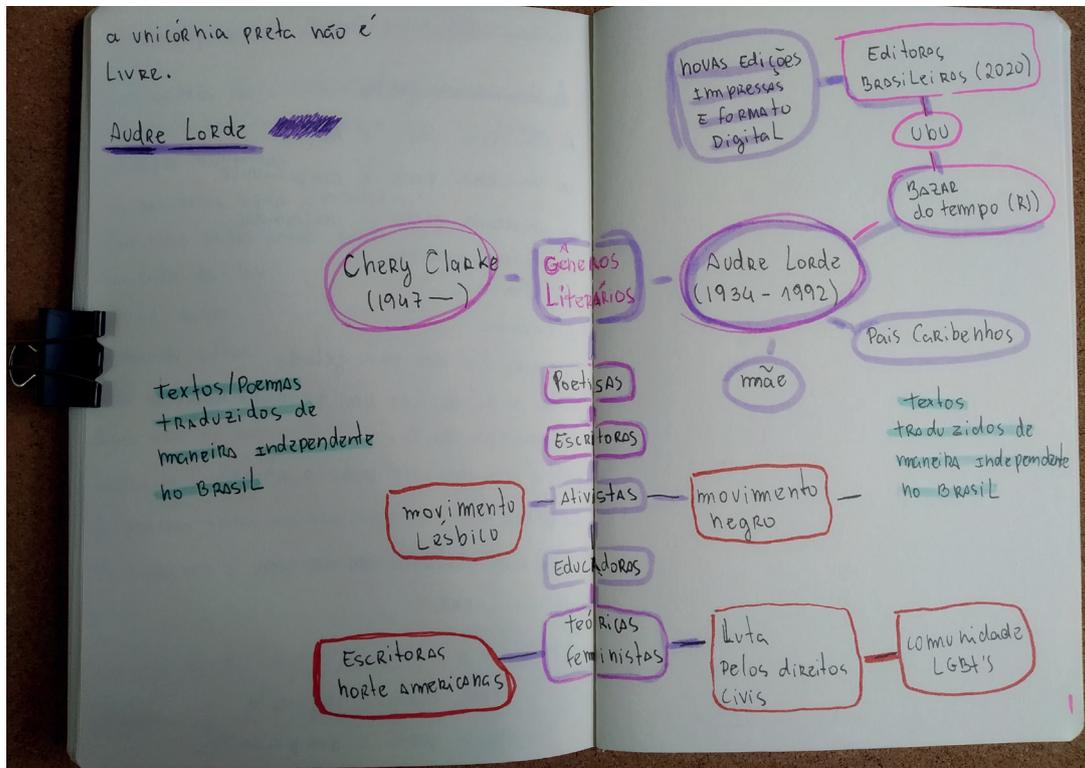


Imagem 33: ultima versão da cartografia interseção das autoras.

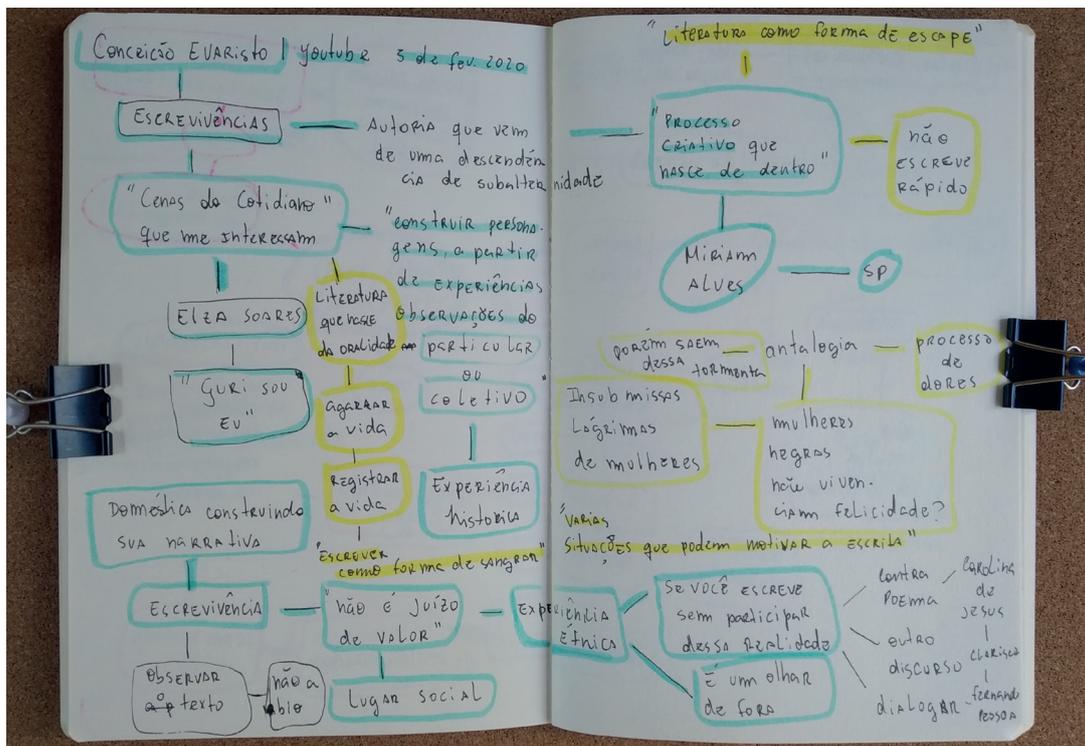


Imagem 34: aplicação da metodologia da escritora Evaristo Conceição.

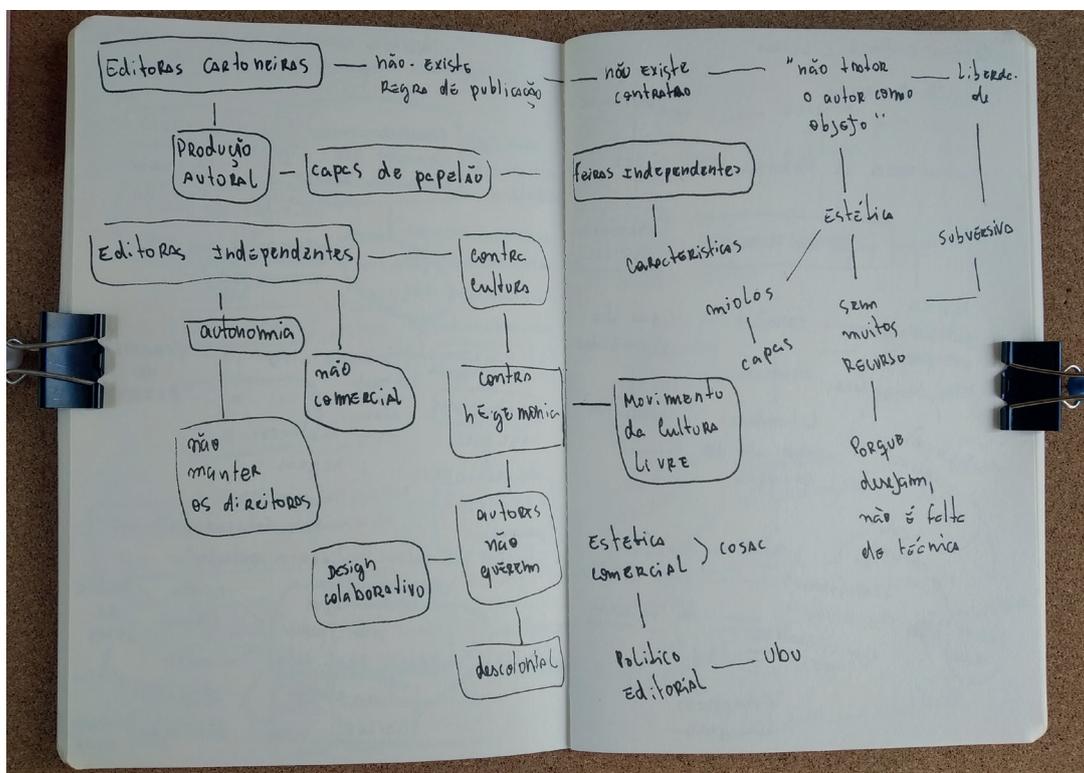


Imagem 35: último experimento cartográfico desenvolvido para a análise da escritora Conceição Evaristo.

## 4.2. Definição da proposta Inicial

Inicialmente a proposta do trabalho era desenvolver projetos cartográficos que promovam a ampliação da visibilização da Literatura Lésbica protagonizadas por mulheres pretas e/ou não-branca. Utilizarei processos analógicos ao decorrer do desenvolvimento das cartografias como ilustrações tradicionais e desenhos de dados, a partir desse método desenvolverei uma estética literária ou linguagem visual próprias, os quais auxiliem o compartilhamento dessa produção textual, destacando figuras históricas

mais relevantes para o tema, além trechos de ensaios, poemas, entre outros.

## **5. ESTUDO DE CASOS**

O objetivo do estudo de casos feito nessa pesquisa e analisar algumas iniciativas das editoras do circuito independente brasileiro e livros de temática feminista preto e LGBTQI+QI+. Além disso, dois desses livros foram utilizados na curadoria dos textos selecionados durante a pesquisa da base teórica do trabalho e serviram de inspiração no desenvolvimento do projeto gráfico.

### **5.1. Editora Ubu**

É uma editora independente sediada no estado de São Paulo. O foco das publicações da Ubu é publicar textos e criações artísticas relevantes para o debate contemporâneo abordando temas como feminismo, sexualidades, filosofia, design, arquitetura, artes plásticas, literatura, fotografia entre outros. Prezam pela experiência de leitura dos leitores desenvolvendo livros de alta qualidade publicando clássicos e textos inéditos no país, segundo a editora “Acreditamos que a relação do leitor com o objeto livro modifica sua maneira de se apropriar de seu conteúdo e que o

design é absolutamente central para isso.”

A seguir um print do site da editora. No ano de 2020 a editora participou de um circuito de publicações e traduções de conteúdo inéditos da autora Audre Lorde, o título “Sou sua irmã – Escritos reunidos e inéditos”(imagem 36).

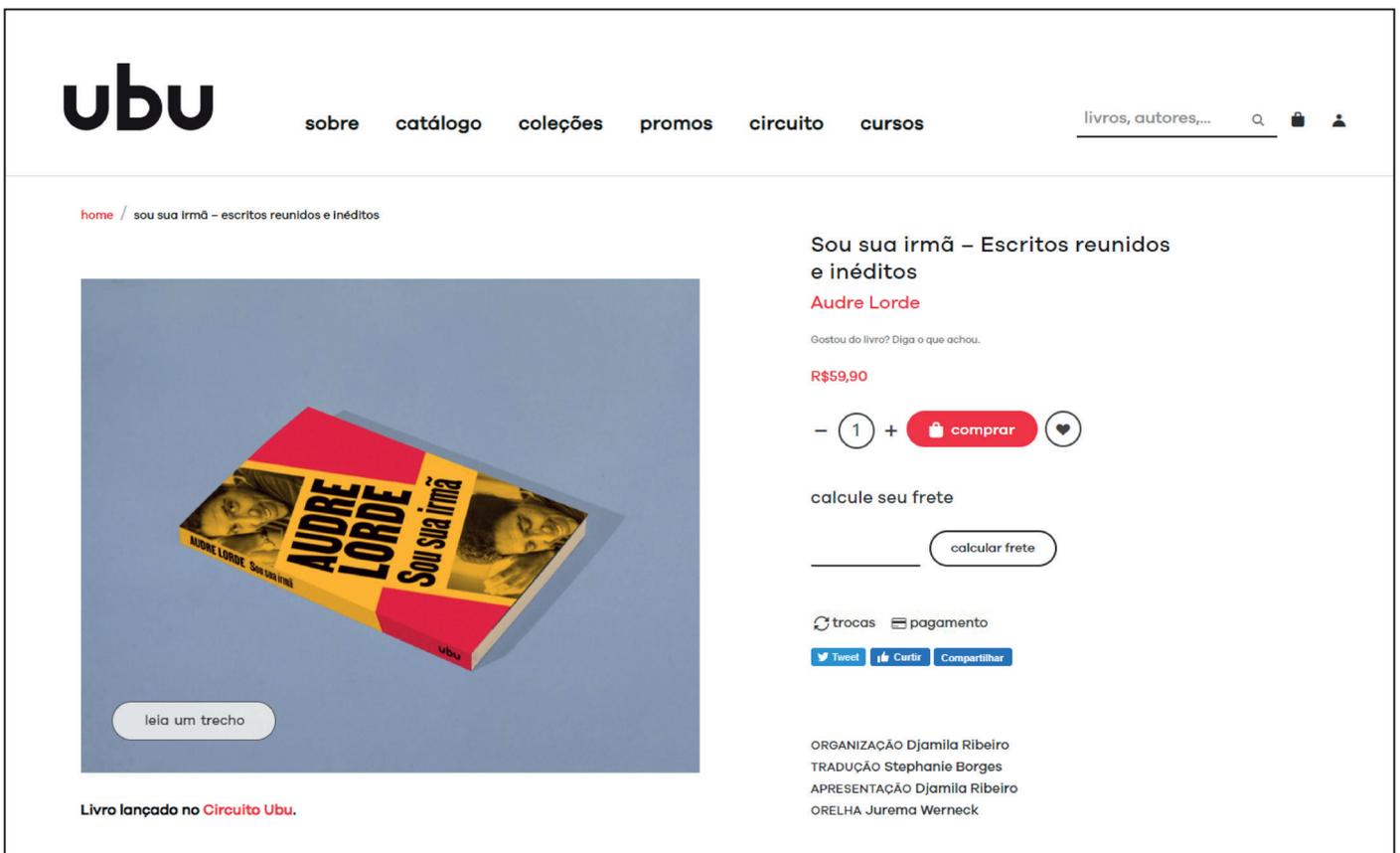


Imagem 36: print do site da editora Ubu.

## **5.2. Editora Bazar do Tempo**

A editora independente Bazar do Tempo é sediada no estado do Rio de Janeiro. Ela também está na rede editorial brasileira proporcionando publicações voltadas para o debate em áreas da história, teoria feminista, fotografia, poesia, literatura, ciências sociais entre outras. A proposta deles reforçam a importância do valor da cultura e construção da memória pública. O catálogo é bem diversificado apresentando autores e autoras estrangeiros e brasileiros, além da publicação de conteúdos inéditos nas livrarias do país e faz parte do circuito de lançamentos de poemas inéditos da escritora Audre Lorde os quais foram traduzidos pelas escritoras Tatiana Nascimento e Valéria Lima(imagem 37).

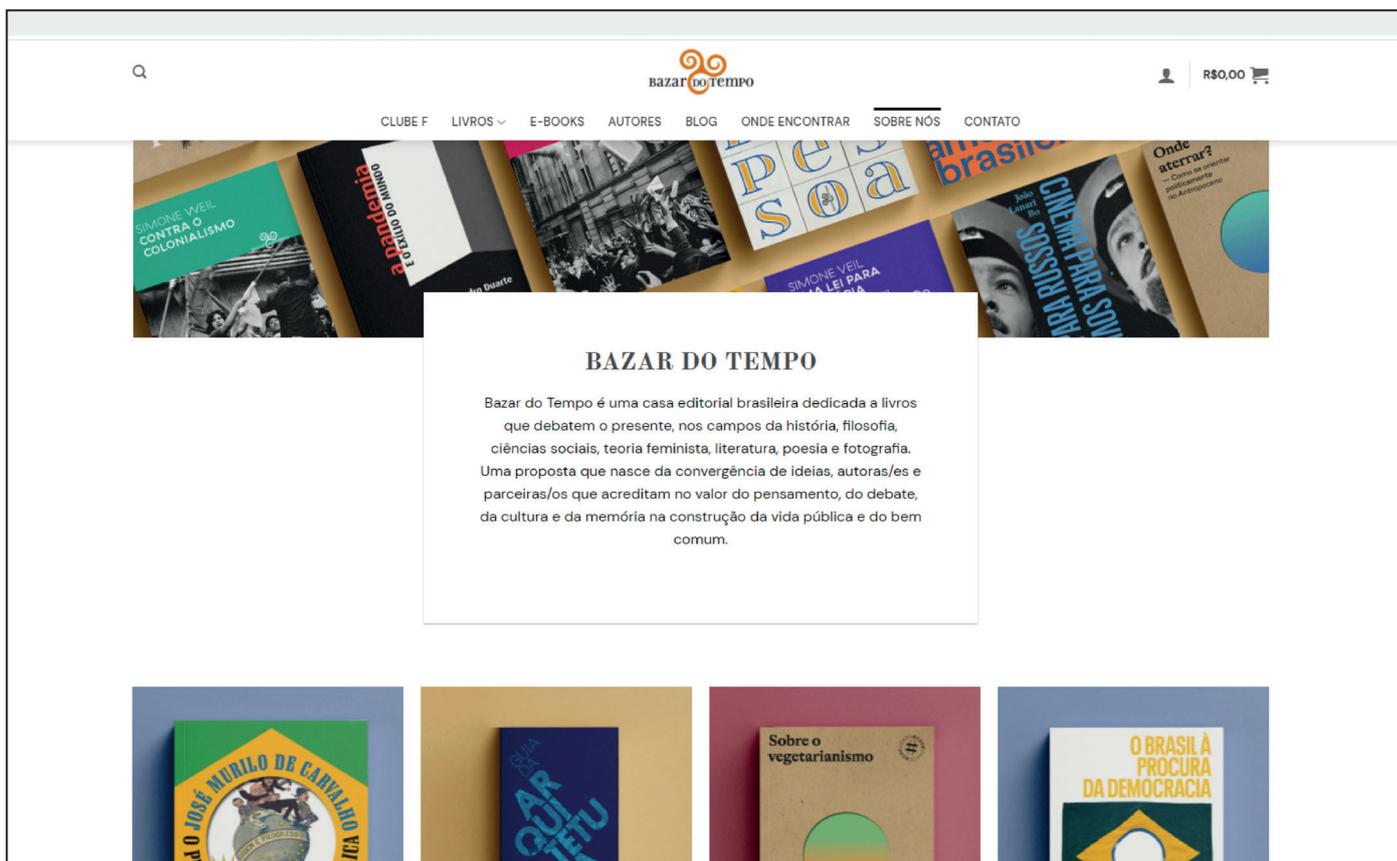


Imagem 37: print do site da editora Bazar do Tempo.

### 5.3. Editora A Bolha

A editora independente surgiu a partir de um grupo de leitores que compactuaram com a necessidade de ultrapassar os “limites” de expectador e participar nos desenvolvimentos dos livros. Esse projeto entre as três editoras analisadas pode ser considerado a mais ousada em relação à publicação de alguns títulos no país, a produção gráfica é caracterizada por ilustrações analógicas e digitais “ousadas”, cores vibrantes. A especialidade e a tradução de títulos estrangeiros para o português e divulgação

de obras brasileiras na América do Norte, o catálogo tem como base temas as quais abordam sexualidade. Outra característica dessa editora é o financiamento coletivo com divulgação online e recompensas para a publicação dos livros(imagem 38, 39).

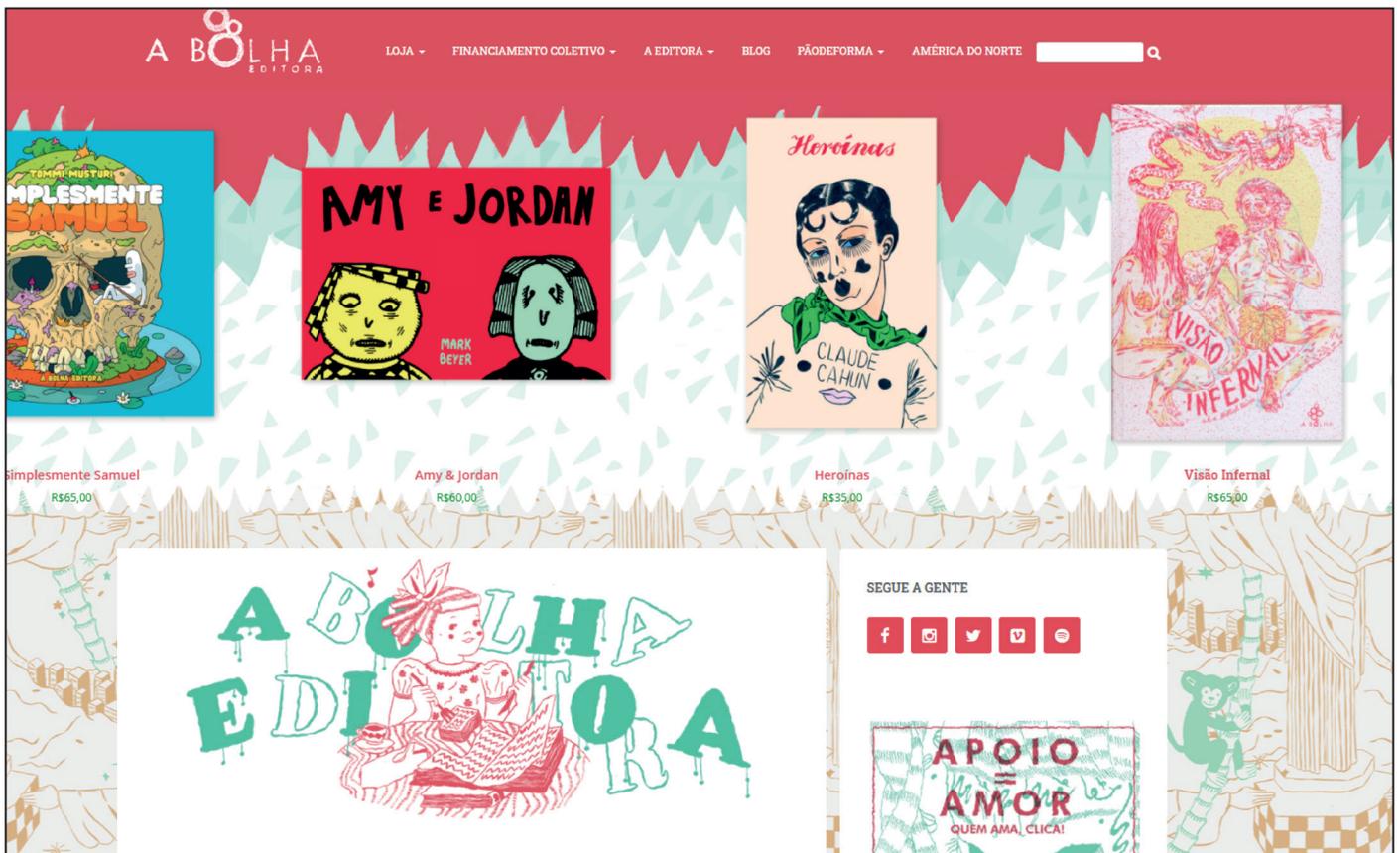


Imagem 38: print do site da editora A Bolha.



Imagem 39: print do instagram da editora na divulgação do livro“O Corpo Lésbico”

#### 5.4. Considerações sobre o estudo de caso:

As três “marcas” fazem parte de um circuito independentes das editoras brasileiras reforçando o interesse do público em títulos diversificados como sexualidade, teorias feministas preta, ciências sociais, filosofia entre outros. Todas têm publicações LGBTQI+ e de autores negrxs, principalmente mulheres reforçando a necessidade de apoio a grupos historicamente excluídos do poder e o interesse dos leitores por essas narrativas.

Um fator importante é a qualidade dos projetos gráficos desenvolvidos o que muda completamente a experiência do leitor ao adquirir a obra. A editora Ubu tem um universo diversificado valorizando o design de seus livros, possibilitando características únicas no editorial e traz a discussão do livro para além de um objeto de consumo e as três marcas trabalham com a tradução de títulos ainda inéditos no país.

Apesar do alto interesse do público brasileiros em livros representativos e bem elaborados, os preços padrões por essas experiências únicas no editorial costumam ser elevados. O objetivo dessa análise não é apenas criticar os preços sugeridos pelas editoras, mas questionar valores altos considerando outras variantes ligadas a questões antes da compra: valor do salário mínimo brasileiro, poder de consumo e qual público leitor se destina, tais projetos editoriais. Entretanto, independente disso essas editoras continuam no circuito das livrarias principalmente por terem mais diversidade nas narrativas e autores.

Outra característica é que para além das versões impressas o surgimento do formato e-book tem atraído os leitores é um dos fatores são os preços mais econômico. A Bolha é a única editora analisada a qual tem financiamento coletivo

isso possibilita a existência de novas editoras independentes e uma nova forma de experiência dos leitores seja na colaboração, ajudar autores também autônomos e/ou adquirir livros de luxo por preços mais econômicos, não deixando de lado a qualidade do projeto gráfico.

## **6. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO GRÁFICO**

O Livro Marias - Literatura Preta Lésbica

A proposta inicial do projeto era o desenvolvimento de um conjunto de cartografias e experimentações visuais os quais possibilitariam a divulgação da Literatura Lésbica protagonizadas por mulheres pretas e/ou não – brancas. Entretanto, ao decorrer do processo de pesquisa as cartografias foram utilizadas como um método prático de aplicação da base teórica pesquisada. A cartografia é utilizada nesse projeto gráfico como metodologia de pesquisa originando o projeto editorial “Marias - Literatura Preta Lésbica”.

O editorial apresenta como objetivo reafirmar a importância da representatividade de mulheres múltiplas vivenciando suas sexualidades e narrativas. O livro seleciona quatro autoras, duas estrangeiras e duas nacionais em que suas produções textuais exaltam o afeto entre

mulheres de cor. O conteúdo é formado por trechos de ensaios, contos, crônicas e poemas das escritoras, além das experimentações cartográficas e aplicação de ilustrações das autoras.

### **Conceito do nome Marias**

#### **Por que Marias?**

O nome escolhido para editorial faz referência a diversidade e pluralidade em relação as origens do seu significado. A popularidade ocorre devido a expansão do cristianismo, principalmente por ser a denominação da mãe de Jesus nas escrituras. Porém, o que desejo trazer nessa escolha e a dualidade do título. Maria pode ser a mãe do messias, mas também Maria Madalena, a mulher julgada pela população devido sua profissão, além de outros mitos construídos em torno dessa figura feminina ao longo dos séculos.

Ele também dá origem a diversos estereótipos referentes as mulheres como o uso pejorativo dos termos “Maria sapatão” ou “Maria João” para designar e ofender mulheres as quais não se enquadram nos moldes heteronormativos da sociedade. Entretanto, a comunidade LGBTQI+ tem ressignificado a utilização dessas nomenclaturas, por isso utilizo este nome no

intuito de referenciar e homenagear todas as Marias, independentemente de suas origens, sexualidade, etnias e religiões.

### **6.1. As divisões do livro:**

#### **Minibiografia**

Apresentar a biografia resumida das escritoras ao iniciar os tópicos do livro. Além disso, as ilustrações autorais também foram aplicadas na mini – bio os quais proporcionam grande influência no desenvolvimento da identidade visual do projeto gráfico.

#### **Textos selecionados**

O objetivo é selecionar os textos das autoras que narrem a pluralidade étnico – racial e sexual das mulheres nas suas histórias. Os escritos foram escolhidos ao decorrer da pesquisa teórica no desenvolvimento do projeto, além disso todos discorrem sobre o afeto entre mulheres de cor. Porém a particularidade de cada autora foi respeitada durante a curadoria. Por isso, os textos escolhidos diferem entre si no quesito gênero textual e literário o que reforça a diversidade não apenas das autoras como das narrativas.

### **Experimentações cartográficas**

As experimentações cartográficas são aplicadas no editorial, após uma seleção das melhores sobre cada escritora escolhida para compor o livro. O objetivo era mostrar minhas expressões artísticas e metodologia de pesquisa. Próximo de finalizar o capítulo de cada autora as cartografias foram aplicadas no editorial.

### **Indicações de obras**

Ao final de cada capítulo das autoras é apresentado algumas indicações de leituras para o leitor que desejar complementar sua leitura. O foco principal dessas sugestões é indicar livros os quais são traduzidos, porém como já foi citado na sessão de pesquisa teórica algumas autoras estrangeiras só foram difundidas no universo das traduções feministas descoloniais por meio da produção e divulgação independentes.

A escritora Audre Lorde, só entrou no circuito de editoras brasileiras em 2019 e a poetisa Cheryl Clarke ainda não teve nenhum título traduzida no país fora do contexto explicado e existe um financiamento coletivo da Editora Bolha para a publicação do título “Cheryl Clarke – Vivendo como uma lésbica”. Por isso, até o momento do desenvolvimento desse trabalho de conclusão

as obras indicadas dessa autora ainda não estão traduzidas.

## **7. IDENTIDADE VISUAL**

### **7.1. Primeiras experimentações**

A construção da identidade visual inicialmente é feita por meio da base cartográfica desenvolvida ao decorrer da curadoria textual das autoras. As primeiras experimentações cartográficas foram desenvolvidas 100% no meio analógico com lápis, canetas esferográficas e marcadores. Com isso, as primeiras páginas diagramadas do projeto gráfico são uma tentativa de construir uma composição harmônica entre conteúdo produzido através de métodos tradicionais e os textos selecionados.

As primeiras experimentações de composição das páginas foram desenvolvidas a partir da aplicação das cartografias escaneadas, editas com efeitos de sobreposição e saturação de algumas cores. Também usei minha expressão artística durante a elaboração das páginas cartográficas. Os “itens” gráficos apresentam inspiração em linhas orgânicas, além dos trabalhos feitos pela designer de informação Giorgia Lupi.

Apenas o formato da publicação estava definido 17 x 26 cm fechado e a página dupla 43x26cm. O objetivo era testar maneiras de sobrepor textos e cartografias manuais ainda sem a definição exata do grid. Possibilitando alterações mais livres e menos rígidos durante essa etapa inicial das experimentações de diagramação, avaliando fatores de harmonia entre texto, expressões gráficas e cores das páginas.

Ao final desta etapa foi possível classificar diversos pontos que sofreriam modificações ao decorrer do projeto. As margens calculadas durante os primeiros rascunhos do grid e as aplicações das cartografias não proporcionaram uma legibilidade para o leitor (imagens 40, 41, 42 e 43).

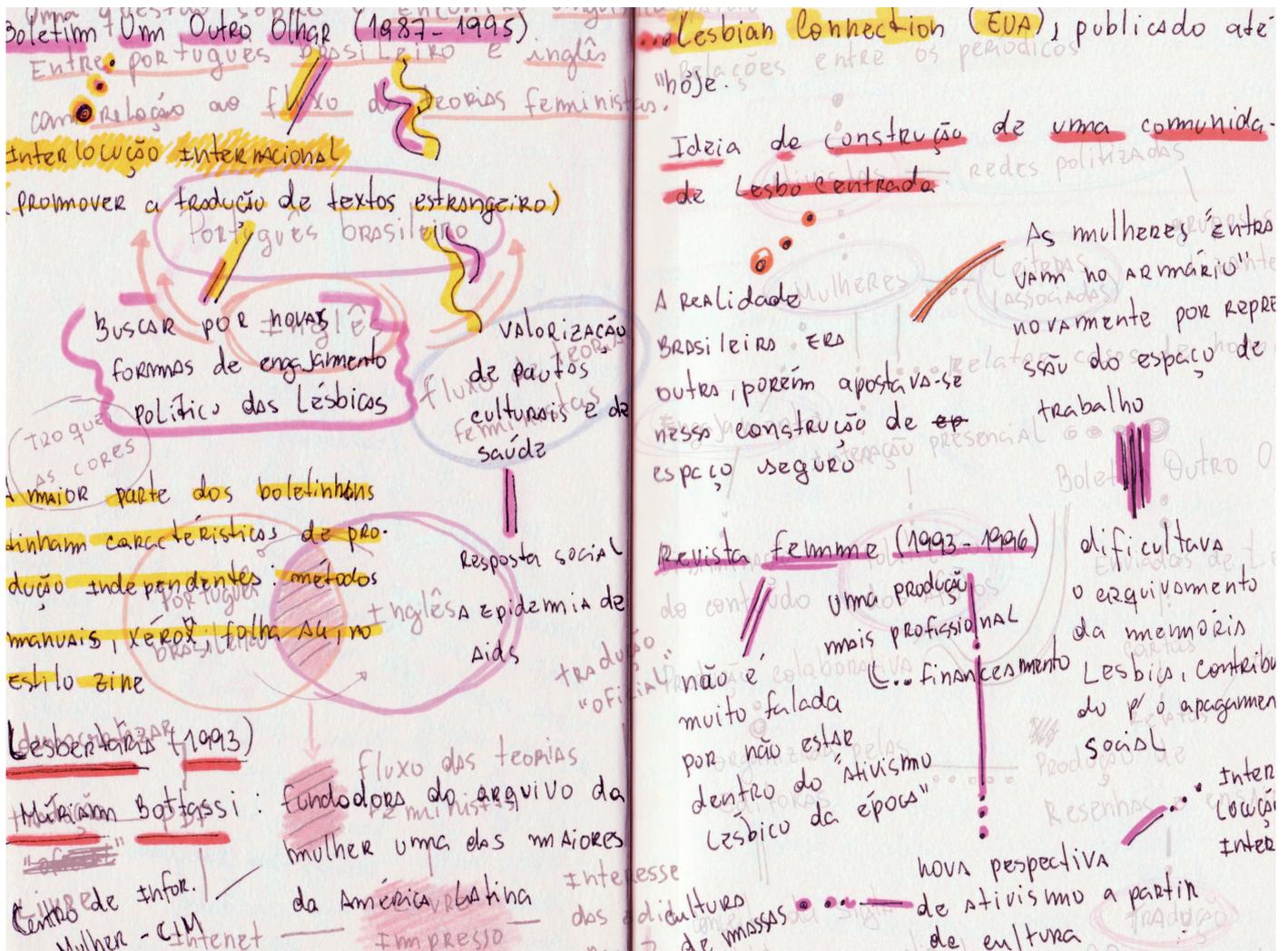


Imagem 40: scanner das páginas com edição.



“ é através da poesia que damos nome àquelas ideias que – antes do poema – não tem nome nem forma, que estão para nascer, mas já são sentidas. Essa destilação da experiência da qual brota a verdadeira poesia faz nascer o pensamento, tal como o sonho faz nascer o conceito, tal como a sensação faz nascer a ideia, tal como o conhecimento faz nascer (antecede) a compreensão.”

## A UNICÓRNIA PRETA

A unicórnica preta é ávida  
a unicórnica preta é impaciente  
a unicórnica preta foi confundida  
com uma sombra  
ou símbolo  
e levada  
através de um país gelado  
onde a névoa fez um retrato risível  
da minha raiva.  
Não é em seu colo onde o chifre repousa  
mas nas profundezas de sua  
cratera lunar  
crescente  
a unicórnica preta é inquieta  
a unicórnica preta é implacável  
a unicórnica preta não é  
livre.

Tradução Stephanie Borges

Imagem 42: novas tentativas de usar as cartografias e textos.

de lésbicas e gays organizado até o momento, foi promovida uma exposição de livros que ignorava as obras de homossexuais de cor.”

“Escritoras lésbicas e autores gays de cor, nossos trabalhos e nossas preocupações, frequentemente são invisíveis em boletins sobre literatura e publicações que circulam nas comunidades LGBTQI+.”

“Escrevo sobretudo para aquelas mulheres que não falam, que não verbalizam, porque elas, nós, estamos aterrozadas, porque fomos ensinadas a respeitar mais o medo que nós mesmas.”

“quando uma comunidade literária é oprimida pelo silêncio exterior, como os escritores negros são na América, e ocorre esse tipo de insistência tácita em uma definição unilateral do que é “negritude” ou do que ela exige, então alguém está efetiva e dolorosamente silenciando algum dos nossos talentos mais criativos e dinâmicos, pois toda mudança e todo progresso interior vêm do reconheci-

mento e uso da diferença entre nós.”

“O amor expressado entre as mulheres é particular e poderoso, porque tivemos de amar para viver; o amor é a nossa sobrevivência.”

“E no meu trabalho insisto em que não existe algo como um amor universal na literatura.”

“Amo escrever poemas de amor; amo amar. Para colocar isso em outra perspectiva que não seja a poesia, escrevi um ensaio intitulado “Usos do erótico: O erótico como poder”, no qual examino a questão inteira do amor como uma manifestação. O amor é tão importante por ser fonte de imenso poder.”

Imagem 43: continuação.

### **7.1.2. Primeiras experimentações das ilustrações**

Assim como no método cartográfico as ilustrações também foram desenvolvidas por meio de técnicas tradicionais de desenho. O objetivo das ilustrações é utilizar das minhas expressões artísticas para dar a visualidade aos textos, além disso as cores utilizadas para compor o retrato das autoras também originaram a composição final da paleta de cores. Os esboços dos primeiros desenhos têm inspiração nos retratos das escritoras ( fotografias 44 e 45).



Foto: Jack Mitchell/Getty Images



Foto: Ute Weller/Bazar do Tempo/Divulgação

Os rascunhos iniciais foram elaborados a partir de uma mistura de técnicas de pinturas tradicionais: aquarela, nanquim e lápis de cor. As ilustrações não tinham como objetivo serem uma réplica exata das autoras no sentido de ser uma arte realista, a intenção é trazer meus traços e a união das características das autoras como cabelos, acessórios, tons das personagens. As referências visuais utilizei fotos das próprias autoras para a elaboração de rascunhos e a técnica principal que determinei nessa elaboração foi o cartoon, pois possibilitava a agilidade de reprodução devido a escolha de finalizar todos os retratos por meio

tradicionais de pintura.

A escolha de fazer todas as ilustrações de modo tradicional da pintura apresentou pontos positivos e negativos durante o processo. O lado positivo era a habilidade, conhecimento e experiência técnicas tradicionais de desenho e isso traz a espontaneidade desejada durante os primeiros experimentos, enquanto o lado negativo foi a demora no processo de refazer os desenhos quando optava por alguma mudança ao decorrer dos estudos devido ao processo ser totalmente analógico.





Audre Lorde Audre Lorde Audre Lorde

Poesia Poesia Poesia

Poesia não é Luxo e

Poesia não é LUXO Poesia

Os primeiros rascunhos da escritora Audre Lorde definiram os parâmetros no desenvolvimento dos próximos desenhos. Entretanto apesar do tema estar bem definido, o estudo das características das autoras, separação das técnicas utilizadas e até dos textos escolhidos como método de inspiração. Muitos erros foram cometidos durante esse momento de experimentação. Buscava agilidade e uma técnica de pintura as quais fosse conhecida por mim e a técnica de pintura escolhida inicialmente foi a tinta aquarela e o contorno de tinta nanquim. Na tentativa de agilizar esse processo durante as experimentações iniciais o primeiro rascunho deixa evidente o erro cometido por essa escolha ao invés da autora ter o tom de pele mais aproximado possível a partir das referências ou até serem “aberrações cromáticas” se o desejo fosse explorar novas formas na representatividade de tons de pele ou subverter essas cores, infelizmente tomei a decisão de usar o fundo branco do papel como “tom de pele”.

Boca, cabelo Black Power, nariz com traços das etnias foram preservados na minha representação. Contudo, a autora devida o fundo branco sem a aplicação de tons de base mais “fortes” deixou a escritora branca. Ressalto

que em nenhum momento essa era a minha intenção, durante todo momento era trazer a representatividade preta valorizando os tons de pele de cada autora, porém devido a tentativa de “atalho” na elaboração dos rascunhos que iriam nortear todo o meu projeto no quesito cores, as experimentações ficaram excessivamente branca, ainda mais após o processo de scanner e tratamento de cores digitalmente. A segunda experimentação, apliquei mais sub – tons de aquarela no desenho, mas não foi o suficiente, também escrevi na segunda ilustrações no fundo uma das frases mais conhecidas da Audre Lorde “Poesia não é luxo” e repeti sem um “método” pré-elaborado o nome e sobrenome dela, além de fazer algumas hachuras para representar o volume no cabelo. Entretanto. julguei essa segunda tentativa apenas como um rascunho sem planejamento de cores ou forma, então o descartei de imediato (fotografias 46 e 47).







Foto: Copyright © Nivea Castro



Foto: Mario Ladeira / Trip editora

As ilustrações da Cheryl Clarke e Evaristo Conceição, seguiram esse mesmo modelo das primeiras experimentações feitas a partir do desenho da Audre lorde. Utilizei o fundo branco, o estilo de desenho cartoon e as técnicas de pintura com tinta aquarela e o contorno em tinta nanquim. Os estudos não foram satisfatórios no quesito representatividade dos tons da pele das autoras apesar da preservação das características básicas na composição dos retratos (imagens 48 e 49).

### **7.1.3. Aplicações das primeiras ilustrações nos spreads**

# AUTORAS



Imagem 48: experimentação de composição da página com as ilustrações.



Imagem 49: experimentação de abertura de capítulo.

Os retratos ilustrados das autoras obtiveram o efeito contrário do que buscava representar nas páginas do projeto gráfico. As cores do fundo também não ficaram de maneira desejada, a escolha dos tons de rosa, roxo e alaranjado a escolha dessas cores apresentava o propósito de subversão e a ressignificar o uso da cor rosa na sociedade machista e heteronormativa, porém o tom escolhido unido ao estilo de desenho cartoon

proporcionaram o efeito que chamarei de rebote nos estudos principias na composição. Após algumas orientações cheguei à conclusão que a paleta e métodos de pintura seriam alterados na intenção de retornar o proposito representativo do trabalho.

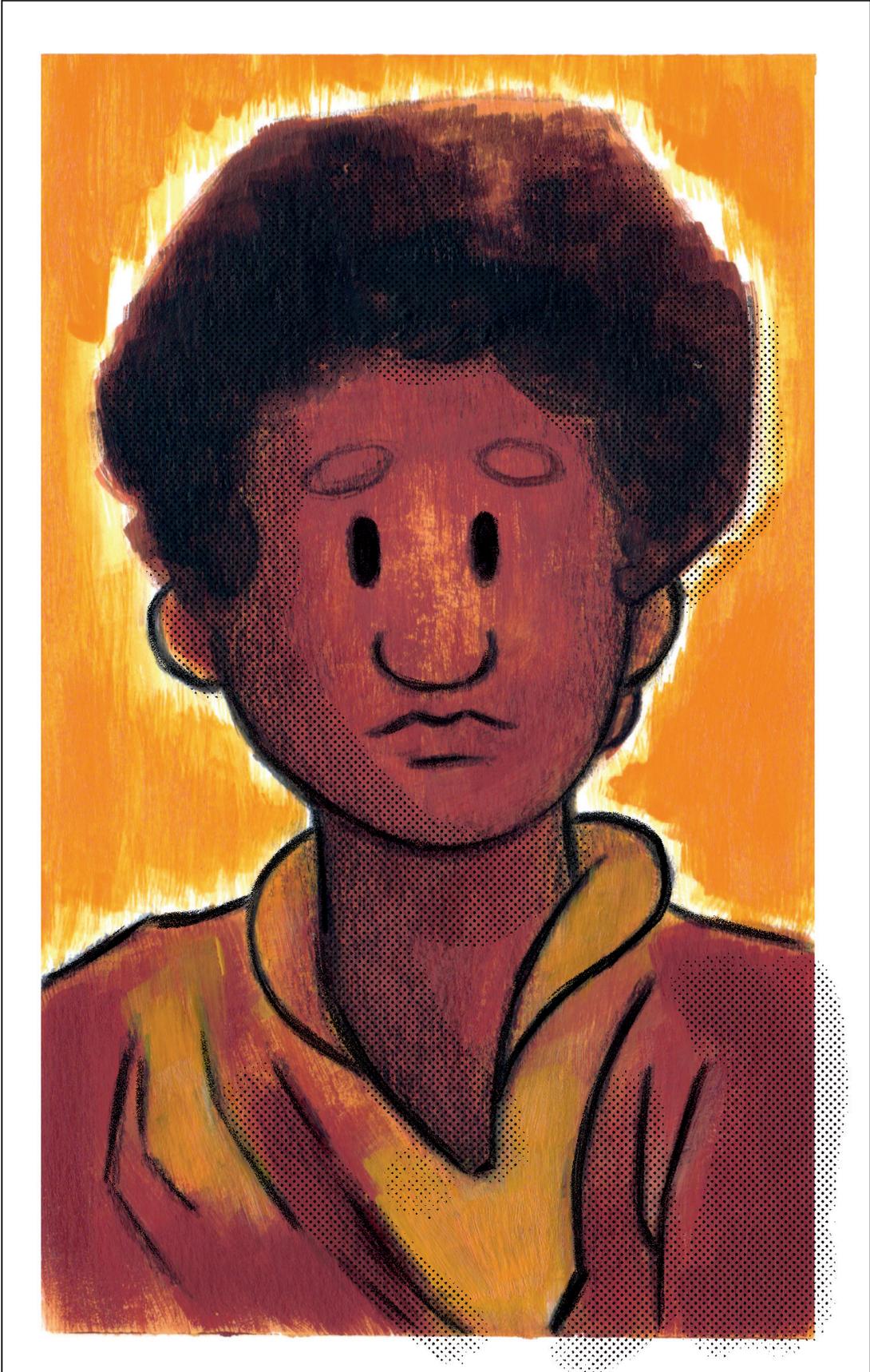
#### **7.1.4. Segunda etapa das experimentações**

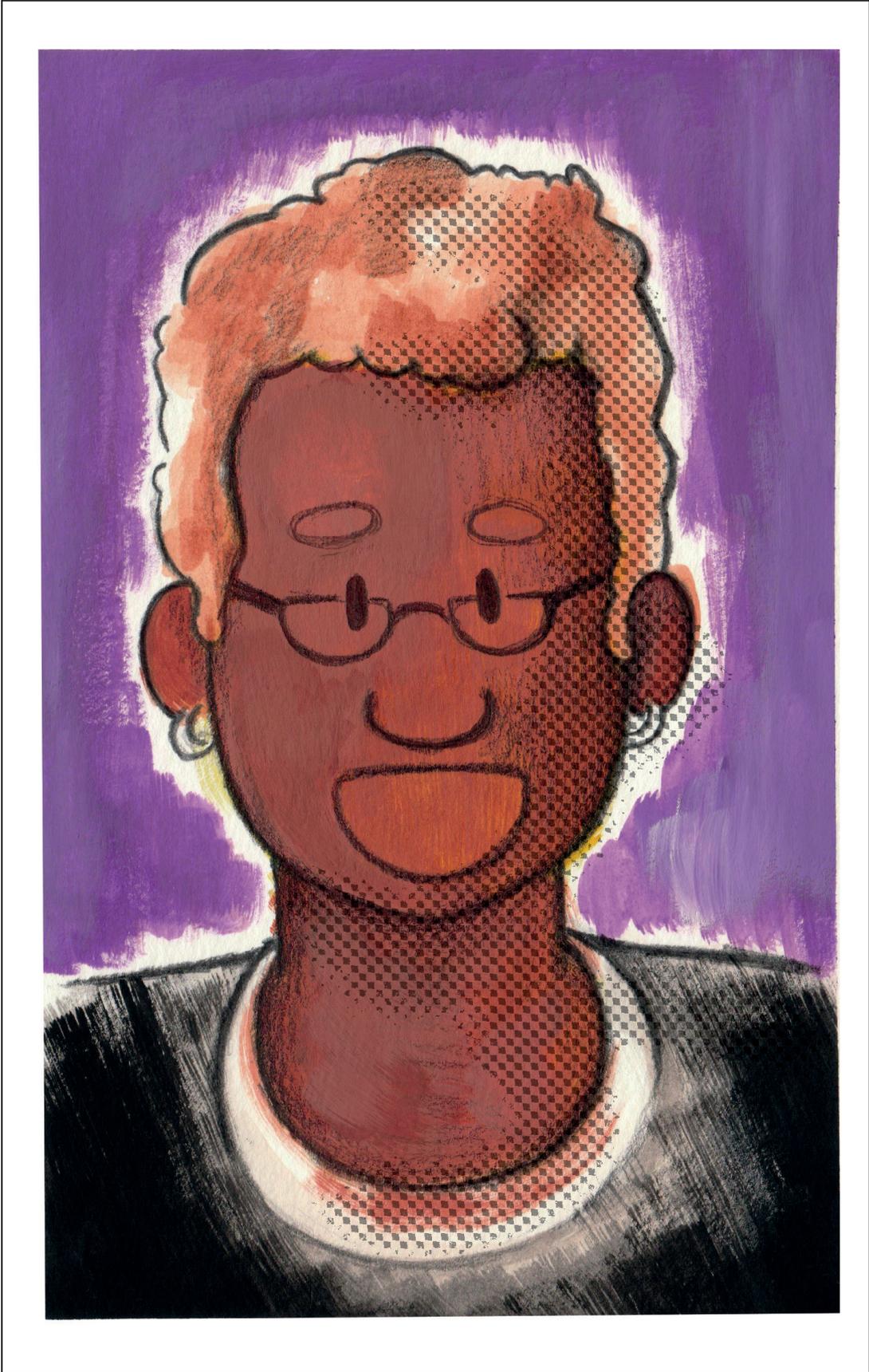
Após as reavaliações da primeira etapa dos rascunhos e finalizações dos retratos ilustrados alterações nas paletas de cores, técnica de pintura e uso das texturas tiveram mudanças. O objetivo era desenvolver novas ilustrações os quais reafirmassem o tema abordado na pesquisa e elaboração do projeto gráfico. A técnica de pintura escolhida foi a tinta guache que possibilita uma variação mais ampla da sobreposição das camadas da tinta e o surgimento de novas texturas com o auxílio do papel escolhido e pinceis. Com isso novos estudos de tons de pele foram feitos no intuito de não cometer o mesmo erro dos primeiros experimentos.

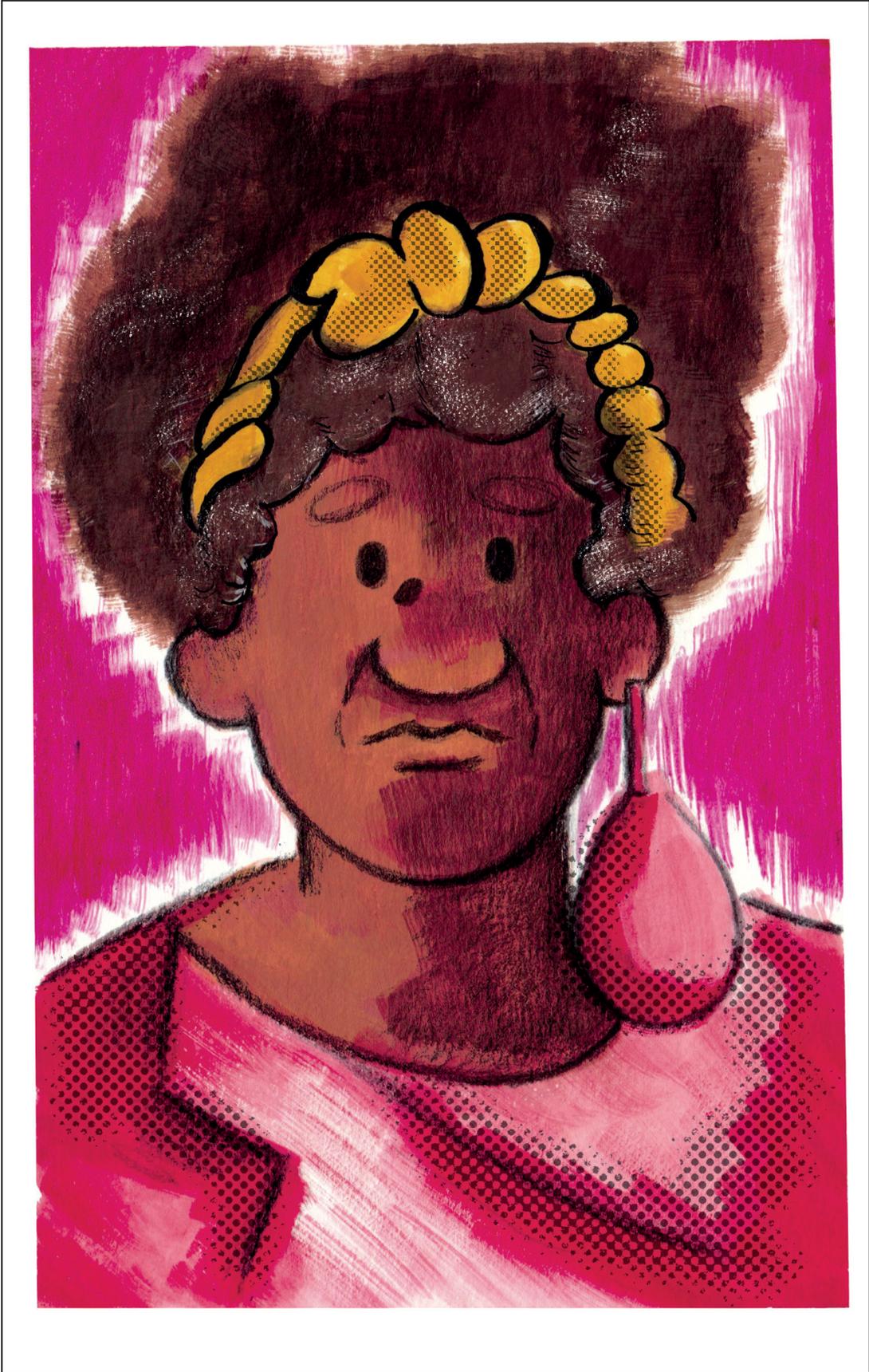
A referência cromática usada para compor a paleta de cores continuaria sendo as fotografias das escritoras. Uma nova etapa de estudos e testes foram desenvolvidas e o objetivo era respeitar a

pluralidade de cores das autoras selecionadas.  
Realizei novas experimentações com a tinta  
guache, inspirando – me nas texturas dos cabelos  
delas na composição dessas novas ilustrações.

A seguir as quatro ilustrações das autoras  
finalizadas.









Outra mudança foi a aplicação de retículas digitalmente, após o processo de scanear e edição. Além disso, ao invés de usar somente tinta nanquim na finalização também utilizei lápis de cor preto no processo de contorno e sombreamento. Explorei mais as texturas dos papeis e pinceis nessa etapa, o que mudou completamente o tom do projeto unido com a escolha da nova paleta de cores da pele, o enquadramento inspirado em retratos se manteve, mas as cores usadas inicialmente no fundo tiveram modificações e tons terrosos também são outra mudança nessa finalização. O novo estudo e experimento das texturas dos cabelos também possibilitaram uma identidade única nos desenhos. O preto volta a ser o protagonista do projeto e como coadjuvantes surgem os tons de marrons e outras cores vibrantes como o amarelo e roxo. Além disso, a nova paleta de cores escolhidas durante essa segunda etapa do processo influenciou os novos tons cromáticos que foram utilizados na composição final do trabalho como cores das páginas, tipografias e aplicação de texturas na abertura dos capítulos ( imagem 50).



Imagem 51: nova página de abertura.

Nesse spread as quatro ilustrações foram finalizadas seguindo a mesma linha de raciocínio aplicado no spread número cinco. O amarelo também é usado para sobrepor a nova cor vinho o qual seria sobreposta ao tom da folha (imagens 51 e 52).

# AUDRE LORDE

Filha de pais caribenhos, nasceu nos EUA, (18/02/1934–17/11/1992), se autodenominava uma mãe, escritora, poetisa, lésbica, ativista do movimento negro, além disso é referência das lutas feministas e direitos civis da população LGBTQ. Audre Lorde, também foi educadora participava ativamente da militância utilizando das palavras como sua maior forma de expressão e luta.

10

11

Imagem 53: novos spreads de abertura do capítulo da minin - bio.

## **A UNICÓRNIA PRETA**

A unicórnica preta é ávida  
a unicórnica preta é impaciente  
a unicórnica preta foi confundida  
com uma sombra  
ou símbolo  
e levada  
através de um país gelado  
onde a névoa fez um retrato risível  
da minha raiva.  
Não é em seu colo onde o chifre repousa  
mas nas profundezas de sua cratera lunar  
crescente

a unicórnica preta é inquieta  
a unicórnica preta é implacável  
a unicórnica preta não é  
livre.

16

## **IRMÃ OUTSIDER**

Nós nascemos num tempo pobre  
nunca tocando  
a fome uma da outra  
nunca  
partilhando nossas cascas  
por medo  
do pão transformado em inimigo.

Agora criamos nossos filhos  
para respeitarem a si mesmos  
assim como uns aos outros.

Agora você tornou a solidão  
sagrada e útil  
e não mais necessária  
agora  
sua luz brilha intensamente  
mas quero que você  
saiba  
sua escuridão também  
é fértil  
e supera o medo.

17

Imagem 54: experimentações de diagramação com as poesias.

Nos últimos dois spreads começo a simular a textura de folha pólen nas páginas. Além de fazer experimentações com a tipografia do nome Audre Lorde e sua respectiva ilustração, usando a função de sobreposição das camadas no photoshop durante o desenvolvimento da textura, as cores dos textos em prosa também foram alteradas pela primeira vez, porém mantendo o preto nas poesias para criar um contraste entre os dois tipos de escritas.

### **7.1.5. Uso de detalhes ilustrativos**

Outro uso para as ilustrações ao decorrer do livro foi o que chamo de “detalhes ilustrativos”. No intuito de dar uma “unidade” e acostumar o leitor pequenas partes das ilustrações são repetidas no início de cada capítulo ao lado do retrato da autora e no final dos textos selecionados para indicar o fim dessa sessão. Inicialmente o “detalhe ilustrativo” apresenta a proporção de um quadro, pois condizia com as primeiras experimentações de grid das páginas. A imagem do spread a seguir exemplifica uma das possibilidades iniciais de usar o quadro antes da página do retrato da autora. Essa textura sozinha no quadro sem uma base textual ou visual ao lado e a página ainda está totalmente branca (imagem 55).



Imagem 55: uso dos detalhes ilustrativos.

Enquanto na próxima tentativa a proporção do quadro se mantém, mas unido do apoio visual do retrato e a primeira simulação de papel pólen no spread. As escolhas dos detalhes são realizadas a partir dos seguintes critérios: textura do cabelo, partes do rosto ou cor da pele, fundo da pintura e detalhes da roupa. Entretanto, o grid final apresentou modificações ao longo das experimentações e o “detalhe ilustrativo”, ao

invés de ser aplicada numa proporção quadrada a versão final escolhida é uma proporção mais retangular de indicado nas imagens a seguir (imagem 56 e 57).

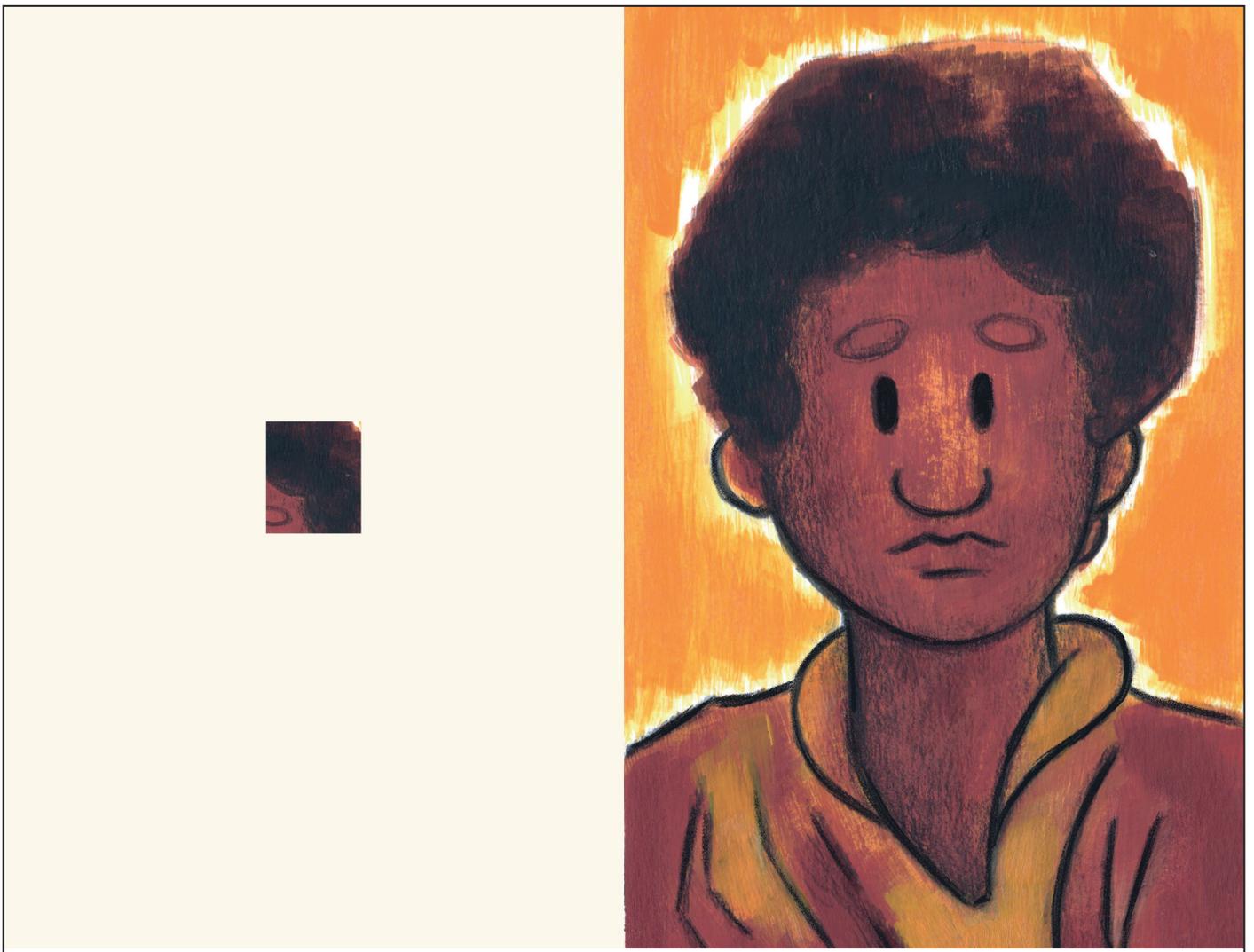


Imagem 56: uso dos detalhes ilustrativos com a versão nova da ilustração

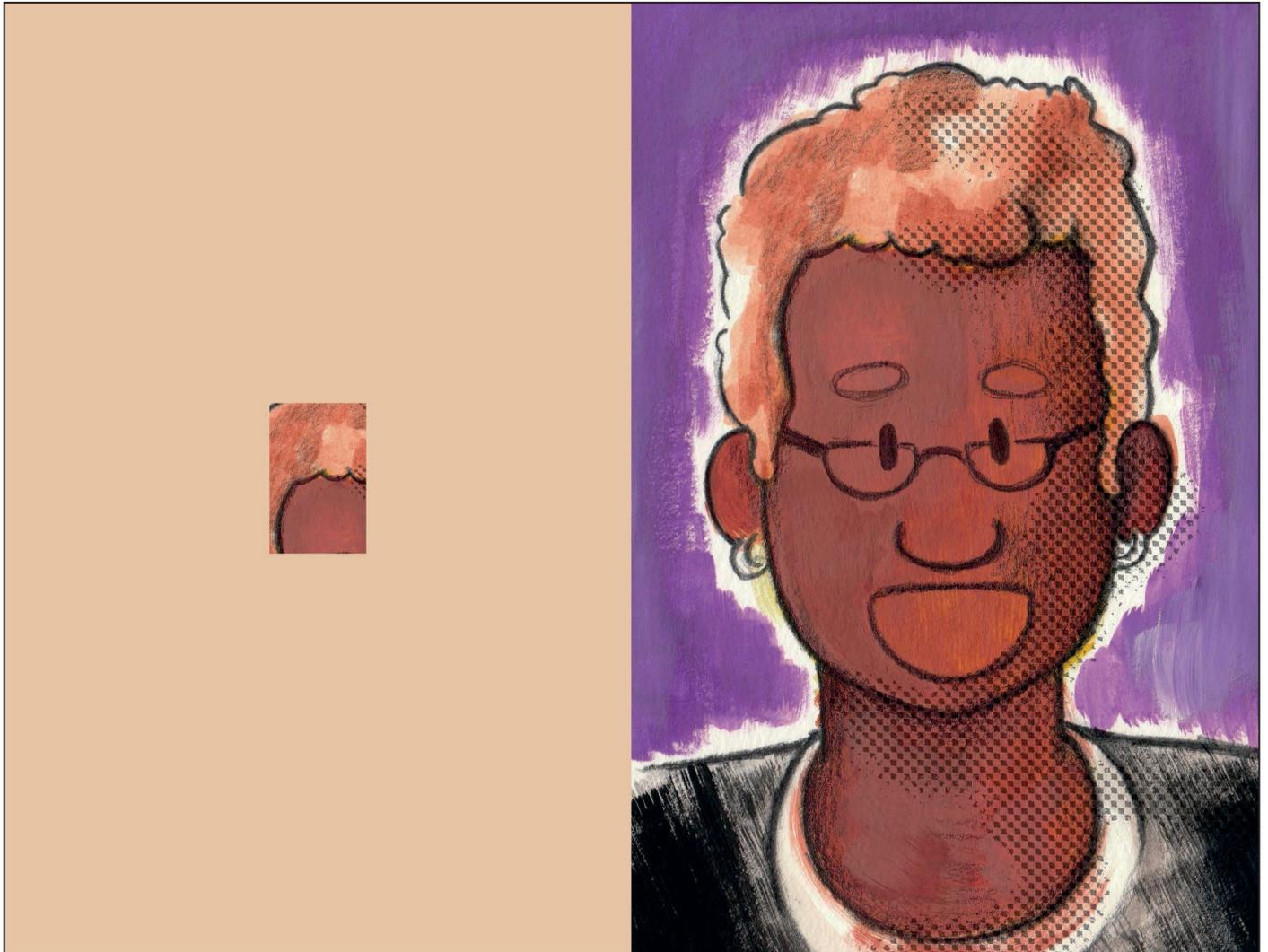


Imagem 57: spread final do detalhe ilustrativo e nova ilustração.

### **7.1.8. Desenvolvimento da capa**

O desenvolvimento da capa do editorial foi particularmente desafiador durante o processo fiz alguns testes na tentativa construir uma capa e contra - capa os quais transmitissem a assinatura gráfica desenvolvida no projeto. O primeiro conjunto de capas teve inspirações mais geométricas e tipográfica com o nome buscando

uma harmonia entre esses elementos. Outro aspecto dessas primeiras experimentações foi o uso das variações do nome Maria para ressaltar a pluralidade dessa nomeação.

No segundo conjunto de experimentações como o nome ainda não estava definido outras possibilidades de nomeação foram exploradas durante essa etapa. Considerei, após algumas orientações o nome 4X4 fazendo referencia ao numero de autoras homenageadas no livro. Busquei o experimentar uma harmonização de tipografias que são inspiradas em cartazes de protestos da comunidade negra e LGBTQI+ nos EUA. Além disso, a paleta de cores nessa fase já estava definida então também fiz uma tentativa de harmonizar novamente tais elementos (imagem 58 e 59).



Imagem 58: primeiras experimentações de capas.



Imagem 59: segunda fase de experimentações de capas.

Depois dessas últimas tentativas defini o nome do editorial como Marias e optei por usar algum elemento das ilustrações para a composição da capa. Conclui que as experimentações de capas tipográficas não foram muito satisfatórias, contudo, os tipos inspirados nos cartazes de protestos foram mantidos na produção final. Utilizei duas tipografias para compor o nome da capa final, VTC Martin Regular e a VTC Ruben Regular. Além disso, como apoio visual utilizei

um recorte das autoras ilustradas, harmonizando os elementos e inspirando – me em capas de livros sobre teóricas feminismo negro e cartazes de protestos (imagens 60 e 61).

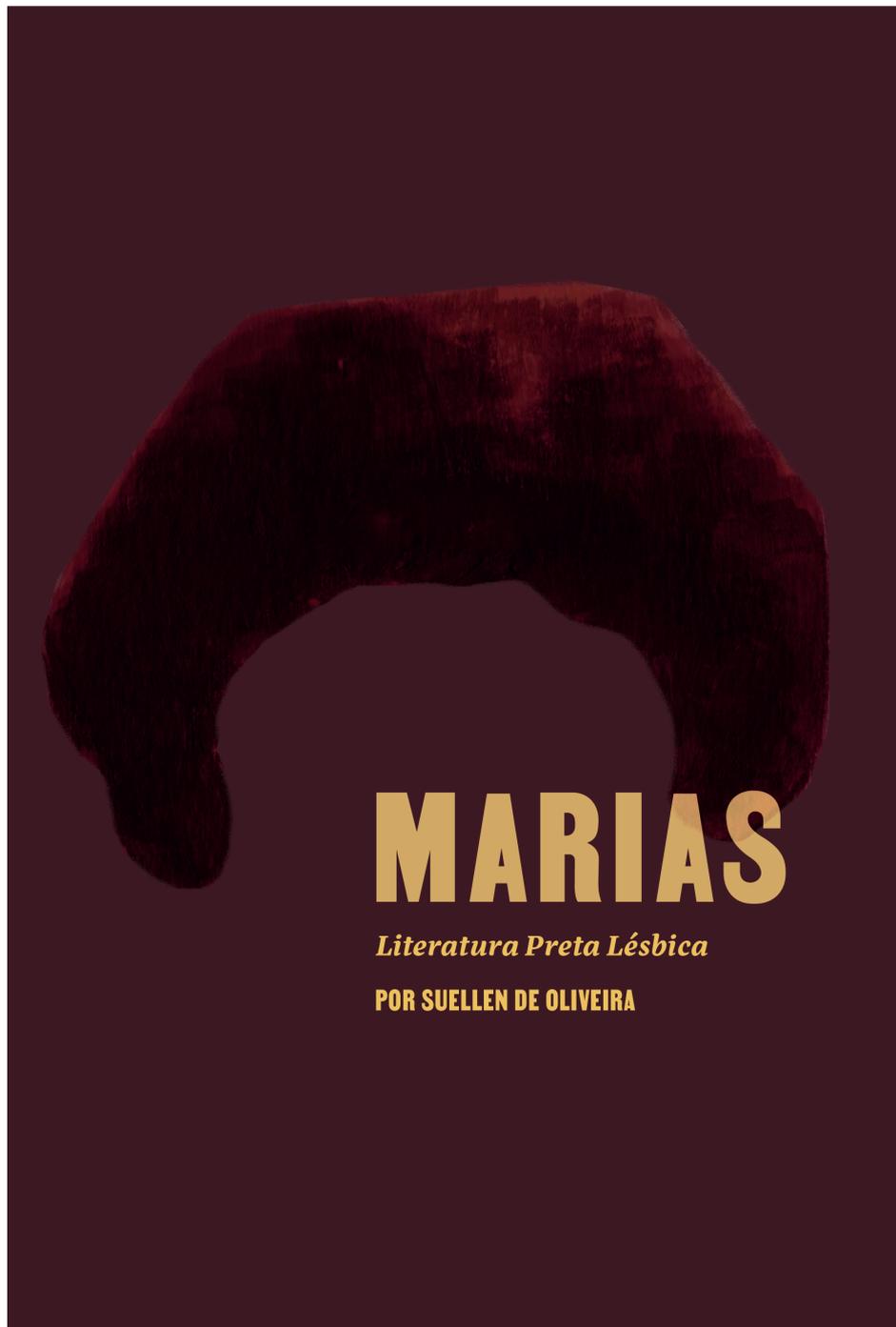


Imagem 61: capa final.

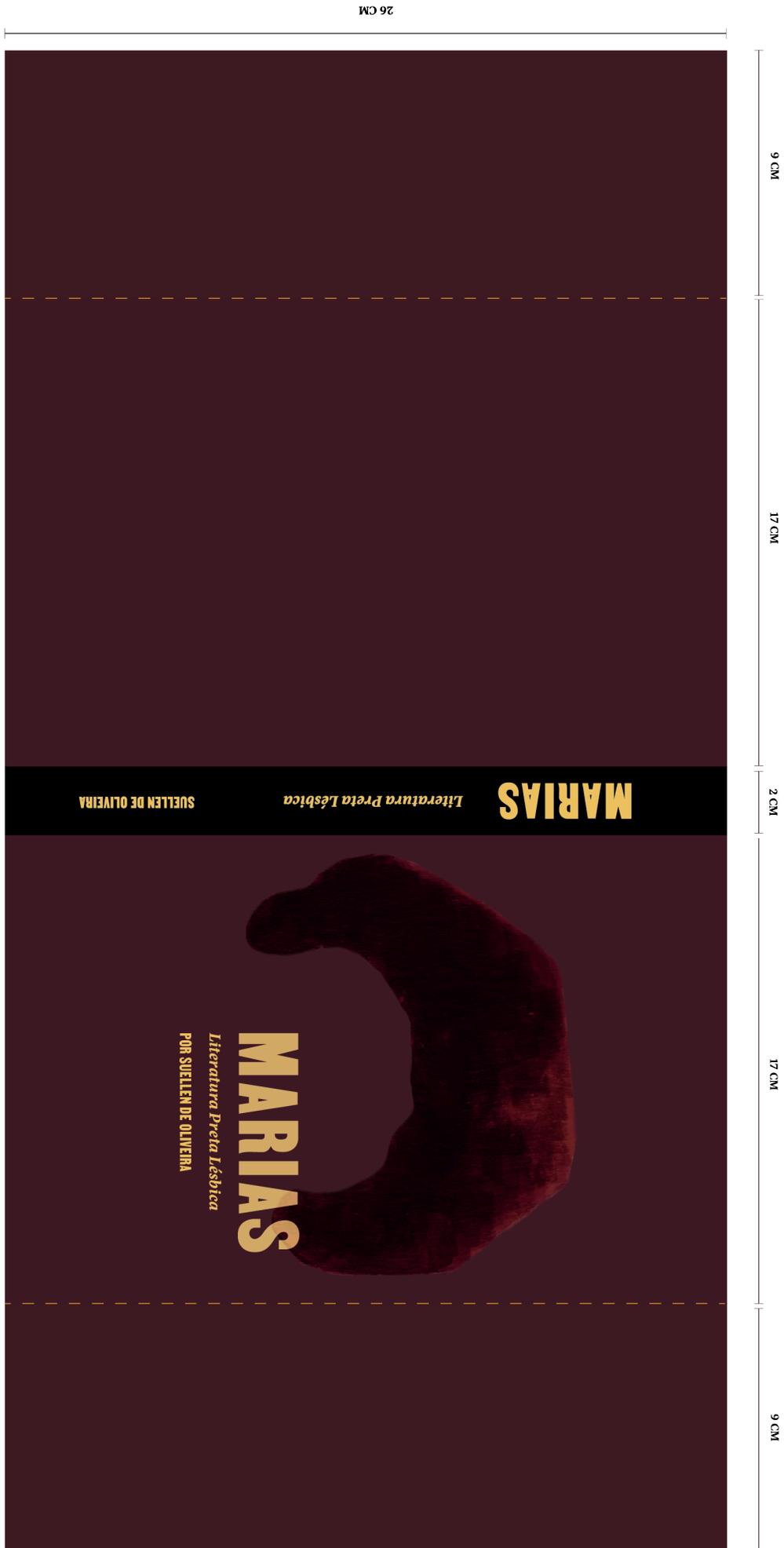


Imagem 62: planificação da capa, lombada e “orelha” da edição.

## **8.PALETA DE CORES**

O marrom e o vinho são as cores principais do livro enquanto o amarelo é utilizado como cor secundária. A paleta final faz referência aos tons usados na composição cromática das ilustrações. As primeiras experimentações de compor a paleta sofreram modificações seguindo a lógica das mudanças que ocorreram durante a execução dos esboços.

### **8.1.O uso de cores nas ilustrações**

A paleta inicial se baseava nas cores usadas constantemente por mim nos meus cadernos pessoais: azul, rosa, vermelho, amarelo e laranja. Inclusive os primeiros esboços das escritoras seguiram esse “padrão” de tons em decorrência dessa influência e o tom lilás é inspirado na capa da primeira edição da escritora Audre Lorde no Brasil (imagens 63 e 64) .



Imagem 63: fotografias do meu caderno pessoal.

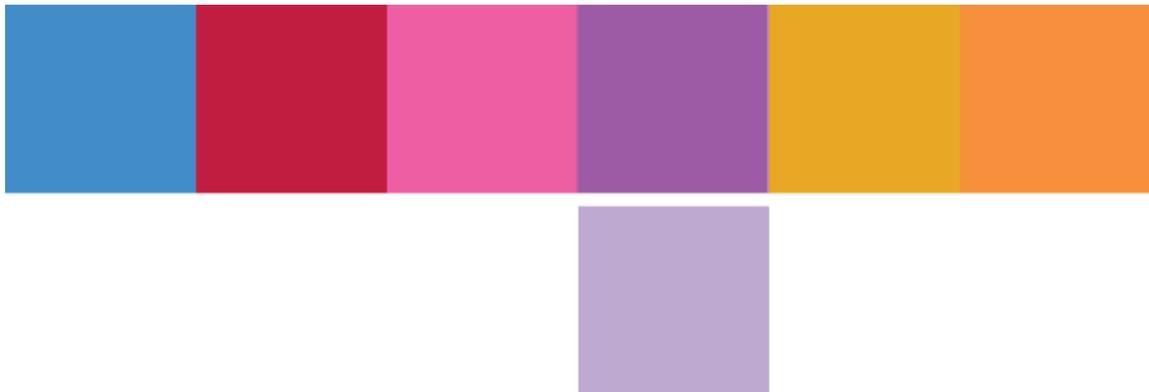


Imagem 64: primeira tentativa de construção de paletas.

O objetivo era trazer uma das minhas assinaturas artísticas no projeto, porém os tons escolhidos fora de contexto não obtiveram harmonia com o tema principal do livro que a representatividade da literatura lésbica preta. O protagonismo desejado da pluralidade racial não seria alcançado utilizando essa paleta. Após, a finalização dos novos esboços do retrato ilustrado das escritoras, montei uma nova paleta de cores do livro, inspirando – se nos tons das tintas utilizadas na pintura para construir as camadas de base das peles.

## **8.2. Materiais usados no processo de coloração**

Na segunda fase de experimentação de pintura outra mudança significativa do processo foi a alteração na técnica de pintura e material. A tinta guache é uma tinta à base de água, entretanto são mais opacas e desenvolvida em uma solução mais líquida devido ao alto nível de aglutinante, outra diferença importante para trabalhar com essa técnica e o uso do tom branco e preto na produção da iluminação. É esse fator que permite a sobreposição de camadas de tinta e os efeitos das texturas. Durante a composição dos tons da pele selecionei seis cores principais: branco, preto, amarelo médio, amarelo ocre,

marrom queimado e marrom terra. Uma paleta secundária de três cores: laranja, rosa e roxo para compor o fundo das ilustrações (imagens 65).



Imagem 65: fotografias das “bisnagas” de tintas.

### 8.3. Cores no projeto gráfico

Quatro tons de marrons, o preto e o amarelo ocre são as cores principais usadas no livro e foram inspiradas nas tintas guaches que usei na composição cromática das ilustrações. O preto e os tons de marrom garantem o destaque entre título, subtítulo, numeração da página, texto em prosa e poesias. Enquanto o amarelo ocre é usado no texto do sumário em contraste com o fundo marrom de maior porcentagem de preto

na composição e as demais cores também destacam o início de novos capítulos. Os tons de marrons os quais defini para compor a paleta foram nomeados em homenagem as autoras, porém em nenhum momento quero rotular ou estou definindo a tonalidade das peles das escritoras.

**marrom Lorde**

**C: 33% M: 95%**  
**Y: 60% K: 50%**  
**R: 110 G: 25 B: 45**

**marrom Ferreira**

**C: 20% M: 74%**  
**Y: 70% K: 14%**  
**R: 180 G: 85 B: 70**

**marrom Clarke**

**C: 15% M: 55%**  
**Y: 62% K: 4%**  
**R: 210 G: 130 B: 95**

**marrom Conceição**

**C: 50% M: 90%**  
**Y: 60% K: 80%**  
**R: 57 G: 17 B: 25**

**preto**

**C: 0% M: 0%**  
**Y: 0% K: 100%**  
**R: 30 G: 30 B: 27**

**amarelo ocre**

**C: 7% M: 25%**  
**Y: 74% K: 0%**  
**R: 240 G: 195 B: 85**

#### **8.4. Cor aplicada nas páginas**

Nas experimentações iniciais as páginas do livro ainda estavam em branco, após novos testes fiz uma simulação do papel pólen com um amarelo 30%, indicada no primeiro spread, porém com a intenção de não deixar espaço de branco nas páginas apliquei além da simulação de um tipo de papel, apliquei novamente amarelo 35% e sobrepondo com 20% segundo marrom Ferreira na versão finalizada do projeto gráfico, indicado na imagem do spread a seguir (imagem 66).

mudança e todo progresso interior  
vêm do reconhecimento e uso da  
diferença entre nós.”

“O amor expressado entre as  
mulheres é particular e poderoso,  
porque tivemos de amar para viver;  
o amor é a nossa sobrevivência.”

“E no meu trabalho insisto em que  
não existe algo como um amor  
universal na literatura.”

“Amo escrever poemas de amor; amo  
amar. Para colocar isso em outra  
perspectiva que não seja a poesia,  
escrevi um ensaio intitulado “Usos  
do erótico: O erótico como poder”,  
do amor como uma manifestação.”



Imagem 66: cor final das páginas.

## 9. TIPOGRAFIA

Para o sumário, aberturas de sessão, títulos e subtítulos a tipografia escolhida foi a Impact de uma família sem serifa usada principalmente em manchetes. Por causa das suas linhas ultra – grossas, altura - x de três quartos e espaçamento entre linhas muito comprimido o que gera grande impacto ao leitor. Nas sessões de abertura

a tipografia assume um caráter de composição e imagem unida as texturas das ilustrações, desenvolvendo assim um apelo visual marcante indicando o começo de cada capítulo das quatro autoras.

Nos textos corridos, foi utilizada a família tipográfica Eskorte Latin faz referência aos tipos clássicos com serigrafia e desenvolvida pela designer Elena Schneider, além disso ela apresenta uma variação de pesos que auxiliam na hierarquização do conteúdo do livro (imagens 67, 68, 69, 70, 71).



Imagem 67: tipografia Impact.

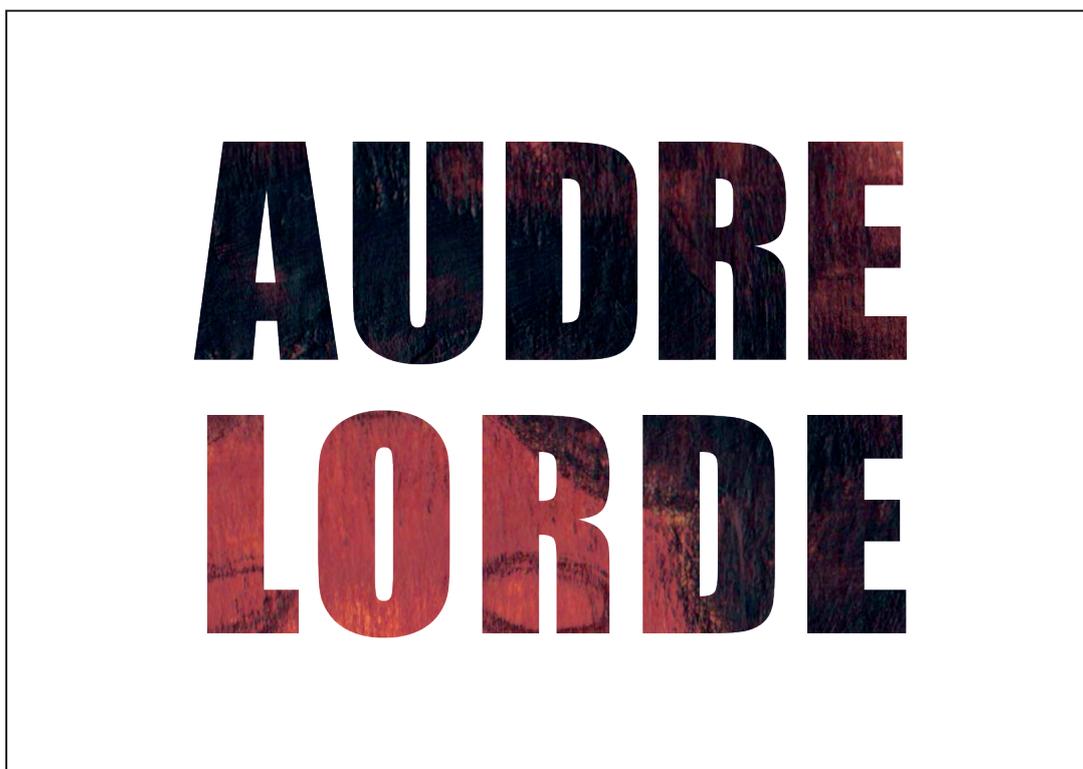


Imagem 68: sobreposição da tipografia e ilustração da autora.

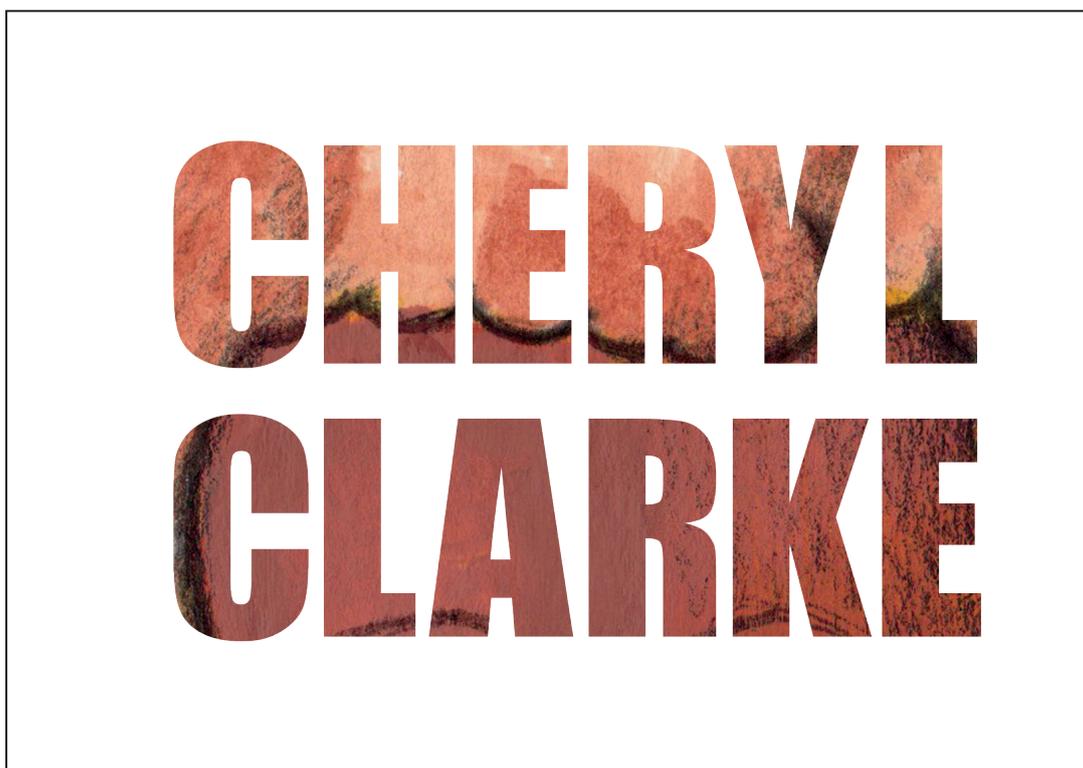


Imagem 69: sobreposição da tipografia e ilustração da autora.



Imagem 70: sobreposição da tipografia e ilustração da autora.



Imagem 71: sobreposição da tipografia e ilustração da autora.

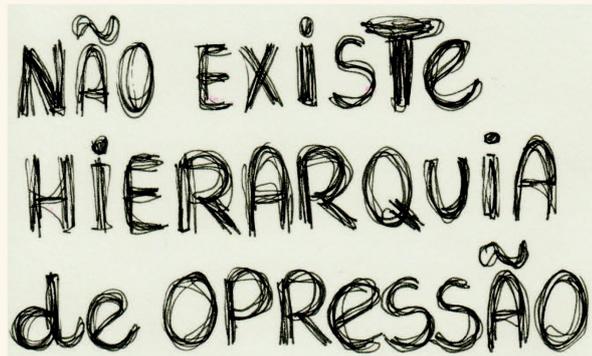
Para a abertura dos capítulos a tipografia impact proporciona um papel de composição e imagem, pois as ilustrações foram sobrepostas aos nomes das escritoras o possibilitando uma textura única o que indica o início de cada sessão (imagem 72).



Imagem 72: família tipografica Eskorte Latin.

### **9.1. Post – it**

O post – it é utilizado no projeto como um elemento artesanal o qual desenvolvi a partir de experimentações com o meu caderno pessoal. Os primeiros testes surgiram da necessidade de organizar visualmente e hierarquizar o conteúdo selecionado das escritoras devido a diversidade dos textos escolhidos na composição do livro. O editorial valoriza a pluralidade dos gêneros textuais de cada escritora que variam entre: ensaios, poemas, contos e romance. Os posts – it são inspirados nos tradicionais feitos nas indústrias usados para organizar as informações, porém aqui ao invés de utilizar um já fabricado, usei folhas rasgadas do meu sketchbook e minha caligrafia na produção desse elemento gráfico do projeto (imagens 73, 74 e 77).



NÃO EXISTE  
HIERARQUIA  
de OPRESSÃO

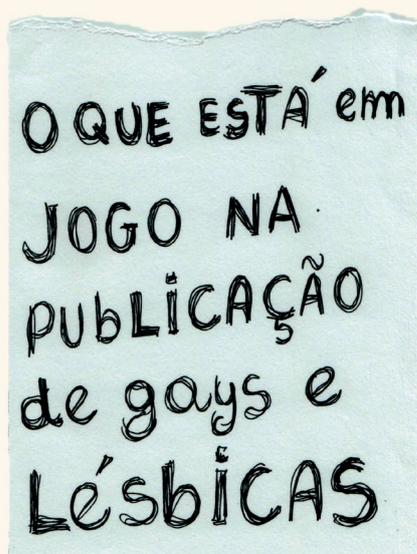
Textos selecionados

20

“Como negra, lésbica socialista, mãe de dois, entre eles um menino, e integrante de um casal inter-racial, com frequência me vejo parte de um grupo em que a maioria me define como desviante, difícil, inferior ou simplesmente “errada”.  
“Com a minha presença em todos esses grupos, aprendi que a opressão e a intolerância com a diferença podem se manifestar em todas as formas, cores e sexualidades; e que, entre aqueles com quem compartilhamos os objetivos de libertação e de um futuro possível para nossos

21

Imagem 73: primeira experimentação com a aplicação do post - it.



O QUE ESTÁ em  
JOGO NA  
PUBLICAÇÃO  
de gays e  
LÉSBICAS

Textos selecionados

24

“o que os livros de lésbicas e gays têm a lhe oferecer?”  
“escritoras lésbicas e autores gays por toda a europa documentam o que as mudanças políticas naquele continente podem significar para as pessoas de cor, isto é, para a maioria das pessoas neste planeta. Quantos desses escritores vocês conhecem?”  
“Quantos escritores de cor vocês publicaram, ou encorajaram ou ajudaram a dar voz de alguma maneira?”  
“Na Marcha Nacional de Lésbicas e Gays em Washington D.C.,

25

Imagem 74: continuação.

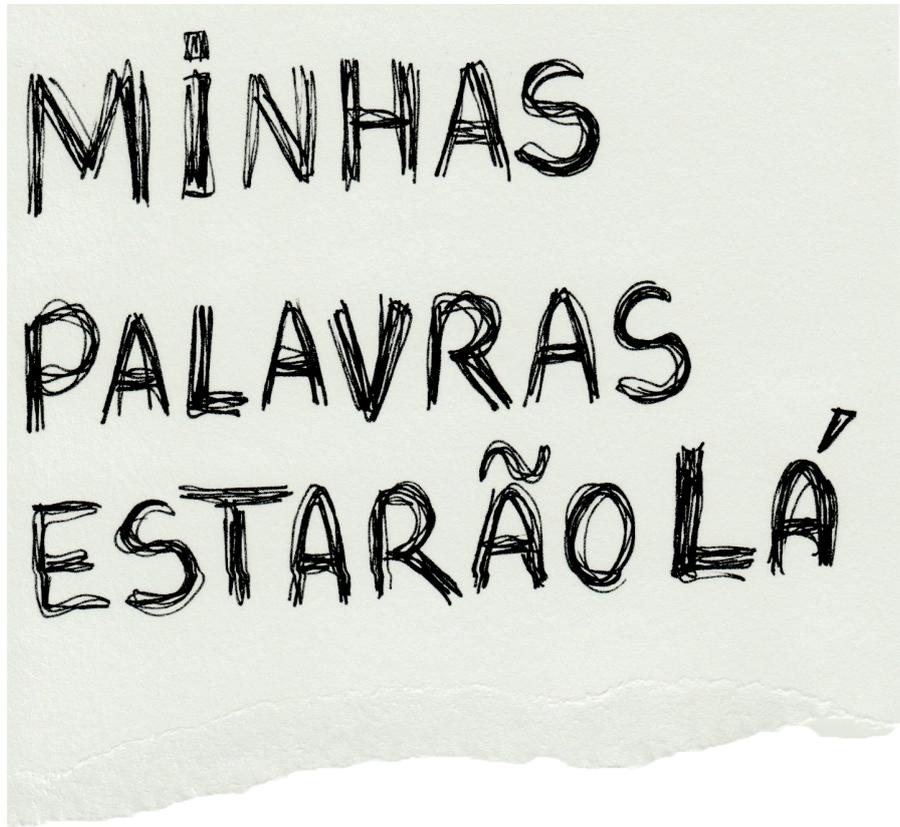


Imagem 75: primeiras experimentações do post - it.

Nas primeiras experimentações fiz todo o processo manualmente, scaneei e editei fazendo apenas pequenas alterações, preservando as cores originais e textura dos papéis. A aplicação nas páginas seguiu essa lógica de manter o formato e direção que o papel foi rasgado, o capítulo da Audre Lorde por ter muitas subdivisões os posts – its tiveram um fator essencial na hierarquização do conteúdo. Entretanto, a regra utilizada na aplicação desse elemento gráfico é orientar o leitor na passagem dos subtítulos de cada escritora, a Audre, por exemplo, tem uma vasta produção textual do gênero poético, mas também

conteúdo em prosa e o projeto editorial aborda ambos.

Na última etapa de experimentação, editei as cores do post – it digitalmente para que harmonizasse com os tons das páginas do livro e mantivesse um padrão. Mantendo as demais características do formato e a minha caligrafia (imagens 76 e 77).



Imagem 76: post - it final.



Beijo NA face

“a sensação impregnada do beijo na face.”

“Os toques aconteceram carregados de sutileza. Carinhos inicialmente experimentados apenas com as pontas dos dedos desejos. Ela estava aprendendo um novo amor.”

“No princípio, a aprendizagem lhe custara muito acostumada ao amor em que tudo ou quase tudo pode ser gritado, exibido aos quatro ventos, Salinda perdeu o chão.”

“Não, não era a ostentação que aquele amor pedia. O amor pedia o direito de amar, somente.”

“Mesmo estando entupida de

Imagem 77: aplicação final nas páginas.

## 10. CARTOGRAFIAS NO EDITORIAL

Após o fechamento das definições projetuais as cartografias assumiram um novo objetivo no editorial. O conteúdo produzido ao invés de ser usado como parâmetro para identidade visual ou um projeto em si, é utilizado como metodologia de pesquisa desenvolvimento da base teórica e também na composição visual do livro. As

cartografias são aproveitadas no projeto como um elemento gráfico e nos primeiros experimentos de harmonizar – las com os textos não obteve um bom resultado de legibilidade e não agregou para a visibilidade do livro.

Apliquei sobreposição de mais de uma experimentação, saturando alguns tons das paletas iniciais, além disso também tentei simular texturas nelas. Outra tentativa foi repetir o método de maneira menos espontânea em folhas avulsas e não no caderno para aplicar a imagem sem a necessidade de muitas edições finais, principalmente nas dobras da costura do sketchbook. Entretanto a penúltima experiência tentei reproduzir o conteúdo de maneira espontânea e toda expressividade gráfica foi perdida nesse processo e nas etapas finais testei mais possibilidades de uso delas ao longo do projeto, ao invés de editar e usar cartografias inteiras selecionei as melhores as quais valorizassem a minha expressividade e a estrutura do livro (imagens 78, 79, 80 e 81).



filhos, não podem existir hierarquias de opressão.”  
 “É um padrão de cinismo direitista encorajar integrantes de grupos oprimidos a agir uns contra os outros, e, enquanto estivermos divididos por causa de nossas identidades específicas, não poderemos nos unir numa ação política efetiva.”  
 “Dentro da comunidade lésbica, sou negra, dentro da comunidade negra, sou lésbica.”  
 “então sei que não posso me dar ao luxo de combater apenas uma forma de opressão.”

22

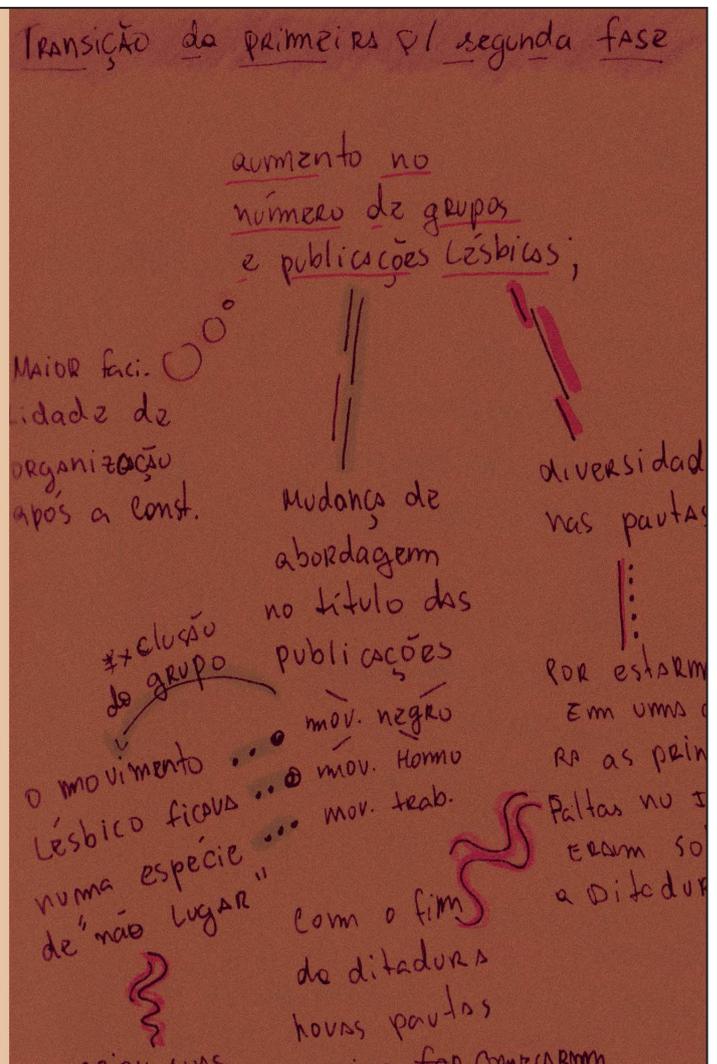


Imagem 79: tentativa de composição com textura.

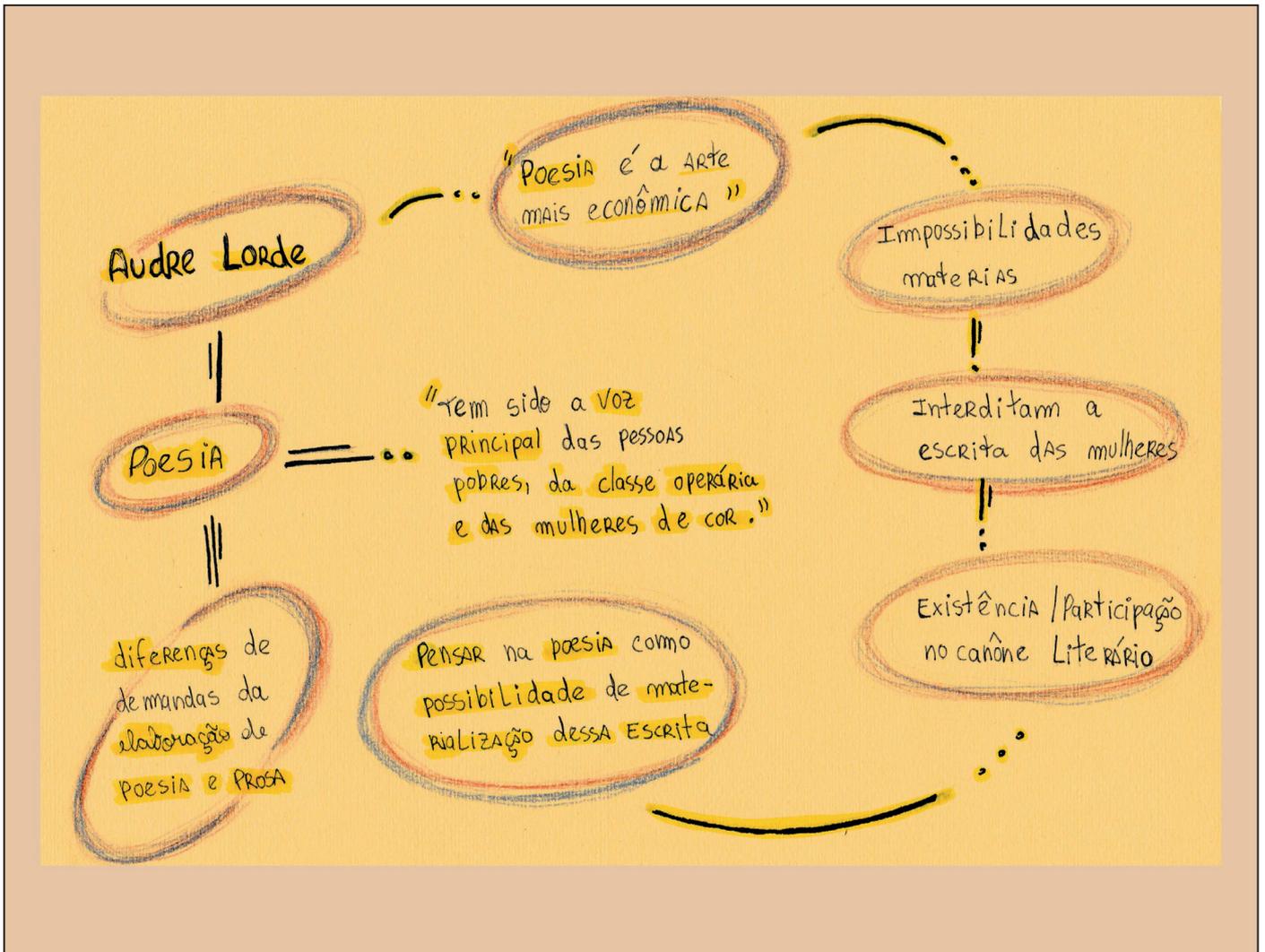


Imagem 80: tentativa de reprodução das cartográfias.

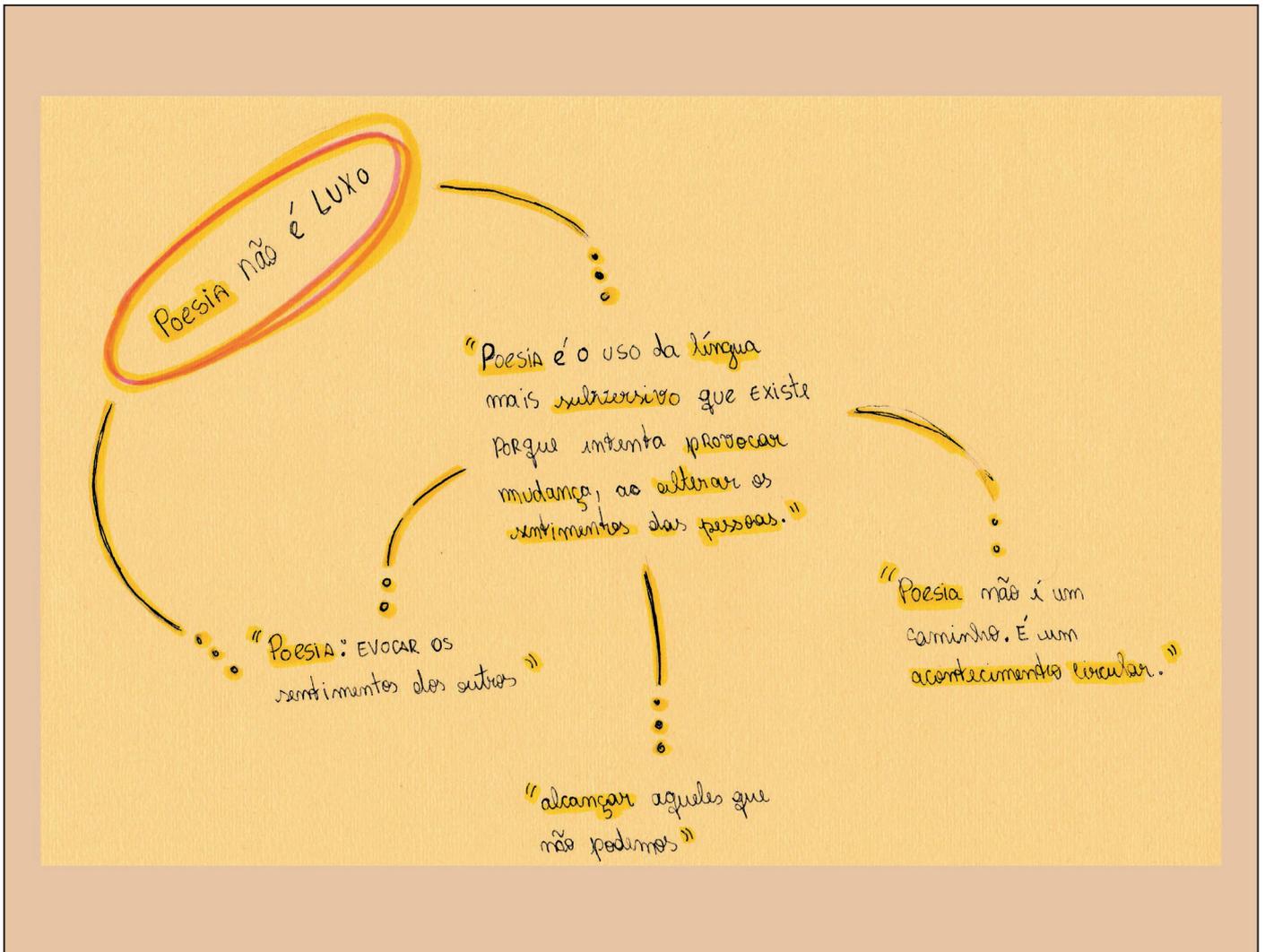
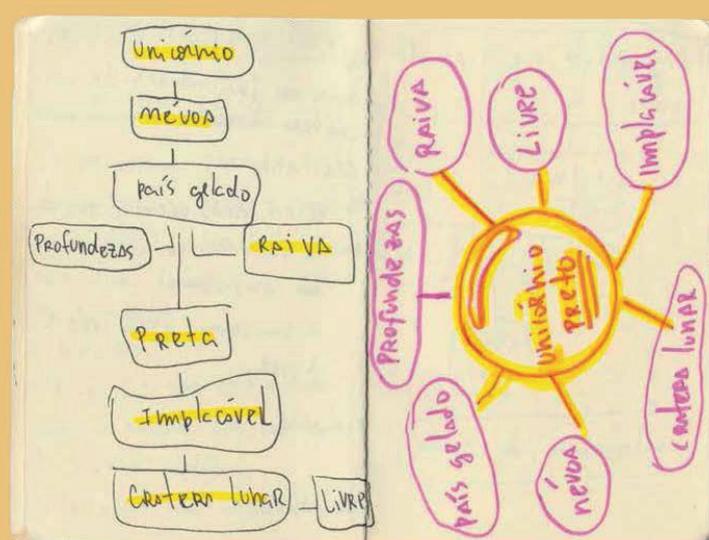


Imagem 81: nova tentativa de refazer - las.

## Spreads com as cartografias finais



30 experimentações cartográficas

31

Imagem 82: aplicação final no projeto.

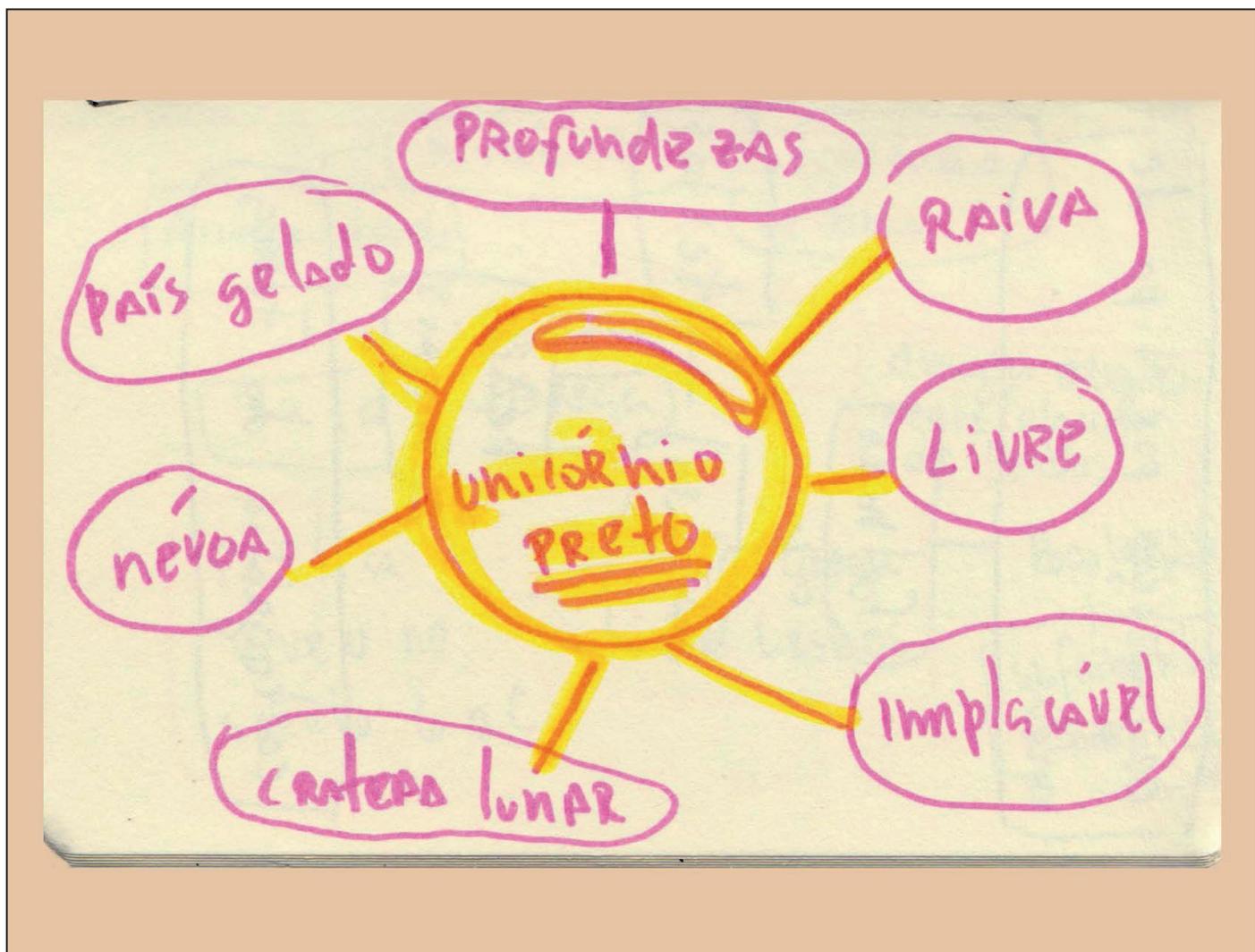


Imagem 83: aplicação final no projeto.

### **Duotone**

O efeito duotone é aplicado nas cartografias que utilizo como folha de rosto no livro e nas páginas de indicações de leitura de cada autora. As cores de ambas são inspiradas nos tons da paleta do projeto (imagens 84 e 85).

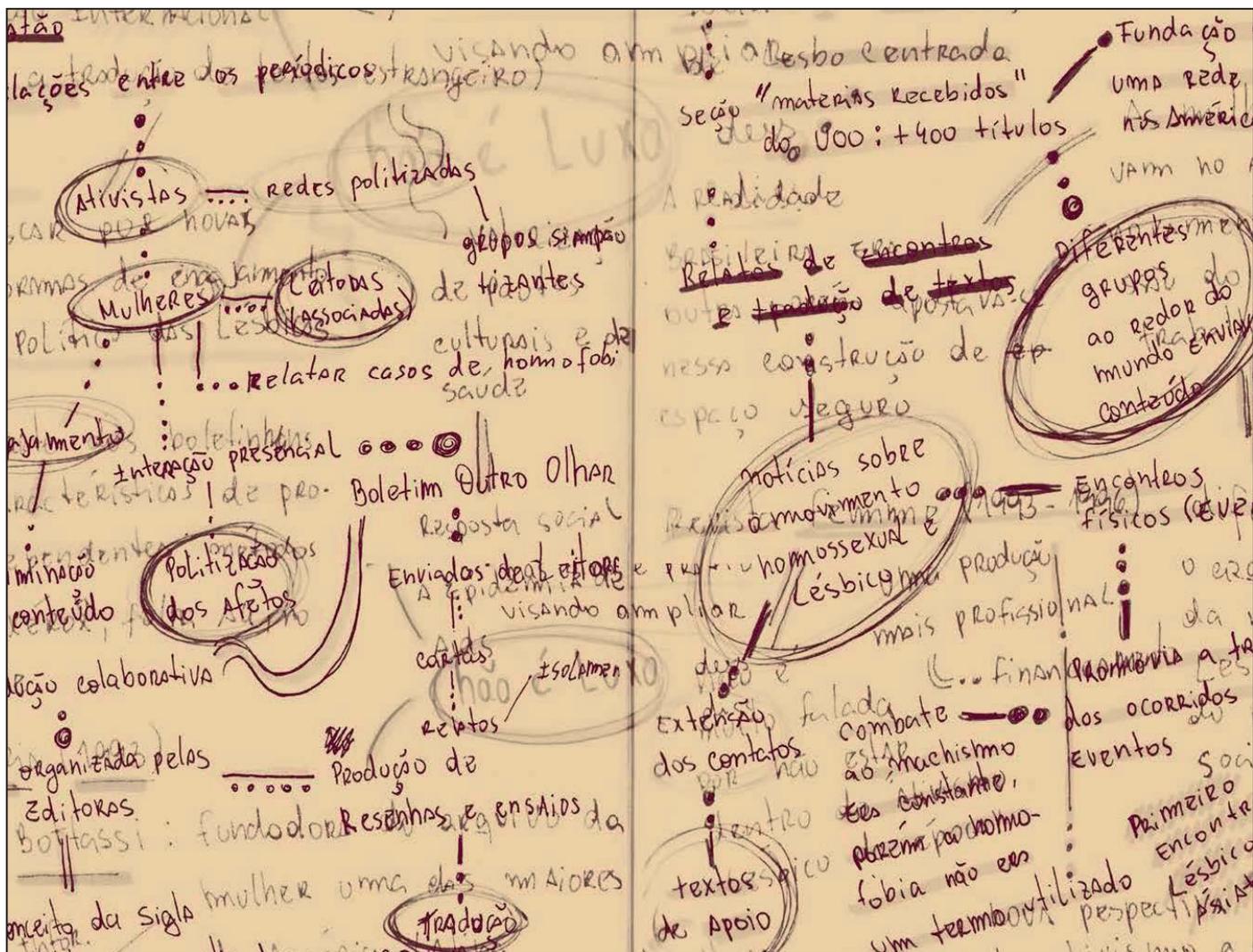


Imagem 84: aplicação do efeito doutone para composição das folhas de rosto.



Imagem 85: duotone utilizado como elemento gráfico no projeto.

## 11. GRID

Apesar do formato da edição ter sido uma das primeiras definições relativas as dimensões do projeto, o grid sofreu algumas modificações até a conclusão do projeto. Um dos parâmetros na composição da página é valorizar os textos das autoras e valorizar o espaço em branco da diagramação. Por isso, durante o

desenvolvimento do grid, priorizei uma boa legibilidade para o leitor e entrelinhas menos estreita.

A estrutura final do livro é composta por uma grid modular que proporciona uma liberdade maior para diagramar gêneros textuais distintos das autoras, outro fator importante era garantir o formato o qual valorizasse a aplicação das ilustrações e cartografias sem perda significativas de informações das imagens. Além do mais as margens superiores e inferiores têm as dimensões de 2,5 cm e as internas e externas com 1 cm.

### **11.1. Formato da publicação**

O objeto é inspirado nas dimensões de publicações das histórias em quadrinhos e/ ou revistas de tamanho médio, por isso a escolha do formato 17 x 26 cm para garantir a qualidade e sua portabilidade (imagem 86).

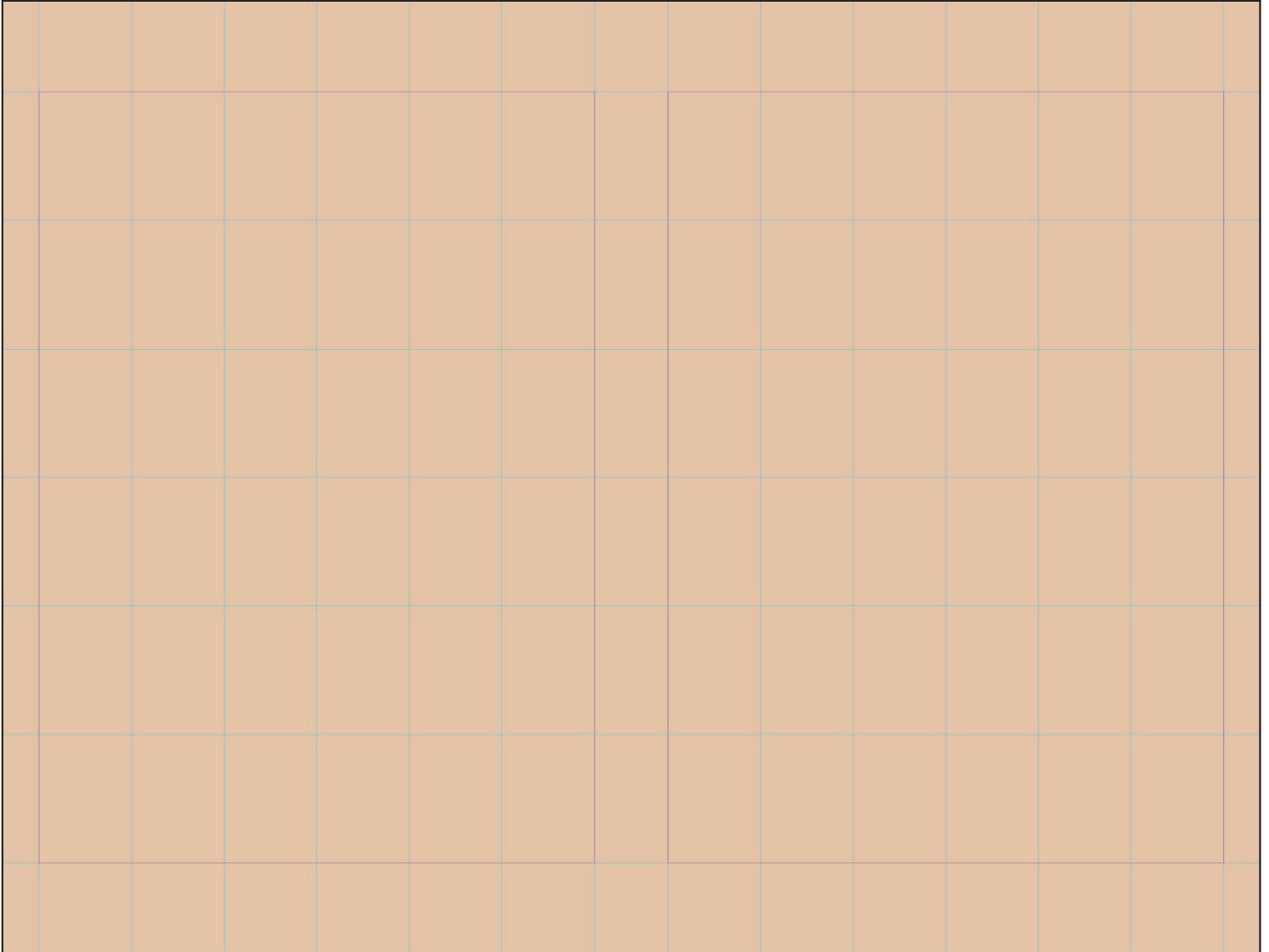


Imagem 86: grid modular.

## **12. FINALIZAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO**

A disponibilização poderá ser feita de algumas maneiras: a publicação impressa seria uma edição de luxo colorida publicada por meio de um financiamento coletivo.

### **- Especificações técnicas:**

Impresso: Edição de Luxo

Tamanho da edição:

- 17 x 26 cm fechado
- 34 x 26 cm aberto
- Lombada: quadrada(brochura).
- Tipo de encadernação: colada com cola quente e costurada.

Miolo: 96 páginas divididas por 6 cadernos.  
costurados e cada miolo terá 16 páginas.

- Papel: pólen de gramatura 90 g/m<sup>2</sup>.
- Impressão: colorida, CMYK.

Capa:

- Flexível em papel cartão supremo de 150g com acabamento fosco.
- Impressão: colorida, CMYK.

### **Versão Zine**

É o ultimo formato seria uma zine em preto e branco grampeada o qual poderia ser distribuído gratuitamente em feiras de livros, cebos, eventos literários, entre outros e impressas de forma caseira pelo publico interessado.

Formato: A5

Papel: A4 de 90g/m<sup>2</sup> branco.

Encadernação: grampeado.

Cores: Preto e branco.

## **Versão Digital**

O projeto também será hospedado na plataforma online Issuu, ficando disponível gratuitamente para o público. Outro formato possível é o lançamento de um e – book em sites especializados, porém solicitando uma contribuição voluntária do leitor.



**Link para a publicação:**

[https://issuu.com/suellendeoliveira/docs/miolo\\_marias\\_final\\_4](https://issuu.com/suellendeoliveira/docs/miolo_marias_final_4)

## **13. CONCLUSÃO**

O tema de pesquisa para o desenvolvimento desse projeto ocorreu da minha constante necessidade de questionar a falta de representatividade das mulheres pretas e lésbicas na literatura e cultura pop em geral. A constante busca da representatividade me atravessou e ainda atravessa de diversas formas desde a infância, adolescência e agora na vida adulta. Ter tido a oportunidade de ingressar na universidade pública me deu a oportunidade de ser quem eu desejava ser e lutar por esse direito que antes por uma série de questões ainda não tinha examinado sobre minhas origens e quem

gostaria de ser. Me expressar por meio dos desenhos é algo tão intrínseco a minha essência que não saberia descrever quando começou, contudo o uso da experiência com a ilustração tradicional durante a trajetória na ESDI, ocorreu de forma bastante contida inicialmente, o qual utilizava apenas como um plus no meu desempenho em projetos manuais.

Após alguns anos de curso que percebi a possibilidade de utilizar mais amplamente meu conhecimento como ilustradora na área do design. Buscando, adicionar essa expressividade artística com mais recorrência nos trabalhos. Contudo, foi apenas durante o desenvolvimento do TCC que realmente utilizei dessa expressão para idealizar meu tema de pesquisa.

Com isso, a escolha do meu tema de projeto está relacionada a interesses antigos e mais atuais os quais nasceram durante a minha vivência esdiana de questionar o papel do designer na manutenção da representatividade e visibilidade de grupos historicamente excluídos do poder. O interesse pelo tema me permitiu mergulhar em diversos meios de produção de conteúdo teórico feminista preto e lésbico, não apenas na literatura, mas também filmes, séries, animações e expressões artísticas.

Busquei, não me limitar apenas ao uso de computadores durante a pesquisa e outro ponto de aplicação prática do projeto. Isso foi essencial para ter a liberdade de utilizar minha expressão artística com técnicas de pintura tradicionais em paralelo ao que assimilei durante meus anos como estudante de design.

Além disso, outras áreas do design as quais não tinha conhecimento aprofundado como os métodos cartográficos, análise de dados de forma não digital ou por programação foram essenciais para a realização deste trabalho.

As experimentações cartográficas feitas principalmente durante a primeira etapa da pesquisa são essenciais no questionamento de como o design poderia contribuir na visibilização do conteúdo pesquisado.

O Projeto Editorial Marias: Literatura Preta Lésbica, surgiu após algumas experimentações cartográficas as quais auxiliaram na curadoria dos textos selecionados para compor o livro e as ilustrações que são parte essencial do trabalho, pois retorna não apenas as minhas origens, mas também ressaltam em como os processos e métodos de design agregaram na minha formação profissional e pessoal.

Ao final desse projeto reforço a importância de apoiar novas formas de abordar a representatividade da literatura feita por mulheres de cor e fora dos padrões heteronormativos. Graças ao advento da internet, redes sociais e novas editoras independentes as quais apoiam autores em início de carreira ou independentes na divulgação dos seus escritos, compartilhamento e tradução de diversos conteúdo da comunidade estão circulando entre o público que tem se mostrado cada vez mais interessado em narrativas representativas.

O projeto editorial ficará disponível na plataforma Issuu gratuitamente para acesso ao público e também seria interessante analisar formas de lançar uma edição de luxo por meio de financiamento coletivo, além de versões em e – book e zine preto /branco. Essas seriam algumas das possibilidades de colocar o projeto acessível a sociedade. Por fim, fico realizada em ter desenvolvido um projeto que contribua na ampliação e divulgação de uma literatura protagonizada por mulheres pretas lésbicas, o qual tem ocupado cada vez mais espaço no circuito literário.

#### 14. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ANEXOS

MIRANDA, L. LUZ, MIRANDA, SILVA - Afeto e deshumanização.pdf. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1ETxh1aS3im2ciNeA7-FHK5n2WryFcMa2/view>>. Acesso em: 28 out. 2020.

FACE, NA. GOMES - ENTRE ELAS\_ RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NEGRAS EM BEIJO NA FACE E ISALTINA CAMPO BELO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.pdf. Google Docs. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1WnARX0T-BlXo7D\\_ADVLo1fvKepEmBXI4/view](https://drive.google.com/file/d/1WnARX0T-BlXo7D_ADVLo1fvKepEmBXI4/view)>. Acesso em: 28 Oct. 2020.

GEOGRAFIAS.PDF, POLESSO. POLESSO - Geografias.pdf. Google Docs. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1nYBie1p\\_CkyO6yC7Up8lfEbEWStelg2d/view](https://drive.google.com/file/d/1nYBie1p_CkyO6yC7Up8lfEbEWStelg2d/view)>. Acesso em: 28 Oct. 2020.

SILVA. SILVA - Lésbicas Negras.pdf. Google Docs. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1TwF\\_cZrQINEwPMLDwrSCyWFPXLjJqh6h/view](https://drive.google.com/file/d/1TwF_cZrQINEwPMLDwrSCyWFPXLjJqh6h/view)>. Acesso em: 28 Oct. 2020.

TEXTOS ESCOLHIDOS DE AUDRE LORDE.PDF. Textos escolhidos de Audre Lorde.pdf. Google Docs. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1nXZ8\\_EeJ0YwxWMGHMjqnR\\_C4BQowjUOt/view](https://drive.google.com/file/d/1nXZ8_EeJ0YwxWMGHMjqnR_C4BQowjUOt/view)>. Acesso em: 28 Oct. 2020.

LORDE, AUDRE. IRMÃ OUTSIDER: Ensaios e conferências. 1ª edição. Editora: Autêntica.

WALKER, ALICE. A cor púrpura. 19ª edição. Editora: José Olympio. Rio de Janeiro, 2020.

DENNIS - BENN, NICOLE. Bem-vindos ao paraíso. Editora: Morro Branco. São Paulo, 2018.

EVARISTO, CONCEIÇÃO. Insubmissas Lágrimas de Mulheres. Editora: Malê. 3ª edição. Rio de Janeiro, 2016.

LORDE, AUDRE. Entre nós mesmas Poemas reunidos. Editora: Bazar do tempo. 1ª edição. Rio de Janeiro, 2020.

FERREIRA, LÍVIA. No Olhar do Invisível. Eboo Kindle. 1ª edição. 12 agosto 2020.

BRINGHRST, ROBERT. Elementos do Estilo Tipográfico. 3ª edição. São Paulo, 2015.

KOSMINSKY, DORIS; CASTRO, BARBARA; LUDWIG. Existência Numérica. Rio Books/Oi Futuro. Rio de Janeiro, 2018.

ADE. O erótico, a sexualidade e o amor na escrita de Cheryl Clarke, por Thamires Zabotto. Disponível em: <<https://escamandro.wordpress.com/2015/03/26/o-erotico-a-sexualidade-e-o-amor-na-escrita-de-cheryl-clarke-por-thamires-zabotto/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

Dossiê Afrofuturismo: saiba mais sobre o movimento cultural - Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/dossie-afrofuturismo-saiba-mais-sobre-o-movimento-cultural/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

Iconoclastas. Disponível em: <<https://iconoclastas.net/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

GIORGIALUPI. giorgialupi. Disponível em: <<http://giorgialupi.com/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

cheryl clarke – escamandro. Disponível em: <<https://escamandro.com/tag/cheryl-clarke/>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

TAMMUZS. Tradução de 4 poemas de Cheryl Clarke - tammuzs - Medium. Disponível em: <<https://tammuzs.medium.com/tradu%C3%A7%C3%A3o-de-4-poemas-de-cheryl-clarke-37cebaf0d710>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

@afrocaminhao | Linktree. Disponível em: <<https://linktr.ee/afrocaminhao>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

Home - Bazar do Tempo. Disponível em: <<https://bazardotempo.com.br/>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

Home - A Bolha Editora. Disponível em: <<https://abolha.com/>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

Reflexões para o debate contemporâneo – antropologia, psicanálise, filosofia, arquitetura, artes visuais, design e literatura Home 2021. Disponível em: <<https://www.ubueditora.com.br/>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

CANAL SAÚDE OFICIAL. Ciência & Letras - Conceição EvaristoYouTube, 2 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IMQps4LU0t4>>. Acesso em: 18 ago. 2021

INSTITUTO DE ARTE TEAR. Escrivivência - Episódio 01 da série Ecos da PalavraYouTube, 25 set. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE&t=47s>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

## PERGUNTAS DA ENTREVISTA

Entrevistada: Escritora independente Livia Ferreira

1. Quais autoras pretas lésbicas te inspiram?

Eu gosto muito da Audre Lorde. Não conheço muitas autoras lésbicas negras, então costumo me inspirar em todas as mulheres negras que são escritoras e falam sobre vivências através da arte.

2. O que te inspira para escrever suas histórias? Compartilhe um pouco sobre seu processo criativo.

R: O que mais me inspira a escrever minhas histórias é o fato de que há poucas que colocam mulheres lésbicas negras como protagonistas, principalmente em contextos felizes. Meu processo criativo é basicamente ouvir a trilha sonora do capítulo, fechar os olhos, imaginar a cena e escrever depois. É claro que antes disso rolam algumas pesquisas, fichas de personagem e toda a questão técnica, mas considero um processo mais espiritual do que teórico.

3. Como você acessou as autoras sapatões? Por meio da internet, livros impressos, jornais, e – book entre outros?

R: Por meio do twitter, principalmente. Depois que conheci o chamado "booktt" pude encontrar mais autoras sapatonas.

4. Suas principais dificuldades na atuação do mercado editorial?

R: eu me considero muito sortuda porque tive o prazer de ser notada por duas editoras fantásticas, a Se Liga, e a viés, mas a maior dificuldade no meio editorial é a real falta de representatividade em eventos literários e a pouca visibilidade que histórias como a minha acabam tendo. Ainda há muito preconceito velado.